

Ocupar & movimentar &
aprender matemáticas

Políticas
Sem-tela

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Faculdade de Ciências e Letras. Campus de Araraquara - SP

Eric Machado Paulucci
Araraquara – SP
2022

ERIC MACHADO PAULUCCI



Ocupar e movimentar e
aprender matemáticaS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Linha de Pesquisa: Estudos históricos, filosóficos e antropológicos sobre escola e cultura.

Orientador: Prof. Dr. Denis Domeneghetti Badia.

Bolsa: CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

P333p

Paulucci, Eric Machado

Poéticas Sem-Teto : ocupar ou movimentar ou aprender matemáticaS / Eric Machado Paulucci. -- Araraquara, 2022

149 p. : il., tabs., fotos, mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientador: Denis Domeneghetti Badia

1. Matemática. 2. Etnomatemática. 3. MTST. 4. Decolonialidade. 5. Filosofia da Diferença. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ERIC MACHADO PAULUCCI



Ocupar e movimentar e aprender matemáticaS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Linha de Pesquisa: Estudos históricos, filosóficos e antropológicos sobre escola e cultura.

Orientador: Prof. Dr. Denis Domeneghetti Badia.

Bolsa: CAPES.

Data da defesa: 03 / 02 / 2022.

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Denis Domeneghetti Badia

Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Araraquara.

Membro Titular: Prof.ª. Dra. Paula Ramos de Oliveira

Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Araraquara.

Membro Titular: Prof.ª. Dra. Carolina Tamayo Osorio

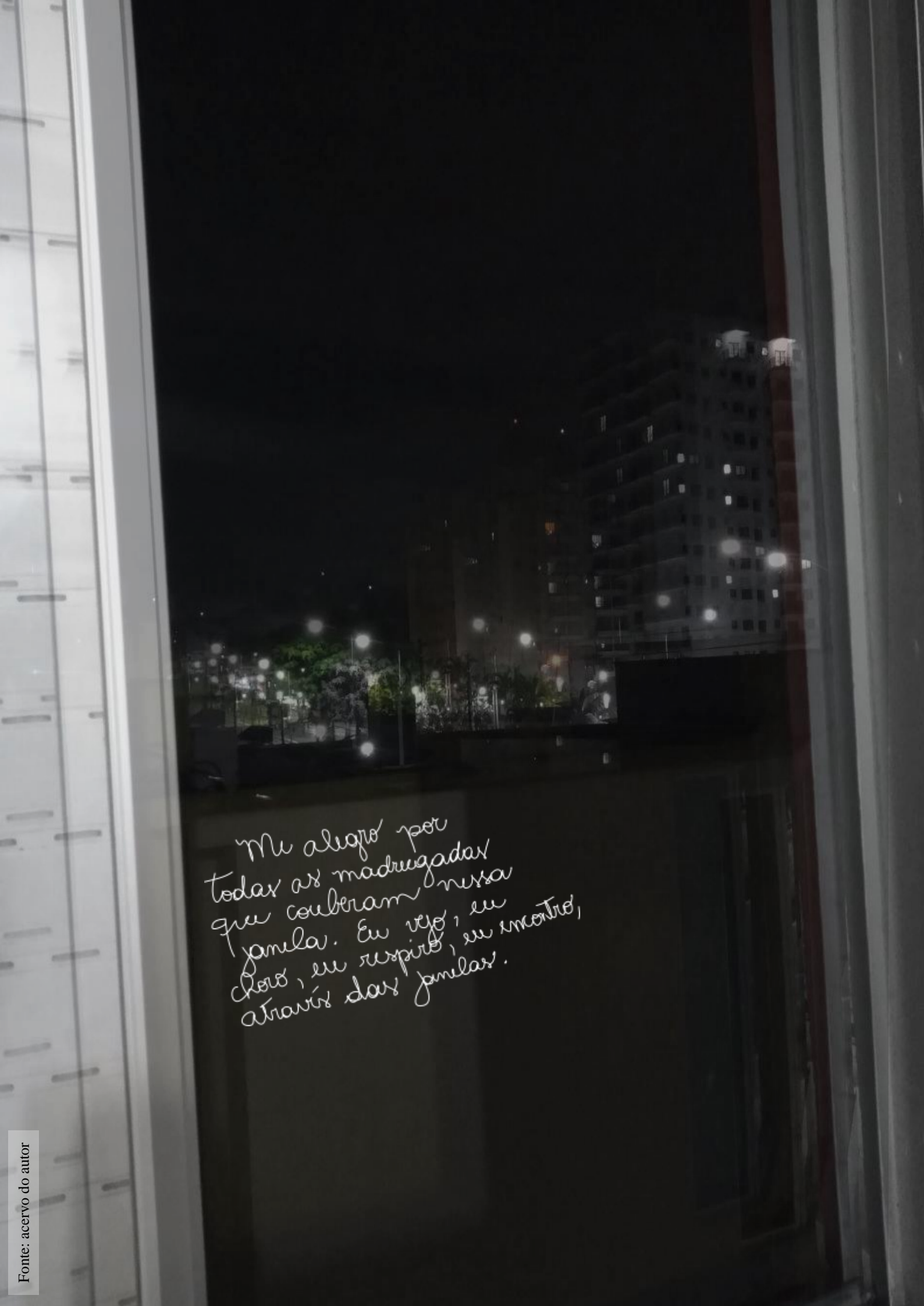
Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação – UFMG – Belo Horizonte

Local: Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara

Aos movimentos inacabados ou malfeitos. Aos pequenos vôos
que sobem e caem sem graça no chão. Às maneiras de ocupar.
À vida.



Me alegro por
todas as madrugadas
que couberam nessa
janela. Eu vejo, eu
choro, eu respiro, eu sinto,
através das janelas.

Sou grato a todos que compram o meu barulho e se juntam a mim no debruçar das janelas. Sou feliz por estar junto de pessoas tão facilmente amáveis.

Agradeço...

Aos meus pais pelo apoio e pela sorte de ter um vínculo não só sanguíneo, mas afetivo. É com vocês que aprendo, diariamente, a lutar e a ver beleza nos dias de chuva [especialmente].

Aos alunos da Vila Soma, pessoas com quem mais aprendi que ensinei.

Ao meu orientador, Denis, dono de abraços... báaaaaarbaros! Obrigado pela confiança, pela delicadeza, por caminhar comigo nestas andanças tão incertas e por me lembrar que há problemas que são coisas do super-ego.

Ao Luiz, uma das pessoas mais inteligentes [e mais generosas] que conheço. Companheiro com quem troco conversas intermináveis. Leitor de escritas deleuzo guattaranianas por tabela, que me ajuda a ser um pesquisador e uma pessoa melhor. Obrigado por ser e ajuda a me tornar janela.

Às meninas da banca que me escolheram muito antes de eu tê-las escolhido. Agradeço pelas leituras atenciosas e pelas palavras sempre cheias de carinho. Sinto que a sala de aula é um espaço em mim, carregado dela muito mais que palavras, levo comigo paixão. Dizem que a paixão é antes sentida do que vista, mas juro, eu juro que vi! Vi e vejo todas as vezes que me reúno para discutir educação com você, Paula. Já Carol traz a alegria que o Brasil nem sabia que tinha. Grande cúmplice dos desassossegos e nascente de coragem para fazer pesquisa com afeto. Obrigado por desajustar minhas janelas. Obrigado por esperanças comigo.

Ao Brasil que me possibilitou chegar a universidade. E ao Brasil que avisto, resistente. Á CAPES: o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

À insurgente linha de pesquisa "Estudos históricos, filosóficos e antropológicos sobre escola e cultura", linha pela qual tenho apreço e me orgulho de fazer parte.

Aos meus colegas de classe agradeço pelo acolhimento e pelas trocas. Evelyn, Nadia, Celso e Rafael, sou grato por serem meus veteranos de Pós-Graduação, sempre dispostos a me ajudar e a sulear alguns mapas indecifráveis. Agradeço sobretudo à Vanessa, minha amiga do coração, amiga de todas as horas, presente destes tipos de acaso mais deliciosos. Se cada um dá o que tem para dar, me venço da riqueza que você tem para oferecer. Gracias por todas as risadas, taças de vinho e partilhas de vida.

Aos meus amigos de sempre, de antes e depois da dissertação. Fer, Marinho, Glau, Henrique, Thiago e Samira, agradeço por estarem ao meu lado neste período tão importante da minha vida. Minhas escritas também tem um pouquinho de vocês.

*Por fim, agradeço à vida.
Obrigado pelos momentos
inacabados. Obrigado por
tornar possível recomeçar.*

Ailton Krenak -

Isso é um abismo, isso é uma queda.

Então a pergunta a fazer seria: "Por que tanto medo assim de uma queda se a gente não fez nada nas outras eras senão cair?".

Eduardo Galeano -

A Igreja diz: O corpo é uma culpa.

A ciência diz: O corpo é uma máquina.

A publicidade diz: O corpo é um negócio.

O corpo diz: Eu sou uma festa.

Queremos ocupar, você vem?

Isto não é um resumo [não?], é um convite! Quem quer duvidar do estado das coisas? Contestar a Educação Escolar, a Educação Matemática, a (Etno)Matemática. Colocar contra a parede os modos de vida programados pela colonialidade. Desafiar as práticas de pesquisa acadêmica. Suspeitar das palavras, em especial, daquelas registradas por estes tantos seres que vos escreve. Seres estes, dignos de desconfiança. Eu mesmo duvido da nossa própria existência! Se aceitarem nosso convite, esperamos sinceramente que não sejam capazes de explicar o que foi dito, não somos bons exemplos ou boas influências, antes, desejamos que as páginas sejam dobradas, rasgadas ou coladas, a fim de fazer funcionar o pensamento do leitor. Vocês devem saber que aqui irão encontrar um esforço em experimentar outras possibilidades para o corpo, seja ele o corpo-humano, o corpo-ciência, o corpo-matemática, o corpo-cidade, o corpo-colonizado ou mesmo a composição de todos eles. O que pode um professor *pelos* [M]matemáticaS quando afetado pela cidade inventada pelos moradores sem-teto? Muitas coisas entram em jogo. Mobilizados por aquilo que nos afeta nas vozes sem-teto destacadas por uma constelação de investigações, empilhamos mapas territoriais-políticos-estéticos-éticos-existenciais com o propósito de aprender com a malha resultante. Que modos de ser e estar inauguram em nós as práticas de luta por moradia digna, organizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST)? No caminho, dois conceitos costuram nossa construção: *ocupar* e *movimentar*. Não queremos ser capazes de defini-los com exatidão, quem sabe alguém inclui um novo sentido a ser experimentado?! Entendemos que tudo isso possa parecer um tanto quanto poético, mas isso não é um pedido de licença, é uma afirmação. Talvez seja por isso que esta pesquisa não acaba; em cada ponto final existe a possibilidade de (re)começo, do meio, de onde possa ser interessante produzir provisórios resultados.

Palavras-chave: Matemática; Etnomatemática; MTST; Decolonialidade; Filosofia da Diferença.

We want to occupy, are you coming?

This is not an abstract [is it?], it is an invitation! Who wants to doubt the state of things? To challenge Schooling, Mathematics Education, (Ethno)Mathematics. To put the ways of living programmed by the coloniality against the wall. To defy academic research practices. To suspect of words – especially those chosen by the many beings right here writing to you. Such beings, worthy of distrust. I, myself, doubt our own existence! Should you accept our invitation, we sincerely hope you shall not be able to explain what we say, as we are neither a role model, nor good influence. Before that, we wish the following pages to be bent, torn, or pasted, to the end of making the reader's thinking work. All of you must know that you shall here find an effort of experimenting other possibilities to the body, should it be the human-body, the science-body, the mathematics-body, the city-body, the colonized-body, or even a composition of them all. What can a “teacher through [M]mathematicS” do when affected by the city invented by the homeless? There is much that comes into play. Moved and mobilized by that which affects us in the homeless voices highlighted through a cluster of investigations, we pile up territorial-political-aesthetical-ethical-existential maps with the purpose of learning with the resulting mesh. Which ways-of-being inaugurate, within ourselves, the practices of the struggle for housing justice organized by *Movimento dos Trabalhadores Sem Teto* (MTST, “Movement of the Homeless Workers”)? Along the way, two concepts sew our construction: *occupying* and *moving*. We cannot define them with perfect accuracy, but who knows someone finds a new sense to be experienced?! We understand that all of this may seem rather poetic. However, this is not an excuse. It is a statement. Perhaps this might be the reason that this research does not end; within each full stop there is a possibility of (re)starting, from the middle, from where it may be interesting to assemble provisional results.

Keywords: Mathematics; Ethnomathematics; MTST; Decoloniality; Philosophy of Difference.

Nota ao leitor

Uma nota para continuar movimentando: não nos basta ocupar esta escrita, convidamos vocês para também construir seus próprios caminhos para a ocupação. Neste sentido, esperamos que fiquem à vontade para entrar nessa escrita pela ramificação que desejarem. A disposição do sumário e a sequência das páginas não sugerem uma ordem preestabelecida [atentem-se aos hiperlinks do sumário e de retorno ao sumário na versão virtual].

Sumário

ocupar ocupar <i>Ceivar: que um metodologista possa querer saber</i>	66
ocupar ocupar <i>Cunhos ou Pinadinho</i>	125
o <i>Tenta, Fracasa. Tenta de novo</i>	31
ocupar <i>Torna-te quem tu és</i>	15
ocupar <i>Materiais de (Dor)construção...</i>	135
ocupar <i>Falta por moradia digna:</i>	
ocupar <i>E a Educação Matemática vem ins?</i>	78
ocupar ocupar <i>A Vila Soma</i>	51
ocupar ocupar <i>Movimento</i>	11
ocupar ocupar ocupar ocupar ocupar ocupar ocupar	

Movimento

Educação Matemática movimenta. Educação Matemática em movimento. Educação Matemática no movimento. Educação Matemática do movimento. Educação Matemática. Movimentos. Movimento movimenta algo, mas também é movimentado. Movimento confunde. Confundir movimenta. Movimento lança. Lançar movimenta. Movimento berra. Berrar movimenta. Movimento dobra. Dobrar movimenta. Movimento aprende. Aprender movimenta. Movimento pensa. Pensar movimenta. Movimento insiste. Insistir movimenta. Movimento ocupa. Ocupar movimenta. Movimento fala. Falar movimenta. Movimento forma. Formar movimenta. Movimento sente. Sentir movimenta. Movimento escreve. Escrever movimenta. Movimento soma. Somar movimenta. Movimento captura. Capturar movimenta. Movimento politiza. Política Movimenta. Movimento mestra. Mestrar movimenta. Movimento pesquisa. Pesquisar movimenta. Movimento respira. Respirar movimenta. Movimento sonha. Sonhar movimenta. Movimento inventa. Inventar movimenta. Movimento (des)territorializa. (Des)Territorializar movimenta. Movimento resiste. Resistir movimenta. Movimento repete. Repetir movimenta. Movimenta vitaliza. Vitalizar movimenta. Movimento não é ponto, é vírgula;

Movimento flui, lima, esgota.

Es-
cor-
rega.

Passa entre.

Desliza...

Movimento das marés; não consigo acompanhar seu movimento. Mudança sucessiva de um corpo que ocupa vários pontos num espaço. Circulação, agitação produzida por uma multidão que se move em diferentes sentidos. Maneira própria de se mover: movimento dos seus pés. Ação de um grupo ~~de pessoas~~ que se une com ~~o mesmo~~ propósito¹.

Mover(-se)

Mover(-se) não é *uma questão de técnicas e regras, de números e competição, que exige toda uma aprendizagem* competência: *conhecer as posições, incorporar os gestos adequados. E depois, bem depois, vêm a improvisação e o talento. Menos ainda é constituído de contagens: em que posição você ficou? Qual foi seu tempo? Qual resultado? Sempre a mesma divisão entre o vencedor e o vencido. Nada de resultado, nada de números quando se dá um encontro: diz-se apenas em que trilha se descortina a mais bela paisagem, a vista que vislumbra de tal ou qual terraço. Para mover(-se) basta um corpo, o resto é supérfluo*².

Mover(-se) é diferente da obrigação de fazer. O movimento tem mais a ver com um balanço que areja e *provoca a inversão das lógicas do habitante da cidade, e até a inversão de nossa condição mais generalizada*³. Quando move(-se) algo ou alguém, é possível que se passe de um território a outro, mesmo que só de passagem; que um corpo ocupe *a terra que ele pisa. E progressivamente, dessa maneira, ele não está mais na paisagem: ele é a paisagem*⁴. É possível encontrar um sul, mas nada impede a agulha magnética de girar se esquecendo das direções. E se, mover(-se) chama o verbo ocupar é pela possibilidade de que algo no espaço seja aproveitado e não usurpado; mover(-se) em desejo e não em “razão de”. A faísca entre a relação é quem toma partido e dá luz a uma ... (Educação) Matemática? A um movimento.

¹ Palavras do dicionário online de Português rabiscadas por nós. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/movimento/>.

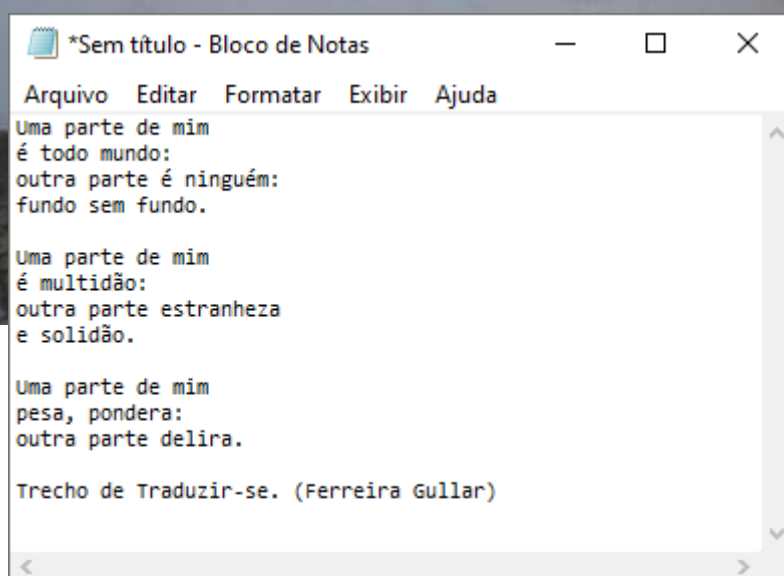
² Os trechos em *italico* citam a obra de Frédéric Gros (2010, p. 9), rabiscadas e/ou entrelaçadas com a escrita do autor.

³ Idem, Gros (2010, p. 37).

⁴ Idem, Gros (2010, p. 89).



Fonte: https://64.media.tumblr.com/bf5fb03ec19d87a2bb1479eeb1980e5b/tumblr_n8iorcLEdC1schqspq1_500.jpg



Desaprender 8 horas por dia ensina princípios. [...] Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia ou uma gavenha. Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma. [...]

Respeitar repetir até ficar diferente. Repetir é um dom de artista. [...] No descomeço era o verbo. Só depois é que veio o delírio do verbo. O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: Eu escuto a voz dos passarinhos. A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para ouvir. Então, se a criança muda a função de um verbo, ele delira. Em poesia que é voz de poeta, o verbo tem que pegar delírios.⁵

Quem quer delirar? A pesquisa. O movimento. A (Educação) Matemática?

Fazer – pesquisar – delirar – pensar.



⁵ Trechos de “Uma didática da invenção” do poeta brasileiro Manoel de Barros (1993).

Torna-te quem tu és

Têm dias que eu fico pensando na vida, esperando algo passar para finalmente agarrar. Aos poucos fui percebendo que tudo passa por agarrar a mim mesmo, como em um abraço. Um abraço tão grande que chega a dar volta pelo mundo, e eventualmente alcançar você. Melhor, tão grande que trama novas experimentações para a vida. A mesma vida que vivo enquanto sou homem, latino-americano, brasileiro, filho da Jaqueline e do Joacir, professor, orientando do Denis, pesquisador, simpaticante da filosofia, amante dos toques entre dois, três ou quatro, do cheiro salgado do mar e das gaguejadas com as quais a arte me faz dançar. Vida de um favorecido pelas relações de gênero, nem sempre apreciado pela orientação sexual, mas afeiçoado pelas classificações de graus de escolaridade. Alma que por ter um corpo, tem número de matrícula do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, registro da CAPES, R.G., CPF e um título de eleitor. Corpo ainda cheio de órgãos, e que durante essa pesquisa, não como objetivo, mas como consequência, vai encontrando alguns como impostores. Dos elementos que querem ser vistos e que ainda me prendem pelas teias, nem todos incomodam tanto quanto um sapato apertado durante todo um dia de trabalho. É claro que entre um aperto e outro o sapato ainda cumpre uma função, e só por isso que ainda não meti os dedos para fora.

Nem tudo dói ou aperta. Tem sapato que dá gosto de vestir. Por vezes, pôr o sapato significa vestir-se para alguma luta. Mas quem sou eu para dizer que o certo é lutar vestido ou pelado?! Enquanto os contornos traçados nos incluírem em seus processos de constituição, nos permitindo usufruir das molaridades como um meio de reivindicar direitos e processos de institucionalização, ainda valerá a pena alçar bandeiras (identitárias)⁶ em um caminhar (macro)político e intracultural. Mas por outro lado, é

⁶ Cá entre nós, tenho optado por bandeiras cada vez mais coloridas. As atuais formas de verde e amarelo estão meio fora de moda para aqueles que se incomodam com os apertos da *necropolítica* (MBEMBE, 2016; 2018) e com o temor servil ao qual são submetidas nossa brava gente brasileira. Com a ascensão de uma política de extrema direita no Brasil, é impossível pensar uma pesquisa sobre a vida sem mencionar a existência dos mecanismos que qualificam um corpo digno, ou não, de vida, através de discursos racistas, patriarcais, eurocêtricos e logocêtricos. Na caça de uma ameaça ficcional suspende-se todas as prerrogativas institucionais e, aos poucos, torna-se regra essa política de guerra, criando fronteiras que estigmatizam determinado povo, que não coincidentemente, no Brasil, corresponde à população negra e periférica.

preciso não abandonar os provadores para que sejamos lembrados do movimento. Nos colocar à prova; ir afinando e desafinando nossas formas de experimentar a vida. Deslocar a ideia de identidade para pensar os processos de subjetividade pode nos ajudar a fugir do habitual tabuleiro que a vida já posta nos coloca a jogar, preparando para nós encruzilhadas cobertas de devires minoritários.

Um abraço dessa magnitude não poderia querer algo simples, tampouco pontual. É Aqui que percebo que o desejo não está em busca de algo que falta, menos ainda de uma revolução; o verbo intransitivo não deseja algo, ele é antes, processo, ele é produção! (DELEUZE; GUATTARI, 1972). Produção de um pesquisador-professor-pela-matemática que quer abraçar a vida forte o suficiente para abrir rachaduras em seu mundo individual. Quem sabe assim seja possível deixar de ser eu para poder experimentar algo parecido com um “nós”?

Fonte: acervo do autor



Em tempos de pandemia, existir movimenta pensamentos sobre a vida, sobre o que ela quer de nós e o quão perigoso pode ser essa aventura. E o mais paradoxal de tudo isso, é que não é difícil encontrar histórias de um sujeito, bem-vestido, bondoso, centrado, civilizado, contido, coerente e competente, afinal, é preciso estar preparado para... Estamos fugindo de quê? Estamos fingindo pra quê? Por que nos proteger dos riscos quando o que queremos é escrever uma bio-grafia sem rumo que tem como destino final a fogueira? O que nos interessa é fazer com que a biografia se torne mais interessante. Uma biografia que eventualmente abandona seu autor, mesmo porque as palavras que dão vazão ao pensamento dificilmente acompanham as metamorfoses do autor, e são menos ainda, capazes de abraçar o universo.

Ainda sobre essas metamorfoses, buscando maneiras de sermos povoados tropeçamos na Denise-de-nós⁷, compondo conosco quase que em um canto polifônico: *Como é que eu faço pra saber se eu tô viva?* A resposta [ou seria um novo problema?] vem logo em seguida: *eu só sei que eu tô viva porque existe outra ~~pessoa~~ dizendo isso pra mim.* Será o suficiente? Seria a minha existência dependente da existência do outro? Outro? Que outro?

Talvez eu seja mesmo um resto. Algo que sobrou de uma porção de encontros que ainda continuam [eu espero] ecoando. De qualquer maneira, a projeção de um outro me tranquiliza, mesmo imaginando que o que deveria me tranquilizar seria a própria colisão que outrora permitiu a mim e ao outro pertencermos a este mundo. Tremulando com Carlos Drummond: *a verdade essencial é o desconhecido que me habita e a cada amanhecer me dá um soco*⁸. Acaso agarro não só a mim mesmo, mas também a este desconhecido, ocupante do entre com quem flerto.

Talvez uma vida coloque isso: intervalos de big-bang; labirintos de composições; laboratórios de experimentações; Ecologia; Terra das habitações.

Talvez ~~eu~~ seja[mos] nós.

⁷ Denise, a Fraga, atriz brasileira, conhecida pela peça de teatro “Eu de você” foi quem usou as palavras “Horas em casa” para expressar os transbordamentos de histórias e sentimentos da/na quarentena. Em especial, fomos afetados pelo episódio “Identidades” Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nuuS_8WepI8.

⁸ A cada segundo de observação, Carlos Drummond de Andrade (2015) nos ajuda a interrogar os signos dúbios da vida enquanto nos apresenta com seu poema “O outro”.

Tudo começa nas fronteiras. Se essa dissertação existe é pela sedução entre conexões: um conjunto de moléculas se sacodem e derretem os seus limites para constituir agenciamentos, bem como outros limites. Dois reinos se tocam e perdem sua suposta essência para viver algo perigoso⁹, o arranjo de um sentido novo, inventado na relação entre cada um de seus intérpretes (ESCÓSSIA; KASTRUP, 2005). Essa dissertação coloca em palavras o movimento das sensações de um tremor. Me misturo com ela sabendo que não sou objeto natural, sou antes, algo que precisa ser rasgado por força de uma composição. Aos berros eu sou nós. Em cada encontro choro em virtude de um novo nascimento, da efetuação de uma nova aproximação.

Com isso quero dizer que, enganam-se aqueles que confiam chegar primeiro para dar início a uma sociedade, época, cultura, Educação Matemática ou dissertação. Como distinguir a ponta do fio que conduz uma relação? Um ponto ínfimo ou pivô capaz de bifurcar uma multiplicidade. A relação é anterior sempre, antes mesmo ao sujeito, ao eu-de-agora. Trata-se exatamente de lidar com a ideia de sujeito não como algo pronto, nem dado, mas que está em vias de desorganizar, desembrulhar, descosturar. “Não é relação entre, mas no entre da relação. Uma relação constituidora. De sujeitos. De objetos. De relações. Um entre! Um sujeito que é efeito das relações de forças! Um efeito sem causa. Só um efeito. Sem sujeito”. (MENDES, 2015, s. p.).

É neste sentido que Deleuze e Guattari (1972) pensam o mundo como máquina que

funciona por toda a parte: umas vezes sem parar, outras descontinuamente. Isto respira, isto aquece, isto come. Isto caga, isto fode. Mas que asneira ter dito o isto. O que há por toda a parte são máquinas, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com as suas ligações e conexões. Uma máquina-órgão está ligada a uma máquina-origem: uma emite o fluxo que a outra corta. O seio é uma máquina de produzir leite e a boca uma máquina que se liga com ela. A boca do anorético hesita entre uma máquina de comer, uma máquina de falar, uma máquina de respirar (ataque de asma). É assim que todos somos ‘bricoleurs’, cada um com as suas pequenas máquinas. Uma máquina-órgão para uma máquina-energia, e sempre fluxos e cortes”. (DELEUZE, GUATTARI, 1972, p. 7).

Cada palavra aqui escrita se fez através de muitas máquinas e, com as mãos que as escrevem, não foi diferente. As vogais e consoantes juntas são produção de um movimento do pensamento que por sua vez, também pode movimentar. São diagramas de produto e produção. As mãos, máquinas de escrita, tal como meio por onde alguém

⁹ De Clarice para sua irmã, mas poderia ser para nós: “Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso. Nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro” (LISPECTOR, 2007).

tateia ou também gesticula que algo está difícil de compreender, não são máquinas minhas enquanto indivíduo, mas parte que opera com outras máquinas mesmo antes de sermos capazes de formar um eu. O mundo só existe antes do contorno de um perfil como algo amorfo, sem sentido e sem as fórmulas que o tornam fechado. O mundo é movimento, pausa, acelera, acalma, continua... Encontros. Movimentos. Corpo¹⁰. Corpo em movimento.

Aqui, mesmo sem exatidão, eu sou nós! Com todos os devires que isso possa apreender. Sou tantos Eriques, mas nos dias de muita sorte, eu me perco de mim e, se volto a encontrar o ser, não é por boa vontade. Abençoados sejam os gérmenes que deixam o ser em silêncio para fazer vingar a vida. Aqui, sob as condições do movimento, o pensamento se faz enquanto pensamento quando sou tantos Eriques, seis ou sete, ou mais; um pra cada pensador da filosofia. Sou Nietzsche, mas também poderia ser Deleuze, e por proximidade, logo seria Guattari. Pelo apreço pela arte/literatura brasileira sou Clarice Lispector, sou Carlos Drummond de Andrade, sou Denise Fraga, Rosana Paulino e Carolina Maria de Jesus. Mas nas vezes que viajo para a França, sou Artaud. Quando paro para apreciar as janelas abertas que dão de frente para a vida na pesquisa, sou Denis Domenghetti, sou Paula Ramos, sou Carolina Tamayo e tantos outros que me acompanham. Nos momentos em que fica pesado encontrar estas janelas, vario meu ser entre InSURgir, Im@go e Mancala¹¹ em busca de conforto ao expor alegrias e angústias.

¹⁰ Sobre o corpo em Spinoza, diz-nos Deleuze (2002, p. 128): “Como Espinosa define um corpo? Um corpo qualquer, Espinosa o define de duas maneiras simultâneas. De um lado, um corpo, por menor que seja, sempre comporta uma infinidade de partículas: são as relações de repouso e de movimento, de velocidades e de lentidões entre partículas que definem um corpo, a individualidade de um corpo. De outro lado, um corpo afeta outros corpos, ou é afetado por outros corpos: é este poder de afetar e de ser afetado que também define um corpo na sua individualidade. Na aparência, são duas proposições muito simples: uma é cinética, e a outra é dinâmica. Contudo, se a gente se instala verdadeiramente no meio dessas proposições, se a gente as vive, é muito mais complicado e a gente se torna então espinosista antes de ter percebido o porquê”. O corpo não é, ele embaralha a vida na mesma proporção em que não para de perguntar: *o que pode o corpo?*

¹¹ Grupos de pesquisa com os quais tenho a possibilidade de compartilhar um comum, e a partir disso, envergar novos caminhos para uma Educação Matemática decolonial. O Grupo *InSURgir* segue o lema “educação apesar de”, tendo como proposta pensar processos educativos, formativos e de pesquisa em um movimento de resistência e insurgência, buscando expor, lutar e superar as dimensões da colonialidade, do patriarcado e do neoliberalismo que participam desses processos. O Im@go: Laboratório da Imagem, Experiência e Cria[em]ção (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/199778>) é um grupo de estudos e pesquisas que faz das imagens possibilidade para pensar os processos de subjetividades na cultura contemporânea, além de buscar por linhas de fuga frente às formas de controle exercidas na atualidade. Lá, os estudos de Walter Benjamin, Gilles Deleuze, Michel Foucault, Michel de Certeau, Jacques Rancière, Jorge Larrosa e Giorgio Agamben, entre outros, apresentam grande importância para os caminhos e des-caminhos investigativos. Por último, o Grupo de Estudos e Pesquisas *Mancala* (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/508377>) discute temáticas da 'Educação Matemática', 'Cultura' e 'Formação de Professores', em uma relação com a prática pedagógica e com espaços informais de aprendizagens.

Se por um segundo, me esqueço do campo significativo, experimento o campo dos afetos sendo Suely Rolnik e Virgínia Kastrup. Enfim, sou sem-teto quando alguma coisa aprendo sobre a luta por moradia digna. Sou tantos outros mais porque não quero ser capaz de ser fiel a nenhum¹². Posso ser você? *A resposta a isso você fará aceitando ou recusando esse pequeno ensaio. [...] Mas eu te diria que seria uma grande consolação pensar que, mesmo não sendo eu mesmo tudo, nem tão alto, nem tão denso, nem tão grande, posso ainda ser alguma coisa. Por isso, [...] peço que julgue essa [escrita] fora de todos os critérios de tendências, de princípios, de gosto pessoal, julgue com a caridade de sua alma, a lucidez essencial de seu espírito, repense-a com o seu coração*¹³.

Nossa única expectativa é que, junto com esse processo de coengendramento que nos inventa e inventa essa dissertação, alguém possa ser levado pela matéria em movimento. E se, de fato, eu sou nós, já descartamos a possibilidade de que aqui, estejam sendo dispostas agradáveis proposições verdadeiras, no senso comum, isto porque as verdades tremulam tanto quanto tremulam as formas que assumimos, que por sua vez, correm dos limites com a certeza de que os limites não cessam de correr atrás de nós. Verdadeiro e falso nada mais descrevem que a e(a)fetivação das formas em processo; enquanto funciona para o corpo, tem credibilidade, mas, uma vez que já não conduz energia, perde o sentido, impede que algo consistente continue, tornando-se assim, irreal, sem credibilidade (ROLNIK, 1989). Isso está relacionado à noção de que, este trabalho não busca ser, sequer apoiar-se, em universalidades, mas se oferece para fazer funcionar (como) uma máquina.

Se já sou muitos é sem, necessariamente, ser uma repetição duplicada dos outros, nem mesmo uma energia desprendida para esconder algo, mas uso deste movimento como “condição para se expor, [...] [como] própria condição de ser que se coloca como ser-devir, como ser em movimento.” (PAVINI, 2021, s. p.). Se preferirmos as palavras de Artaud (2014, s. p.),

[...] Para existir basta abandonar-se ao ser
mas para viver é preciso ser alguém
e para ser alguém
é preciso ter um OSSO,
é preciso não ter medo de mostrar o osso
e arriscar-se a perder a carne.

¹² Poderíamos falar em um devir-todo-mundo, já que não se trata de uma existência que é metamorfose porque varia seu modo a cada segundo, mas porque mesmo bebendo de muitas fontes, seu modo é suspender todo modo (ZOURABICHVILI, 2004).

¹³ Os trechos em *itálico* citam a obra de Artaud (2017, s. p.).

Faz-se alguém nos encontros. Viver é deslizar entre as coisas, se conjugando com outra coisa: “a gente nunca começa, nunca se recomeça tudo novamente, a gente desliza por entre, se introduz no meio, abraça-se ou se impõe ritmos” (DELEUZE, 2002a, p. 128). Com Spinoza de Deleuze (2002), nada dizemos em nome da forma, função e menos ainda sujeito; somos envolvidos pela capacidade de afetar¹⁴ e ser afetado, mesmo sem saber do que somos capazes. Para existir, abandona-se o ser e modulam-se novos corpos, agenciam-se produções para prever movimentos constantes de (de)formação, tudo isso através de experimentações que implicam em um pensamento na imanência. Esta imanência, bastante diferente da transcendência, propõe que tudo está aqui e não em outros mundos, tudo está na invenção de outros mundos, neste mesmo mundo. Não há busca pelo suplemento do reino da salvação anunciado pelo cristianismo ou pela separação alma-corpo; aliás, a mente complexifica sua potência de acordo com os impactos sofridos no corpo. A imanência é quem nos avisa que somos nós mesmos quem recolhemos o processo de composição, passo a passo, numa dança que distribui os acoplamentos entre máquinas e afetos, mediante uma prática ética.

Não há mais, sujeito, mas estados afetivos que reagem aos seus alimentos e venenos, compondo, recompondo, remanejando individual e coletivamente os planos de

¹⁴ Rolnik (2019) nos ajuda a descolonizar nossa autêntica fábrica: o *inconsciente*. Para isso, coloca dois movimentos que constituem os processos de subjetividade. O primeiro diz respeito à maneira como apreendemos o mundo através de nossos hábitos culturais que nos permitem existir socialmente, lembrando que esta, não é a única maneira pela qual podemos conduzir nossa existência, mesmo que esta última seja de muita importância, afinal, é sempre bom ter em corpo e mente o porquê de não colocarmos o dedo na tomada. Mas, reduzir nossa existência a esta subjetividade do repertório cultural é render-se a um dos meios medulares de captura do *inconsciente* ou *realidade* pelo capitalismo. A outra maneira de conduzir(-se) (n)a existência é pela captura das forças que agitam nosso corpo provocando efeitos – movimentos de atração ou repulsa - a partir dos encontros que realizamos. Estes encontros entre coisas, paisagens, ideias, obras de arte... promovem mudanças no diagrama de vetores de forças; uma desestabilização da maneira de estar no mundo acontece, e pede a invenção de outros mundos. É acionado “um esforço pelo qual o homem se esforça por preservar(-se) em seu ser” (SPINOZA, 2009, p. 168), isto é, algo agita nosso corpo e produz o *desejo*, que por seu turno, experimenta os movimentos permitidos, a fim de introduzir outras maneiras de ver e sentir. Dessarte, o *desejo* é tido por nós como processos de produção de universos psicossociais que remetem ao inconsciente e não à uma lei; está entrelaçado com a própria produção de *realidades*, um sistema de “signos a-significantes com os quais se produz fluxos de *inconsciente*” (ROLNIK, 1989, p. 23, *grifo nosso*). A essas outras maneiras de absorver o mundo chamamos de afetos e perceptos. Lembrando que, “percepto é distinto de percepção, pois consiste numa atmosfera que excede as situações vividas e suas representações. Quanto ao afeto, este não deve ser confundido com afeição, carinho, ternura, que correspondem a um dos sentidos dessa palavra nas línguas latinas. É que não se trata aqui de uma emoção psicológica, mas sim de uma “emoção vital”, a qual pode ser contemplada nessas línguas pelo sentido do verbo afetar – tocar, perturbar, abalar, atingir [em suma, a transição do corpo de um estado a outro, em dimensões eróticas, cognitivas, sentimentais, estéticas, ...]; sentido que, no entanto, não é usado nas mesmas em sua forma substantivada. Percepto e afeto não tem imagem, nem palavra, nem gesto que lhes correspondam – enfim, nada que os expresse – e, no entanto, são reais, pois dizem respeito ao vivo em nós mesmos e fora de nós. Eles correspondem uma experiência de apreciação do entorno mais sutil, que funciona sob um modo extracognitivo, o qual poderíamos chamar de intuição; mas como esta palavra pode gerar equívocos, prefiro chamá-lo de “*saber-do-corpo*” ou “*saber-do-vivo*” (ROLNIK, 2019, p. 53).

imanência/referência¹⁵, sempre alerta aos limites em tensionamentos, visto que “o interior é somente um exterior selecionado; o exterior, um interior projetado” (DELEUZE, 2002a, p. 130). Mesmo quando as passagens parecem estar fechadas para seguir movimentando, algo permanece em nós, mastigando, digerindo, esperando em silêncio até que tenha sido produzido uma língua para os novos afetos. Ou, na pior das hipóteses, a experiência é interrompida pelos barulhos forçados pelo poder, fazendo sumir os mais interessantes mistérios. O poder é quem muitas vezes nos incita a falar, facilitando o acesso às bússolas marcadas pela verdade verdadeira e que por isso, costumam apontar para um norte: vem por aqui! O poder é quem nos convida a cortar os fios do que pode vir a ser nós ou o corpo que sutura esta pesquisa; calar-se, nesta situação, corresponde a confrontar nossa cultura para dar início a seu cultivo esgarçado num despretenso passeio por outras formas de vida. É mover(-se) diferentemente da obrigação de fazer. Outra vez: o movimento tem mais a ver com um balanço que areja e *provoca a inversão das lógicas do habitante da cidade, e até a inversão de nossa condição mais generalizada.*

Tornar-se quem é nos reduz aos ossos para duvidar das verdades da modernidade e das hierarquias criadas pelo “eu”. Existimos somente de frente ao espelho, entrando nele, para com o reflexo, não mais ver as transformações das formas, mas enxergar as deformações do corpo; corpo que no limite está sem órgãos, isolado. Nessa situação, o que o reflexo no espelho nos devolve são signos, casualmente ganhamos olhos, ouvidos, boca e nariz para facilitar assim uma aproximação entre figuras, havendo aí, “sempre uma história que se insinua ou tende a se insinuar, para animar o conjunto ilustrado” (DELEUZE, 1981, s. p.). É inevitável cobrir o osso, é inevitável que o osso seja coberto, mas antes, queremos nos apropriar das forças que se concentram e ligam carne sob nosso corpo, isto é, é preciso nos aproximar de nossas vivências, explorá-las a ponto de retomar cada relação como potencial para uma vida boa.

Nesse sentido, poderíamos falar em um cultivo das vivências, tomando como referência, aquilo que impulsiona nosso movimento e intensifica nossa existência; uma ética que cuida e analisa cada situação que nos acontece, expandindo as marcas para nos fortalecer e buscar alternativas para o que já não funciona em nós. Paradoxalmente,

¹⁵ Em “O que é Filosofia” escrito por Deleuze e Guattari (1992), os autores classificam três maneiras de criação, sendo duas delas correspondentes à ciência e à filosofia. A ciência delimita um *plano de referência* desacelerando o caos – sem renunciá-lo –, composto por limites e proposições que permitem um tipo específico de criação. Já a filosofia opera lidando um pouco mais com o infinito; a filosofia cria conceitos, dependentes um do outro, formando juntos, um *plano de imanência*.

tornar-se quem é exige agarrar e soltar a si, contrair e descontrair, gargalhar. Sintonizar pluriversos, fazer da teoria uma ação a ser praticada com cuidado ao outro e a si – um corpo carrega consigo as contradições de qualquer tentativa de multiplicidade: o não-universal movimenta dualidades num mesmo sistema, sendo possível que o que diminui a capacidade de existência em uma região aqui, logra um aumento lá.

Afirmamo-nos de tal modo que, nos superando, sempre podemos ser outros. Fazendo da natureza um espaço cada vez mais amplo e intenso, afirmando mais que negando, lidamos com uma vida crua - ou trágica - em que se encontram do mesmo lado e não mais separamos, gozo e preocupações, dor e prazer, verdadeiro e falso, opressor e oprimido, bem e mal, certo e errado, masculino e feminino, homem e natureza, razão e paixão, mas também vida e pesquisa, vida e arte. Viver com a *cru-eldade* é entender que as pessoas caem, mas voltam a subir, e por isso, nos momentos de desafios precisamos estar igualmente motivados para transvalorar os valores correntes entre as variações de altos e baixos. E ainda, não podemos nos enganar, a “tentativa de união dos opostos não resulta em sínteses, não é dialética e, por isso, faz o corpo convulsionar, implica o aniquilamento cruel do sujeito para ele ser Outro, cria ação, modifica a vida, transforma o mundo estabelecido.” (PAVINI, 2021, p. 16). Em face disso, o tratamento das forças que nos constituem permite a retomada constante do presente que já foi, para assim também retomar os gérmenes que ainda não germinaram, alimentando-os para fazer nascer um futuro imprevisível, e por isso, difícil de ser capturado pelos poderes que não sabem o que fazer com aqueles que mal tem um nome. Nasce daí a diferença, o terceiro entre dois, um processo de subjetividade que escapa das formas dominantes.

Não é um procedimento simples. Nem procedimento, nem simples. Sem manual da subjetividade do vivente, nossa existência pulsa, aberta e solta, quase no ritmo do coração, se é que a ciência nos permite falar em emoção; é que, se por vezes não pudemos (d)escrever como pensar com o *saber-do-corpo*, queremos ao menos dizer que ele está aqui, vivo. De vez em vez, uma molécula diz sim a outra e, sucedido das experimentações do corpo em processo, um novo corpo/território é formado. Mas isto não é tão linear, as experimentações reverberam sentidos na existência que podem fazer com que um indivíduo ganhe/perca mais uma máscara, ainda nos últimos segundos de matéria humana. Ao caminhar na vida, incluindo a pesquisa, trilha-se um passeio iniciático; trazemos à superfície um signo chamativo, do qual ainda estamos ansiosos demais para apreciar, mas que com demora, chega a ser decifrado, deixando passar assim o produto-

desejo, mão-de-obra na construção de diversos caminhos para estender a realidade. Mas as ondas e as vibrações, vem e vão, repetem, contrastam, a pele se estica, tensionada sofre golpes, encontra as estrias, dissimula, habitua e repete, (re)começa. O movimento não cessa, cada novo encontro coloca em xeque as flechas orientadoras do tempo: no presente que passa tão rápido, o futuro vem ao mesmo pé que o passado refresca (ou constrange) a formação das máscaras. Isso é o suficiente para ativar uma enxurrada de novos sentidos. Embora de tempos em tempos o mistério da atividade das coisas pareça estagnar, há vezes em que

um livro, ou um filme, ou uma música nos faz olhar pela janela e, aí, na paisagem, tudo parece novo; ou nos faz pensar em alguém e, de repente, sentimos mais nitidamente sua presença, ou simplesmente faz nos determos um momento e nos sentirmos, a nós mesmos, de uma forma particularmente intensa. E a paisagem, ou a pessoa evocada, ou nós mesmos, estamos nessa escrita palavra-por-palavra, quase ao pé da letra. E, todavia, não é que tudo isso esteja aí exatamente descrito. O que ocorre, melhor dizendo, é que aí está a imagem interior das coisas e das pessoas. (LARROSA, 2003, p. 49).

Há vezes em que, sem avisar, uma conversa, um cheiro, uma fotografia ou uma aula, trazem tudo à tona. O desejo experimentado, sem nunca ter decretado fim do processo, volta como quem diz que ouviu um chamado, que sentiu a necessidade de retornar para fazer deste instante novos agenciamentos. Durante uma escrita um acontecimento cria uma atmosfera de dúvida em relação ao sistema de significação vigente: o que pode um corpo? Que afetos são produzidos no entre de uma dissertação, uma filosofia, um movimento social e um professor de Matemática? Quem sai de casa, nunca volta sem nada nas mãos, tampouco conservam-se as formas de ocupar(-se).

Em mais uma tentativa de pensar as máscaras que nos constituem e que penetram a vida acadêmica, aprendemos com o conceito de acontecimento¹⁶ conduzido por

¹⁶ A rede construída por Gilles Deleuze para compor o conceito de acontecimento permite um afastamento da tradição centrada nos essencialismos, tão acostumada a perguntar “o que é?”. Então, sem recorrer às transcendências para termos acesso ao que faz um corpo funcionar, potencializando-o, encontramos o conceito de acontecimento que não se confunde com qualquer evento. O acontecimento é menos um evento accidental, factual ou histórico que um puro instante que não sente falta de uma causa fora dele mesmo, mas nos dá sinais de espera por um sentido que faça funcionar; o acontecimento é o próprio sentido. “O acontecimento pertence essencialmente à linguagem, mantém uma relação essencial com a linguagem; mas a linguagem é o que se diz das coisas” (DELEUZE, 1969, p. 34). Livre de um estado de coisas, não se fixa em um presente qualquer, relaciona-se mais a um devir proporcionado pelos caminhos que se abrem como labirintos. “Não reconhecendo nossas coordenadas cronológicas, poderíamos dizer que o devir corta, de modo abrupto e infinitesimal, o tempo costumeiro, como se cada clarão se desse pela composição de duas linhas ilimitadamente divergentes: um passado-futuro insiste em cada presente e a cortina do instante se fecha – inesperadamente, até o infinito – entre um já-aí e um ainda-não”. (SALLES, 2009, p. 2).

Deleuze¹⁷: como funcionam os diagramas de forças que fazem aparecer pessoas, coisas, paisagens, ideias, obras e corpos nas camadas dos encontros? Uma ferida é individuada porque ela acontece em uma pessoa ou é chamada de pessoa aquela a quem uma ferida acontece? Essas questões provocam uma ideia de “eu” construída linguisticamente.

Veja, a palavra cachorro designa algo, e por outro lado, respeita um processo de atribuição de significado dirigido aos elementos que possuem uma característica comum de “cachorridade”, todavia, quando nos referimos a palavra “eu”, este funcionamento é bifurcado em duas situações: a primeira que age de maneira similar à atribuição feita com a palavra cachorro e a segunda que assume algumas especificidades. Na primeira situação, o “eu” possível de designar algo é bem exemplificado na sentença “eu passeio”. Dada a possibilidade de pronúncia da frase “eu passeio” sem que se esteja passeando, o pronome pessoal “eu” cumpre o pré-requisito linguístico de se referir a um estado de coisas que lhe é exterior, melhor dizendo, da sentença “eu passeio”, nada garante que o eu-que-lê efetue o ato de passear, fazendo com que pudéssemos substituir a frase “eu passeio” pela sentença “ele passeia”, sem que houvesse, em termos linguísticos, uma diferença expressiva. Neste caso, falamos em um “eu” virtual (que passeia) que ganha representação fora do sentido próprio do “eu” (enquanto referência a si mesmo), e que por isso admite um uso comum. Em sequência, a segunda situação traz um “eu” da fala “eu prometo” que, desta vez, não designa nada que lhe seja exterior¹⁸, posto que ao enunciar a frase, queria ou não cumprir com a promessa, a promessa é feita, efetuando então uma ação: as palavras são ditas na medida em que alguma coisa acontece.

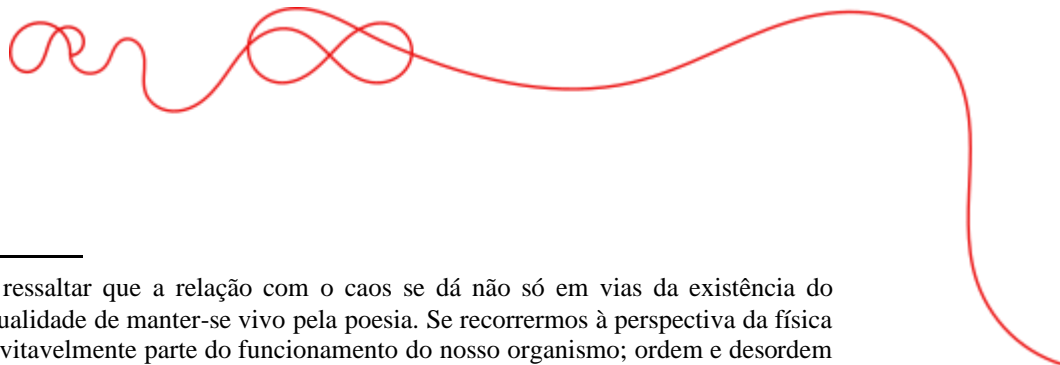
Chegamos até aqui para finalmente destacar a leitura que o filósofo francês faz do mistério da individuação, que não parte da pessoa ou sujeito, mas do (des)enrolar dos acontecimentos. A inversão das coisas é mais usual. Há quem acredite que preexistimos à prática, mesmo sendo as pessoas quem são individuadas por meio de acontecimentos; “temos tantos maus hábitos, nos tomamos por pessoas, mas não somos pessoas. Somos, à nossa maneira, pequenos acontecimentos. E se somos individuados é à maneira de acontecimentos e não à maneira de pessoas” (LUCHETA, 2018). Assim, se existe uma determinação, alguma condição que possa trazer um destino a nós, para esta pesquisa e

¹⁷ Fomos provocados por meio das aulas de Gilles Deleuze disponíveis no youtube em: <https://www.youtube.com/watch?v=1CpsFZUBkO8>.

¹⁸ É importante esta observação, porque uma das regras linguísticas de qualificação diz respeito a impossibilidade de uma auto-designação, princípio quebrado aqui, por não designar nada que lhe seja exterior.

seu(s) autore(s), ou mesmo para a maneira de ocupar(-se) (d)o mundo, ela é do âmbito das (im)possibilidades dos encontros, dos campos espalhados pelos acontecimentos.

Nos resta cultivar nossas vivências neste mundo, inventando do lado de dentro do jogo, possibilidades de vida enquanto o joga. Não há fundamento preparado para livrar-nos de todo mau, nem projeto de “civilização” que seja capaz de cicatrizar as feridas da existência. Devenimos numa relação com o destino que não fica à mercê dos episódios, mas seleciona algo no que acontece para transformá-lo em uma onda que se quer surfar (DELEUZE, 1969), em especial, porque sua selvageria pode ser apta para quebrar a lógica e ali produzir sentido para nossas vidas. De outra forma, nada está dado previamente como se fosse um destino teso, cego, ainda que em determinadas instâncias o futuro não esteja a vista; antes, o amor ao destino pode começar por desnaturalizar as pressões feitas pelas forças que nos constituem, para perceber que a todo instante somos empurrados de lado para o outro, e o que vida quer de nós é que encontremos as inflexões que potencializam a força vital de nossas formas de vida, ou que nos indique que essas configurações já não são sustentáveis. Mas se quisermos nomear essa postura pelas vias de Friedrich Nietzsche, chamaremos de *amor fati* (NIETZSCHE, 2000) essa história de amar a vida com todos seus desacertos e desvios, de tê-la como luta entre nossas células, tecidos, órgãos e forças sem outro objetivo que não a passagem de um certo grau de caos, suficiente para manter a existência¹⁹. Em “a ciência gaia”, Nietzsche confessa: “não quero fazer guerra ao que é feio. [...] Que minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, alguém que diz sim!”. (NIETZSCHE, 2000, p. 173).



¹⁹ Não podemos deixar de ressaltar que a relação com o caos se dá não só em vias da existência do pensamento ou mesmo da qualidade de manter-se vivo pela poesia. Se recorrermos à perspectiva da física dita acadêmica, o caos é inevitavelmente parte do funcionamento do nosso organismo; ordem e desordem já não duas coisas separáveis, mas estabelecem uma relação complementar que nos mantém vivos enquanto corpo humano. Todo sistema possui uma tendência à desorganização em decorrência de suas trocas de energia com a vizinhança, produzindo assim, uma necessidade de dosagem desse caos. Produzimos e escapamos da entropia simultaneamente, é por meio da ordem e da desordem que a vida se mantém. É nesse jogo que somos obrigados a sair da estabilidade insossa para criar novas formas de ordem.

Dito isso, já abandonando as variações de escrita entre as primeiras pessoas do singular e plural, *nós* problematizamos: cabe falar em vida ou devir do investigador em uma *pesquisa* com a (Educação) Matemática? A resposta vem sem muita dificuldade: a (Educação) Matemática escreve um território que só desliza porque existe inerentemente aos seus agentes, educadoras e educadores matemáticos. Ela nada mais faz que ordenar movimentos-interesses nada neutros de uma parte da vida. Realiza cortes em fluxos com a intenção de contornar territórios com um critério de seleção de elementos que sustentam seus paradigmas atuais e condensam seu corpo. Seria o mesmo que dizermos que, uma pesquisa com a Educação Matemática acontece na e pela vida; para além de incorporar o que tiver ao seu alcance ao sistema lógico ocidental da Matemática e seu ensino, falamos em existências múltiplas que no movimento de tornar-se quem é, cultivam experiências cheias de dobras sinalizadoras de suas práticas e respectivas maneiras de ver o mundo.

Educação Matemática como uma área de pesquisa que bebe de outras duas regiões (Educação e Matemática), mas que, tem como surgimento a marca de uma traição. Aparece como um movimento de trair o que poderia supor as cristalizações de seu próprio nome. Um nome social, habilitado para escapar da síntese Educação + Matemática, que por um lado sofre tentativas de territorialização, e por outro, deixa passar suas formas de agir, experimentar ou pensar imperceptivelmente, tornando a sua chegada uma potência de criação no entre-espço de suas duas mães (CLARETO; MIARKA, 2015). Se preservamos seu nome é por hábito; *é porque é agradável falar como todo mundo e dizer o sol nasce, quando todo mundo sabe que essa é apenas uma maneira de falar. Não chegar ao ponto em que não se diz mais ~~EU~~ Educação Matemática, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer ~~EU~~ Educação Matemática. Não ~~somos~~ são mais *nós mesmos* Educação e Matemática. Cada uma reconhecerá os seus²⁰.*

Uma área que é multiplicidades em atravessamentos, uma

Educação Matemática começando pelo meio: desde que a matemática é inventada, é produzida, há educação matemática. Um movimento junto à matemática, mas também belicoso em relação a ela: atritando, produzindo(-se) em faíscas. Outros movimentos junto à educação, à história, à filosofia, à didática, à universidade, à escola, à sociedade, a José, a Maria, à vida. (CLARETO; MIARKA, 2015, p. 798).

Para além da área de pesquisa, poderíamos falar no estudo de práticas *socio*culturais. Colocamos atenção em como as práticas, em diversos contextos

²⁰ Os trechos em *itálico* citam Deleuze e Guattari (1995a, p. 11), rabiscados e/ou entrelaçados com a escrita do autor.

socioculturais, resgatam saberes relacionados com a vida e tensionam o que até agora foi chamado de (Educação) Matemática. Podemos falar em saberes que, sem se opor a vida, faz nossa consciência delirar, citando Tadeu; Corazza e Zordan (2004, p. 46), “o conhecimento não pode ser aquilo que nos protege e que nos afasta da vida, mas sim aquilo que nos ajuda a atravessá-la, que nos incentiva a encarar seus perigos”. Que outra coisa podemos experimentar em uma pesquisa com (Educação) Matemática que não a vida? A (Educação) Matemática acontece com a vida. A vida é o que acontece nas fronteiras enquanto, tomamos para nós um corpo, cheio de afetos, sendo a lógica aristotélica apenas mais um desses impulsos.

Para nós, talvez outra pergunta fosse mais interessante: que pesquisa em (Educação) Matemática é produzida no movimento da vida?

Pode uma pesquisa em (Educação) Matemática descrever um mapa de afetos, por onde os ventos cruzam e as fronteiras deslizam. Pode desfiar os planos que compõem seu território para deixar suas pontas à mostra até que novas conexões sejam efetivadas e um novo horizonte seja lançado. Pode aprender a conjugar verdade no plural e desejo no intransitivo. Pode incluir processos de subjetividade. Pode abraçar cheiro e cor e toque e escola e casa e rua e tristeza e alegria e e e... E se, por um segundo quisermos produzir um saber interessante para o ensino de Matemática, será acreditando que aprender Matemática envolve colocá-la em relação com as práticas que mobilizam outros saberes, abrindo fissuras para fazer a Matemática transbordar. Aprender Matemática desta maneira implica um fazer artístico que não se preocupa em explicar a realidade, mas operar com ela, arrebatado por uma paixão que pressiona a criação de um corpo e a intensificação do que move professores e alunos. Lançamos mão de uma (pesquisa em) (Educação) Matemática que, ao invés de representar e reproduzir um conjunto de práticas, afirma os movimentos de pensar com o corpo e com o espaço; alia-se a um *pathos*, isto é, marcha com as marcas de um corpo afetado (GONDIM; MIARKA, 2018).

Nesse rumo de (de)composição, esta pesquisa produzida no movimento da vida se desdobra e é afetada por bons e maus encontros constituindo um repertório cultural e, sobretudo, interrogações que as vivências deixam em nós, algumas respondidas em imediato e outras que ficam de molho num processo de involução que nos permite, aos poucos, devolver outros olhares a respeito da Educação, da escola e do Ensino de Matemática. De outra parte, não deixa de ser sensível aos horrores da pandemia no Brasil,

ao aumento do número de sem-tetos/moradores de rua no país²¹, às reintegrações de posse e de despejos forçados no período de crise sanitária²², aos pedidos de volta da ditadura militar, e os ataques à Arte, Filosofia e à Educação. Às vezes torna-se difícil respirar, pudera ser diferente se não fossem os tantos quilômetros de mata queimada sem nenhuma ação efetiva por parte do governo federal. Para nós, é impossível acreditar que a Educação Matemática, ou mesmo a Matemática, ficam isentas de pensar acerca dessas questões. Ou estamos ficando descompassados? É a Educação Matemática que nos deixam loucos²³! Não é sem razão que iniciamos esta seção sugerindo a palavra *necropolítica*, se a ressaltamos é porque ela, assim como os bons eventos, circula a escrita tecida. Todas as vezes que escolhemos pausar a escrita, ela parece voltar conectada, de alguma forma, com o que acontece à nossa volta, traduzida em inúmeros incômodos que nos despertam um pensamento: o que temos a ver com isso? O que a Educação Matemática tem a ver com isso? E assim vamos nos dando conta de que o mundo em que vivemos é menos natural do que naturalizado.

²¹ “Pandemia da Covid-19 aumenta número de pessoas sem-teto no Rio”. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/29/pandemia-da-covid-19-aumenta-numero-de-pessoas-sem-teto-no-rio-veja-depoimentos.ghtml>;

“Número de sem-teto nas ruas aumenta em SP durante a pandemia”. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/05/29/numero-de-sem-teto-nas-ruas-aumenta-em-sp-durante-a-pandemia-dizem-servicos-de-atendimento-voluntario-da-cidade.ghtml>;

“Pandemia leva famílias para as ruas de São Paulo e acelera mudança de perfil da população sem-teto”. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-06-02/pandemia-leva-familias-para-as-ruas-de-sao-paulo-e-acelera-mudanca-de-perfil-da-populacao-sem-teto.html>;

“2020: ano de ficar em casa... sem casa?”. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/colunas/a-cidade-e-nossa/2021/04/30/2020-ano-de-ficar-em-casa-sem-casa.htm?fbclid=IwAR00RWh9K7yXKGHEVLgueDmjXaGP8sj4kJ_IIDs_-5nAyyrP6gB-NYTUU_k;

“Ocupações urbanas na mira dos despejos”. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2021/06/04/stf-determina-suspensao-de-despejos-na-pandemia-atendendo-acao-do-psol-e-do-mtst/>.

²² Ver Ahlert, Moreira e De Oliveira Leles (2021).

²³ Ao contrário da categorização psiquiátrica, nos referimos à loucura como “estar em movimento com seu próprio ser, é colocar-se a si mesmo como alteridade, é transformar o Mesmo em Outro e, portanto, é estender a existência na criação” (PAVINI, 2021, p. 10).



Tenta. Fracassa. Tenta de novo:

um meio de obter é não procurar

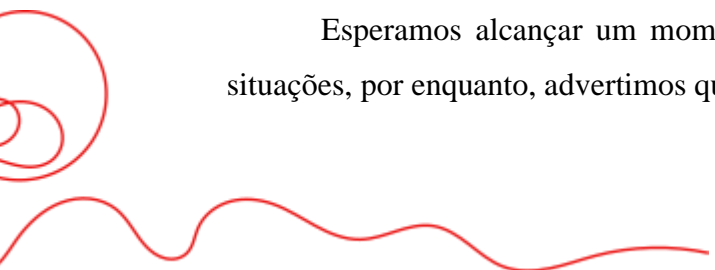
Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou. (LISPECTOR, 1998, p. 11)

Não dizemos “sim” a tudo, mas é com uma sucessão de afirmações que essa dissertação ganha curso. Um autor diz sim a outro, que diz sim à uma área de pesquisa, que diz sim a algumas questões sociais, que diz sim à Educação, que diz sim aos eventos do caminho, que diz sim... É surfando nos acontecimentos que o movimento nos sacode de um lado para outro, às vezes nos deixando enjoados. Nem sempre estamos preparados ou dispostos às mudanças de rumo, visto que já levamos alguns anos acreditando que assim é que se faz pesquisa: traça-se um plano, seguro, e o sucesso será alcançado quando as hipóteses, levantadas previamente, são confirmadas de maneira causal explicativa²⁴ pelo pesquisador neutro. Não tem erro! Não são almejadas as adversidades; dificilmente alguém estima demorar-se nos detalhes que, hipoteticamente, nos desviam do nosso objeto de pesquisa. Mas e quando somem sujeito e objeto? E quando escrever uma dissertação parece não rimar com essa história de sucesso? O que será que essa segurança deixa do lado de fora? Há aí, nas sombras, muito de afirmação. Mesmo sem que tudo se encaixasse suavemente no projeto elaborado, nossa dissertação vai tomando um sul que não estava prescrito. As tensões então vão aparecendo, empurrando constantemente as perguntas: o que fazer com o que “não deu certo”? Como otimizar todo este tempo perdido?

²⁴ Este modo de trabalhar com a hipótese está vinculado à uma visão de ciência/método científico construída a partir da Matemática disciplinar e sua organização da lógica formal. Neste caso, fazer pesquisa parte de um fundamento científico que deixa oculto que “toda ordem e regularidade, toda submissão a leis abstratas que o físico, o químico ou o matemático observa na natureza não são mais que projeções sobre elas da necessidade de ordem, regularidade e submissão de todos ao império abstrato da lei, necessidade que é característica obsessiva do homem burguês. Ele projeta sobre a natureza e depois reconstrói a sociedade e a história, com toda naturalidade, a imagem e semelhança dessa natureza que foi construída” (LIZCANO, 2006, p. 200, *tradução nossa*).

Através de Rancière (2002) vamos ressignificando as dicotomias com palavras diferentes daquelas ditas por Nietzsche. Com um pouco mais de tranquilidade, vamos nos habituando com o que nos tocou das palavras do mestre ignorante: o movimento é justamente isso; movimento, processo. Então, se nos interessa pensar o mestrado como um processo de subjetividade é com pequenas doses de Rancière que nos sentimos mais tranquilos por tatear de outra forma o tempo outrora classificado como bem ou mal aproveitado. É com outra perspectiva que desviamos nossos olhos da vontade de comparar pesquisas e inteligências, como se houvesse uma referência exemplar a que devemos corresponder para que finalmente sejamos dignos de ocupar a classificação de mestre em Educação Escolar, seja lá o que isso queira dizer. Vamos aprendendo, em movimento, que nossas aflições são sentimentos legítimos, mas, que este mesmo movimento pode desenhar potências mais justas com nós mesmo quando vamos nos soltando das amarras de comparar inteligências, como se elas representassem curvas opostas ou separáveis. Aliás, é este hábito que embrutece o povo, é essa crença na inferioridade de sua inteligência que embrutece os “inferiores” e os “superiores” (RANCIÈRE, 2002). É driblando as versões embrutecedoras de nós que, em determinado momento, recebemos com um sim esse tempo perdido, nos misturando nas relações para com cada instante produzir outros nós, outros pesquisadores, outras encruzilhadas, sem um ponto de partida ou chegada, tendo por isso, como único critério de autoavaliação, a vontade e o envolvimento com a pesquisa durante um processo que não termina em dois anos e meio. Não nos interpretem equivocadamente, não se trata de uma moral, mas do que temos necessidade de dizer: já não cabe para nós um ideal de inteligência, de tempo ou de erudição. Importa mais as variações de sensibilidade no processo que, a par das dores e delícias de tornar-se quem é, mostram-se como resistências às práticas impostas como luz da verdade.

Abrimos um parêntese aqui para deixar dito que, até a resistência vem sendo um processo. Quem sabe um processo de amadurecimento, incluindo aí a preocupação de que não amadureça demais, passando do ponto o sabor do seu sumo. Ainda que a resistência exija de nós uma familiaridade com as dores de andar sob as sedutoras e transdisciplinares margens, às vezes é preciso deixar a obsessão pela fruta para encontrar outros problemas nas folhas das árvores. Sem digredirmos tanto, queremos lembrar que o processo não é uma simples espera anestesiada; de quando em quando os pontos das feridas abrem-se entre um empurrão e outro, muitas vezes causados por nossas próprias convulsões.



Esperamos alcançar um momento em que possamos vibrar com alegria essas situações, por enquanto, advertimos que este caminho ainda tem sido árduo e doloroso.

Agora nos dedicamos a contar, diluído na história que desenha este texto, como a cinesia deste trabalho foi nos aproximando - ainda antes do vínculo com a Universidade Estadual Paulista (UNESP) - dos movimentos sociais e de como nossas idas e vindas foram conectando uma coisa à outra, até que pudéssemos acreditar que houve algum tempo perdido, bem como uma dissertação encontrada.

O interesse pela pesquisa com o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) começa com um susto, palavra que traduz uma surpresa, porque manobrar sobre as torrentes do movimento nunca foi uma escolha prévia; os universos começam pelos instantes dos sustos que soam em nós um alarme para produzir sentido para a pesquisa. Um alarme à espreita que quando chega a hora, desperta: é agora! Estes instantes fragmentam o caminho reto e entortam suas pontas para fabricar novos acessos que não excluem as tendências em Educação Matemática, a Filosofia ou a Arte, uma em detrimento da outra.

Começo? Pode uma pesquisa começar antes da pesquisa? Como saber quais dois átomos se chocaram e com isso produziram uma pesquisa? Ocupamos essas páginas sem saber ao certo qual é a página 1. Caminhamos sem dar início ao cronômetro e durante o caminho nos lembramos que estamos a contar uma história, e por isso, escrevemos por onde nos alcança recordar.

É na Argentina, durante a graduação, que tomamos o ~~primeiro~~ susto: em uma das aulas do curso de “Educación en ámbitos no escolares”, um brasileiro, em virtude de sua nacionalidade, é convidado a apresentar uma aula que permitisse aos seus colegas conhecer um pouco de um movimento com grande força no Brasil desde a década de 1980, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Mesmo lisonjeado pelo convite, o pânico tomou conta daquele garoto²⁵ que conheceria este tema quase ao mesmo tempo em que o apresentaria aos seus *hermanos*. Para ele, a ignorância em relação ao

²⁵ Mais uma das faces de nós, do autor desta investigação.

movimento social era óbvia, isso porque teria dedicado seus anos no envolvimento com os limites, derivadas e integrais na graduação *em* Matemática. Realmente aquela não era sua praia. Por que um professor *de* Matemática, aos 45 minutos do segundo tempo de sua formação, deveria se preocupar em responder questões que estão mais no escopo de quem estuda sociologia? Entre um passo e outro, também fomos aprendendo que a pedagogia costuma nos orientar enquanto professores, mas há algumas respostas das quais podemos nos lançar por nós próprios.

Foi com a ajuda de alguns amigos que, através de vídeos e artigos, viajamos para alguns assentamentos, nos aproximando dos significados de suas lutas e do funcionamento de seus modos de organização. As articulações desse movimento eram muito mais complexas do que o eu daquele tempo poderia imaginar; a questão da posse de terra era tão brasileira quanto nós – ou seria portuguesa? Surge deste ~~primeiro~~ susto, a curiosidade em aprofundar numa história do Brasil que, inicialmente, parecia ter pouco a ver com a Matemática, mas muito se avizinhava de nós, da nossa trajetória ancestral que até o momento presente, luta pelo direito à moradia digna²⁶.

Das lutas messiânicas ao cangaço, há 500 anos os povos indígenas, escravos e trabalhadores livres desenvolveram e ainda desenvolvem lutas camponesas em favor da liberdade humana, representando um símbolo de força política que resiste à ordem instituída, arrastando marcas por toda a história de um Brasil negociado entre coronéis. Desde as capitânicas hereditárias até os latifúndios modernos, as disputas não cessaram, sejam em forma de luta pela terra ou em termos de reforma agrária, mas sempre sob um modelo insustentável imposto por meio de muita violência, que com o pretexto de defesa da ordem, combatem a insurreição dos pobres do campo (FERNANDES, 1999). Se olharmos para a segunda metade do século XIX, em paralelo à transformação dos escravos em trabalhadores livres, encontraremos um sistema articulado com o capitalismo favorecendo a criação da propriedade de terra.

Quando escravos, os trabalhadores eram vendidos como mercadorias e como produtores de mercadorias. Como trabalhadores livres, vendiam sua força de trabalho ao ex-escravocrata, então fazendeiro - capitalista. Permanecera a

²⁶ Com direito à moradia digna, nos referimos aos parâmetros da dignidade da pessoa humana reconhecidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos e ao direito à moradia incorporado à Constituição Federal brasileira de 1988 por meio da Emenda Constitucional nº 26, de 2000, no artigo 6º, que trata dos direitos sociais. “O Comentário Geral n. 4, do Comitê sobre os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, das Nações Unidas, estabeleceu sete requisitos como parâmetro para que se reconheça uma moradia adequada. São eles: habitabilidade, localização, disponibilidade de serviços, acessibilidade, economicidade, segurança da posse e adequação cultural” (MARQUES; CORREIA, 2020, s. p.).

separação entre os trabalhadores e os meios de produção. Com a constituição da propriedade da terra mais de trinta anos antes do fim do sistema escravocrata, a terra tornara-se cativa. De modo que os escravos tornaram-se livres e sem-terra. (FERNANDES, 1999, p. 10).

No século XXI, os sem-terra ainda são sem-terra. Nossa viagem nos conduz a uma realidade à sombra de condições não muito diferentes, mudam-se os nomes, mas as formas de colonialismo apenas se estendem.

Ainda um pouco atordoados do ~~primeiro~~ encontro com os movimentos sociais, esbarramos em uma outra manifestação sociopolítica, a princípio independente: as ocupações urbanas. O ponto chocante desta história vem do fato de que uma ocupação nos saltou aos olhos apenas por um gatilho acionado muito longe de casa, quando o cheiro de pneu queimado estava a menos de 7 quilômetros da nossa morada. Foi deste encontro que conhecemos um outro movimento constituído por remanescentes das lutas do MST. Trata-se de um movimento batizado de Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), organização popular nacional que, neste caso, cedia apoio à ocupação urbana instalada em um espaço físico vizinho ao nosso, e que mesmo assim passou despercebido pelo professor *de* Matemática e sua grosseira habilidade de abstração.

Grosseira, não porque temos prazer em sermos duros com alguém, mas por nos admirar que as camadas de lonas pretas e os tijolos laranjas dos barracos construídos próximos ao centro da cidade, nunca foram apresentadas em espaços educacionais como símbolos de luta, tampouco como elementos importantes para uma formação individual e coletiva, sensível aos efeitos de seu entorno. Em geral, as cidades em que vivemos são divididas por grandes muros que não são tão invisíveis assim, já que invisibilizam o lado das periferias, deixando um único acesso ao luxo, às universidades e hospitais: a porta dos fundos e os elevadores de serviço. Nesse sentido, o lado que usufrui da reprodução da vida de maneira mercantilizada também reclama uma educação bastante específica, uma educação apaixonada pelo idêntico, que quando mescla existências, não as confunde; eventualmente até eugeniza: “A educação de fora nos disse que suja-se com terra ou ser sujo é ser pobre”, confessam alguns manifestantes da luta campesina²⁷.

Disso, algo nos deixa curiosos. Que vida esses movimentos rurais e urbanos questionam? Quais formações desestabilizam quando mancham as escolas de terra? Que outros movimentos são inaugurados no processo de manchar, tingir ou borrar?

²⁷ Ver Nogueira e Ferrari (2018). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VGY3S_Va680&t=1s.

Apesar de sentir os obstáculos denunciados pelas ocupações urbanas e pelo MTST, pouco conhecíamos do movimento popular apartidário que surge inicialmente como uma proposta de movimentar uma fração de militantes do MST, que não era mais composta por camponeses, mas também por cidadãos que não tinham pretensão de deixar a cidade. Do complexo que envolvia trabalhadores informais, subempregados, desempregados, dentre outros que sofrem efeitos negativos causados pelo déficit habitacional, consolida-se na Marcha Nacional de 1997²⁸, com o apoio do MST, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto.

No ambiente urbano, estes militantes apontam que as maiores adversidades estão relacionadas ao campo da moradia e do trabalho, referindo-se às mais frequentes ações de despejo por dificuldade do pagamento de aluguéis incompatíveis com a renda das famílias dos bairros periféricos e à segregação espacial, que têm concentrado serviços e a infraestrutura para uma vida digna, enquanto as periferias suportam a precariedade. Isso tudo a partir do domínio da produção e consumo por parte daqueles que conservam seus altos poderes de aquisição na cidade. O MTST é um movimento territorial urbano não exclusivamente de moradia, mas que objetiva alterar a atual organização das cidades, de modo que as condições de vida digna sejam garantidas, contrapondo-se, segundo eles, à lógica do capital que transforma direitos em mercadoria.

No Brasil, o direito à propriedade privada não é absoluto, a Constituição coloca que essa propriedade deve cumprir uma função social, e por isso, as ocupações buscam a garantia de que imóveis vazios e ociosos, ou seja, de situação ilegal, cumpram a função de moradia popular. Mas a quem recorrer se o Estado não se certificar do cumprimento dessa função? Sem esperar que terceiros façam isso, o MTST reivindica essas questões por meio de mobilizações, marchas, bloqueios de rodovias – por vezes com pneus queimados - e ações diretas de pressão, como as ocupações de terras urbanas que são características marcantes do movimento.

²⁸ “A Marcha Nacional por Reforma Agrária, Emprego e Justiça ocorreu em 1997 para denunciar a impunidade dos policiais que empregaram a violência, no fato que ficou conhecido como Massacre de Eldorado dos Carajás, ocorrido em 1996. Nessa ação, para desobstrução da rodovia, foram assassinados 19 trabalhadores rurais. Outro objetivo da Marcha era dar visibilidade à oposição do movimento ao governo federal de Fernando Henrique Cardoso. A Marcha saiu de três localidades: São Paulo (SP), com agricultores vindos do sul e sudeste; Rondonópolis (MT) e Governador Valadares (MG), rumo à Brasília (DF), e durou 60 dias, com a participação de cerca de 1300 pessoas” (GOULART, 2011, p. 14). A nacionalização do movimento ocorreu, oficialmente, apenas em 2009, antes disso, os militantes envolvidos passaram 11 anos organizando trabalhadores nas periferias urbanas.

São com números, à maneira como se costuma validar as coisas, que Guilherme Boulos apresenta algumas situações. O membro da Coordenação Nacional do MTST e figura política que tem se posicionado como uma das lideranças no movimento, reforça que o estudo realizado em 2007/2008, usado como base oficial para o Governo, mostra que o déficit habitacional no Brasil atinge aproximadamente 22 milhões de pessoas, o equivalente a 10% da população brasileira, sendo 32% delas comprimidas pelo ônus excessivo com aluguel e 39% realocadas de favor na casa de familiares (BOULOS, 2014). Como se estes números não fossem o suficiente para concordarmos que estamos diante de um problema, ou para dar nomes aos bois, diante de uma grande injustiça social, Boulos (2014) nos lembra que esses 22 milhões de pessoas ou 6.273.000 de famílias sem casa no país, contrastam com os 7.351.000 de imóveis vazios – sem ter em conta os terrenos ociosos, nem incluir “a chácara ou o apartamento de praia, que algumas famílias de renda média conseguiram adquirir por meio de seu trabalho. São apenas os imóveis permanentemente desocupados, em sua grande maioria usados para especulação imobiliária.” (BOULOS, 2014, p. 17) – que dão coerência à célebre frase: “há mais casas sem gente do que gente sem casa”. Para o movimento, os sem-teto não podem ser reduzidos às pessoas que moram na rua, mas se estende às pessoas que não possuem casa própria ou que vivem em condições precárias, evitando-se assim o erro de alimentar o mito de que os sem-teto são casos isolados e não uma realidade negligenciada no nosso país (BOULOS, 2014).

Ocupar, portanto, além de uma necessidade vital, traduz-se em um ato subversivo que desafia a ordem instituída, se tornando um ato político quando perpassa por uma resistência aos processos de exclusão do urbano. Ocupar é publicar que os trabalhadores já não aguentam mais serem forçados a colaborar com o enriquecimento de alguns enquanto são empurrados para fora. Ocupar é mais preencher e aproveitar algum lugar no espaço, que uma disputa hostil que determine um dominador e um dominado; é transgredir espaços sem função social para movimentar interações nas/das vivências coletivas. *Ocupar não é invadir*. Ocupar é o avesso das terras herdadas, que no passado, muitas vezes, respondiam a terras públicas griladas. Ocupar é incansavelmente repetir que, há algo de errado quando, no Nordeste, 82% das famílias que vivem com menos de 2 salários mínimos sofrem com a carência de serviços, ao passo que essa porcentagem despenca para 2% quando se tratam de famílias que ganham mais de 10 salários mínimos. E esta não é uma questão exclusiva da região.

Há algo de errado e não são os números. Efetivamente, para ver o que nos assusta, é preciso caminhar com as situações apresentadas por Boulos para além do caráter informativo, afinal “depois de assistir uma aula ou uma conferência, depois de ter lido um livro ou uma informação, [...] podemos dizer que sabemos mais coisas que antes não sabíamos [...]; mas ao mesmo tempo podemos dizer também que nada nos aconteceu”. (LARROSA, 2002, p. 22). Faz-se urgente superar o que Benjamin (1994) entende como *pobreza de experiência*, isto é, este nosso hábito de compormos uma vida em que a experiência já não é mais uma aprendizagem desestabilizadora pela prova, contudo um método experimental que adora as regularidades e que de tão apática aos acontecimentos, constrói realidades sem que qualquer sensibilidade possa ser percebida. Produz processadores de informações programados para uma falsa perfeição, sem uma pausa para a apreciação, sem demora nos detalhes, sem suspender o juízo, sem criar condições para uma outra forma de vida.

Se há algo errado, está em fazer passar nada mais que os **NÚMEROS**²⁹!



²⁹ Composição com trechos da matéria “Você é um número” de Clarice Lispector, 1971, Jornal do Brasil. Disponível em: <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/12336/voce-e-um-numero>.

Nos interessa ocupar estes números, naquele mesmo sentido de ocupação como necessidade vital, traduzida em um ato subversivo que não se conforma com a realidade dada, mas cria a partir do que esta grafia (os números) dispõe. Ocupar estes números como quem ocupa a (Educação) Matemática para pensar os problemas dos sem-teto enquanto nos perguntamos, “será que a Matemática na sociedade em geral é apenas reconhecida por eleger “números” e operações entre si para se dar a ver?”. (SCHUCK, 2021, p. 27). Optamos por um saber que nos cede os números para questionar a realidade e pôr em xeque uma área de pesquisa ou ciência, por vezes é reduzida à mera ferramenta de descrição e quantificação.

As ocupações de imóveis ociosos acontecem então como uma maneira de pressionar as instituições, que conta com a participação de acampados cadastrados previamente no setor de organização do MTST e outros militantes do movimento, empenhados em assistir seus companheiros de luta na entrada de um terreno que, à priori, representa uma modalidade de manifestação e não necessariamente um ambiente em que se pretende permanecer. A ocupação é uma ação de contestação da desigualdade com o direito à moradia, e por isso, são construídos barracos provisórios de lona, porque, os sem-teto podem ou não ser atendidos e, caso sejam atendidos, podem continuar na zona ocupada, ou serem realocados para outros terrenos. As famílias ali em luta podem “simplesmente” estar em busca de um lugar para viver, mas também existe uma porcentagem de pessoas que acompanham o processo, participam das reuniões de grupos e setores, contribui com a manutenção da ocupação, mas não moram lá. O critério principal³⁰ é a participação na luta, na construção de um projeto político debatido e decidido em coletividade em busca de uma vida melhor (GONÇALVES, 2017). Militante, Michele Navarro, conta como viveu na pele o curso da ocupação:

A coordenação estadual faz uma avaliação de como estamos lidando quantitativamente e qualificadamente das ocupações em que já estamos inseridos, a partir disso, se avaliarmos que temos que crescer o movimento, começamos o mapeamento e a pesquisa de terrenos. Um critério básico é o não cumprimento da função social da terra urbana, de acordo com o estatuto da cidade. Geralmente são pessoas muito ricas que mantém o terreno vazio apenas pra especular. Quando tá tudo certo, articulamos uns ônibus das ocupações que já estamos que não sabe nem onde é o terreno, às vezes só divulgamos a região por questão de segurança. Aí, é a parada mais bonita, o setor de autodefesa dá

³⁰ Para organizar a luta, o MTST conta com reuniões frequentes e acordos comunitários que ajudam a facilitar o convívio e a dinâmica que dá corpo à manifestação que pode durar muito tempo. Nesse sentido, são estipuladas regras que garantam que todos que estão ali possam contribuir de forma justa com o trabalho exigido pela ocupação. A cartilha de princípios do MTST – disponível em: <https://cartografiaparticipativairati.files.wordpress.com/2016/12/cartilha-organizac3a7c3a3o-social2.pdf> - destaca alguns traços de organização do movimento.

show. A galera da autodefesa chega antes e prepara tudo, quando chegamos já tá o buraco no muro e umas motos ligadas dentro do terreno mapeando ele todo por dentro, iluminando e determinando aonde serão construídas a cozinha coletiva, e os primeiros barracos. Aí o povo entra e começa a subir a cavar e construir barracos, ninguém dorme. Cada acampado leva seu “kit sem teto”. O kit são copos, prato, comidinha pra madrugada, lona, lanterna, madeira, martelo, prego e escavadeira. Quem não tiver empresta ao outro, vamos compartilhando tudo. Dependendo de como esteja, ficamos cantando palavra de ordem e acendemos uma fogueira. Mas o setor de autodefesa faz ronda a cada quinze minutos, e uma parte ficam de prontidão garantindo a segurança e começo da ocupação. Isso quando não dá polícia depois, mas quando tamo dentro é difícil tirar. (GONÇALVES, 2017, p. 69).

Depois deste encontro com o que diziam os livros a respeito do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, iniciamos uma busca por palavras capazes de descrever esse desejo de pesquisar com as práticas deste grupo, interessados em explorar o tremor provocado pela aproximação entre os saberes produzidos na luta dos sem-teto e a (Educação) Matemática. Se antes a preocupação era em torno da ignorância acerca de um tema nada recorrido por um professor de Matemática, logo nos pareceu razoável explorar como uma conexão poderia acontecer, ou melhor, saborear uma atmosfera que paira sobre nós e que por algum motivo nos põe a pensar sobre a atração entre a sala de aula de Matemática e um movimento social. Possivelmente, uma ponte para a pré-história desta pesquisa tenha sido o envolvimento com a Etnomatemática, área de pesquisa lembrada por alguns por relacionar Matemática e Cultura, mas lembradas por nós por balançar num mesmo movimento (Educação) Matemática e produção de subjetividades³¹.

Que professor ~~de~~ pela Matemática é formado *com* as ocupações urbanas? Que ocupação é formada *com* um professor ~~de~~ pela Matemática? Acontece algo quando juntos (se) movimentam, movimentam Educação Escolar, Educação não-Escolar e Educação Popular? São questões que começam a justapor-se às anteriores.

Aliás, o que pede o adjetivo Popular? Possui uma característica de popularidade aquilo que quer distanciar-se do privado? Popular porque o espaço institucional da Educação Escolar não performa com os atravessamentos dos movimentos sociais? É difícil reduzir isso à uma simples oposição quando a escola é vista como lugar de aprendizagem enquanto processo de subjetivação. Um ponto de onde podemos partir vai de encontro com a individuação do sujeito, não estrita ao individual ou privado, dizemos, é possível uma aprendizagem que inclui sistemas pré-individuais e produções de subjetividades em que mesmo o individual não tem nada a ver com a vida privada, “mas

³¹ Mais adiante, em outro bloco, conversaremos mais sobre este movimento de pensar a Etnomatemática a partir da cultura e dos processos/produção de subjetividade.

designam a operação pela qual os indivíduos ou as comunidades se constituem como sujeitos, à margem dos saberes constituídos e dos poderes estabelecidos, que passam a dar lugar a novos saberes e novos poderes”. (DELEUZE, 1991, p. 26).

Por outro lado, dizer que a educação tem sido frequentemente privatizada ou mercantilizada parece plausível, em especial, quando vemos um espaço que poderia ser tomado como comum, se tornando um aparelho de subtração da diferença, que sob o discurso do direito de todos aprenderem, homogeniza professores e alunos, trazendo todos para um mesmo lugar. Com efeito, isso aparece aqui não para *fazer guerra ao feio*, mas para traçar um plano que dá chão à desconfiança de uma escola padronizada. Duvidamos da capacidade de uma escola estratificada colaborar com a produção de uma outra vida.

Uma Educação para todos – em termos de acesso - é traduzida em uma *mesma* educação para todos – independentemente das necessidades de cada um (GALLO, 2012). Quando muito, é exercido um respeito ao diferente, desconsiderando que a diferença com a qual pensamos possibilitar um plano comum entre uma ocupação e um professor pela matemática refere-se à um devir-outro, a um processo que acontece antes da individuação dos seres. A diferença, geralmente vetada, tem mais a ver com a construção de um projeto comum em que não há uma sobreposição do singular, nem se aproxima da unidade, é um entre no encontro de dois mundos. Não se trata de substituir um mundo por outro, nem imitar ou identificar, “é criar algo que não está nem em você nem no outro, mas entre os dois, neste espaço-tempo comum, impessoal e partilhável que todo agenciamento coletivo revela”. (ESCÓSSIA; KASTRUP, 2005, p. 303).

Falamos em Educação mas poderíamos estar falando sobre a existência humana. Nos dias de hoje os poderes não param de usar a subjetividade para, de maneira imanente e antecipada, ir capturando as possibilidades de futuro. Essa espécie de colonização investe na dimensão vital e sua inventividade para garantir que o consumo exceda a posse de objetos do mercado, alcançando agora “estilos de ser, maneira de viver, formas de vida, sentidos, toneladas de subjetividade”. (PELBART, 2015, p. 20). Para concentrar as forças no campo econômico, o jogo liderado pelo capital, ao qual a Educação está assimilada, vai engolindo as outras instâncias, integrando-as, colocando para trabalhar em seu favor mesmo o inconsciente. Constrói-se então uma megamáquina social atenta a qualquer fluxo que ensaie trair os caminhos dispostos pelo jogo. Nada passa além dos esforços para que a fábrica de dinheiro não entre de férias: se um grupo de favelados faz

uso de uma parcela ínfima desse dinheiro, é porque este uso deve fortalecer uma única forma de vida, ainda que miserável. É claro que um sem-teto pode ter uma casa, basta que encontre suas manobras para jogar um jogo competitivo em que, a vitória de alguns implica necessariamente na derrota de outros³².

Sem ter nos distanciado da Educação, voltamos a ela para lembrar que,

nos parece que a diversidade de adjetivações feitas à Educação tais como Educação Popular, Educação Indígena, Educação Camponesa, Educação Especial, entre tantas outras, estabelecem, de um ou outro modo, ações imperativas que misturam uma certa temporalidade com ideais de progresso, desenvolvimento e bem-estar em que a relação com o outro – com o sujeito que aprende, com o indígena, com o camponês... – parecem estar mediadas pela intenção de “integrá-lo” ao próprio campo que define o adjetivo que acompanha a Educação e/ou a um campo majoritário em que capital e trabalho são uma dupla presente que pode ora desarticular ora criar desejos. (ORJUELA-BERNAL, 2018, p. 108).

E então, o que quer uma popularidade? Produzir a partir do dissenso, quer?

Desviar das exclusivas privatizações, quer?

Compor uma Educação (Matemática) em multidão, quer?

Quer o direito de dizer o que foi dito e mesmo o que não foi dito de um modo que seja nosso, imediato, direto, que responda aos modos de sentir atuais e que todo o mundo compreenda³³ ?

Recuperar este direito que nos foi sequestrado não afasta a exigência de mais saúde, mais educação, mais serviços, menos corrupção, mas antes, exige algo menos quantificável, quer “novas maneiras de exercer sua potência, de fazer valer o seu desejo, de pôr para funcionar sua libido coletiva, de redesenhar a lógica da cidade, da coexistência, inclusive da ruptura, do dissenso, da dissidência, da irrupção do novo” (PELBART, 2015, p. 24).

³² Neste jogo, diversas instituições legitimam seu padrão civilizatório, tornando difícil uma outra ótica capaz de questionar a estrutura e transformar a sociedade. Entre subjetividades capitalísticas, um dos principais limites de transformação estão “nuestras propias cabezas, en un pensamiento atado a la reproducción de lo existente, en nuestra débil capacidad para imaginar otras formas de entender las cosas” (LANDER, 2009, s. p.). Neste jogo, ganha quem produz riqueza através de um processo de desenvolvimento, progresso e industrialização sujeitados ao juízo das contas nacionais. Desta forma, abstrai-se a capacidade produtiva da vida para dar espaço a uma porção de vida pequena e bastante conveniente para as trocas mercantis. Ao mesmo tempo, “omiten los procesos destructivos, con lo cual muchas veces aparece como «acumulación de riqueza» lo que es en realidad un «proceso sistemático de empobrecimiento colectivo», porque se están destruyendo las condiciones que hacen posible eso mismo que llamamos riqueza” (LANDER, 2009, s.p.). Fecham-se os olhos para as dicas de Ailton Krenak sobre como adiar o fim do mundo, para que os mais privilegiados possam se beneficiar com mais riquezas, na comercialização do que dizem possibilitar a sobrevivência nesse estilo de vida específico.

³³ Artaud (2006, p. 62).



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=YHmssX8MSLo> (min 05:49)

Está mais no campo das (im)possibilidades, da experimentação dos limites da forma de vida posta como única possível ou como centro de convergência. Nas fronteiras, a política de extração, de produção de riqueza, nos fornece caras pontes entre abismos, ignorando o quanto isso pode vir a criar cada vez mais precipícios, complexificando assim, os mecanismos que, contraditoriamente, adiam e aproximam o fim do mundo.

A vida pede mais; os pré-moldados não dão conta de resolver um mal-estar do corpo, um problema em virtude de um estranhamento. Ao contrário, um poder retoma seu centro de convergência para transformar tudo que pode se distanciar da hegemonia em maldição; busca desesperadamente por algo que ocupe esse espaço desestabilizado pelo estranhamento, atribuindo a ele uma causa, que a qualquer custo, recupere o equilíbrio. Criam-se instituições para fazer funcionar aparelhos que capturam o que incomoda e em seguida o destrói ou o perverte. Abusa dos binarismos para definir certo e errado, marginal e inadmissível, corrompido e louco, sem-teto e bandido, escola e não escola, popular e privado, Matemática e não-Matemática... Mas o que queremos destacar é que, *lá onde há poder há resistência*³⁴. Lá onde onde tudo é cimento, nasce nos cantos brotos

³⁴ Com Foucault (1988, p. 90) recordamos que “lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder. Deve-se afirmar que estamos necessariamente “no” poder, que dele não se “escapa”, que não existe, relativamente a ele, exterior absoluto, por estarmos inelutavelmente submetidos à lei? Ou que, sendo a história artil da razão, o poder seria o artil da história — aquele que sempre ganha? Isso equivaleria a desconhecer o caráter estritamente relacional das correlações de poder. Elas não podem existir senão em função de uma

de plantas, fluxos que insurgem apesar das formas de colonização. “Ao poder sobre a vida, biopoder, responde a potência da vida, biopotência” (PELBART, 2015, p. 21).

Onde são denunciados focos de poder, uma potência vital já estava lá. Onde um território impõe regras interiores, a exterioridade já tinha terra, lugar por onde compromete os muros que separam dentro e fora, sem que se saiba sempre, exatamente onde se está. Aquilo que parecia irreversivelmente capturado pelo Estado mostra outra, e outra e mais outra face. Mesmo uma Educação (Matemática), focada em responder às demandas do neoliberalismo deixa escapar acontecimentos que abrem margem nas estruturas de comando; faz passar um saber da luta, uma voz local, uma filosofia sem-teto, uma biologia ou geografia ou literatura ou ... uma mancha de terra, uma risada num assunto sério, uma Matemática torcida, um abraço, uma resposta esquisita, uma pergunta sobre a pergunta, uma sala de aula cheia de imprevistos e impensáveis. Tocamos no que se refere a escola como espaço de muitas variáveis, tantas quantas um único senhor é incapaz de governar.

Paraisópolis é prova de que já não nos surpreendem as tentativas de subir muros que separem pobres e ricos³⁵. Essa segregação aparece como se fosse um movimento natural, quando em realidade atua em nome de uma segurança máxima: criam-se perigos para que assim seja plausível a compra de uma segurança. É claro que a violência é uma questão com a qual temos que lidar, mas o ponto ao qual queremos chegar é que estes “entre mundos” não acontecem por acaso, há uma malha de poder ali transposta, ao mesmo pé que também age uma biopotência. E se há tanto poder distribuído nas periferias ou nas proximidades das ocupações, é precisamente porque os olhos de alguém percebe nos tijolos laranjas e nos fios embolado com pipas, sua própria fragilidade. Deleuze e Guattari (1996, p. 94) diriam que se trata de um zigzag de macro e micropolíticas, *molar*

multiplicidade de pontos de resistência que representam, nas relações de poder, o papel de adversário, de alvo, de apoio, de saliência que permite a apreensão. Esses pontos de resistência estão presentes em toda a rede de poder. Portanto, não existe, com respeito ao poder, um lugar da grande Recusa — alma da revolta, foco de todas as rebeliões, lei pura do revolucionário. Mas sim resistências, no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício; por definição, não podem existir a não ser no campo estratégico das relações de poder”.

³⁵ Em meados de 2020, foi construído um parque que a mais de 10 anos vinha sendo reivindicado pelos 100 mil habitantes da periferia de Paraisópolis com objetivo de que fosse oferecido algum tipo de área pública de lazer para este povo. O parque divide de um lado Paraisópolis e de outro as casas de alto padrão do Jardim Vitória Régia, sendo os moradores deste segundo bairro quem solicitaram que um muro de 3 metros fosse construído isolando o parque para o lado de lá, sem nenhum acesso/saída pelo lado mais rico, evitando assim “constrangimentos”. Veja mais em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/moradores-do-morumbi-querem-construir-muro-para-separar-parque-paraisopolis/>.

e *molecular*³⁶, visto que, “quanto mais se equilibra entre Leste e Oeste, numa máquina dual, sobrecodificante e superarmada, mais se ‘desestabiliza’ numa outra linha, do Norte ao Sul. Há sempre um Palestino mas também um Basco, um Corso, para fazer uma ‘desestabilização regional da segurança’”. Os autores complementam:

Diz-se erroneamente (sobretudo no marxismo) que uma sociedade se define por suas contradições. Mas isso só é verdade em grande escala. Do ponto de vista da micropolítica, uma sociedade se define por suas linhas de fuga, que são moleculares. Sempre vaza ou foge alguma coisa, que escapa às organizações binárias, ao aparelho de ressonância, à máquina de sobrecodificação: aquilo que se atribui a uma "evolução dos costumes", os jovens, as mulheres, os loucos, etc. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 94).

O medo dos becos, das vielas, dos barracos de lona, do samba e do funk, verte nada mais que o grau de ameaça das insurgências que se ampliam a cada instante nas vidas que são vividas como forma de resistência. Os *centros de poder* são definidos por aquilo que escapa, pela potência das economias paralelas, dos grupos ou gangues, das mudanças de ritmo, das políticas alternativas e enfim, das vidas extremas ~~apesar de~~ compostas com...

“Prontos para começar” a pesquisa, percebemos que aquilo nos movimenta é a vontade de aprender com novas redes de vida possíveis na micropolítica. Afortunadamente fomos aproximados à luta da reforma urbana, mas, produzir uma Educação despreocupada com as adjetivações e atenta às práticas excludentes, poderia acontecer com povos quilombolas, com indígenas, com a sala de aula de Matemática, com os intervalos entre aulas ou qualquer outro espaço onde nos sentíssemos capazes de provar da potência molecular³⁷. Nosso esforço é de produzir outros indivíduos em nós mesmos e de pensar a escola, bem como o ensino de Matemática, como possibilidade de que todos possam ter *o direito de dizer o que foi dito e mesmo o que não foi dito de um modo que seja nosso*. Surge uma oportunidade de nos abirmos à realidade de uma ocupação, permitindo as afetações entre diferentes práticas e formas de ler o mundo.

³⁶ Deleuze e Guattari (1996) descrevem uma dinâmica social como um plano de segmentaridades duras e modernas, denominadas molares [macropolíticas] e segmentaridades flexíveis e primitivas, denominadas moleculares [micropolíticas]. Entre linhas de segmentos e fluxos de quanta molar e molecular não se definem por uma característica de enormidade ou pequenez de seus elementos, mas uma em relação à outra, visto que se distinguem por não ter os mesmos termos, “nem as mesmas correlações, nem a mesma natureza, nem o mesmo tipo de multiplicidade. Mas, se são inseparáveis, é porque coexistem, passam uma para a outra, segundo diferentes figuras como nos primitivos ou em nós – mas sempre uma pressupondo a outra” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 90).

³⁷ [...] “não se trata, evidentemente, só dos oprimidos ou das minorias, embora sempre se trate deles também, mas dos devires minoritários de todos e de cada um: não exatamente o povo, mas o povo que falta, o povo porvir” (PELBART, p. 46).

Dito isso, retornamos à ocupação tão próxima de nossa casa quanto 7 quilômetros de caminhada. Caso concordassem, poderia ser com a ocupação Vila Soma nosso primeiro contato direto com o movimento. A Vila Soma, ocupação da cidade de Sumaré, desfrutava de um barracão onde eram desenvolvidas atividades educativas, focadas inicialmente no auxílio com pré-vestibulares, estudos para o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA) e com outras avaliações para cursos profissionalizantes. Participar do espaço denominado “Centro de Cultura e Educação Popular Vila Soma”, administrado por alunos da graduação e pós-graduação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), marcaria um passo interessante, enquanto professor, para ouvir mais do trabalho educativo ali desenvolvido e da luta vivida pelos nossos vizinhos.

O contato inicial se deu pelas redes sociais³⁸ e aos poucos foi se tornando uma relação mais estreita, até que pudéssemos dizer que fazíamos parte da equipe de professores do “barracão”. Para nós, significava uma espécie de experimentação, para a Pós-Graduação em Educação Escolar, a posse de um projeto de mestrado que após a conclusão dos créditos exigidos com disciplinas, poderia entrar em ação com uma pesquisa de campo. Em resultado da aproximação, obtivemos uma entrada bastante receptiva. Finalmente pudemos ver de perto o chão de terra, os vigorosos sorrisos daquela gente, as ligações improvisadas de fios, os cachorros correndo na rua e as casas que lado a lado formavam bem mais que 20 quadras de insurgência.

Já seria possível iniciar uma pesquisa concentrada nas aprendizagens *com* a Vila Soma, frisando as diferenças que poderiam surgir entre militantes sem-teto e um professor pela matemática, até então tão pouco envolvido com essas questões políticas. Entre lá e cá, os processos de subjetividade colocariam em movimento não hierárquico uma pesquisa *nossa*.

Com o tempo o projeto foi amadurecendo e ganhando outras portas de entradas, incitadas pelos grupos de pesquisa, pelas leituras independentes, pelas disciplinas cursadas e pelos eventos da vida. De repente, novos e-mails iam contornando outras perspectivas de dissertação que nosso projeto inicial até então desconhecia.

³⁸ Centro de Cultura e Educação Popular Vila Soma: <https://www.facebook.com/ejaVilaSoma>.

Novembro, 2019

Bom dia, Dênis! Como você está?

Escrevemos porque nosso trabalho tem tomado outros rumos. Foucault é uma leitura bastante intensa que nos acompanha nas tentativas de entender os mecanismos do poder. Mas devemos confessar que temos nos encontrado com outras pessoas...outras nuances. Esses dias ouvimos dizer sobre uma dupla de franceses que dizem coisas lindas. Ainda não podemos dizer que entendemos tudo do que foi dito, mas tem algo entre as linhas de Deleuze e Guattari que nos encanta. Não sabemos. Só sabemos que algo nos anima, parece que alguma coisa nos atravessa.

Falando em algo que acontece, aproveitamos pra dizer que algo tem nos acontecido nas aulas da Paulinha, a Ramos. Não sabemos ainda se é a abertura de um vocabulário tão novo que até parece glossolalia ou se são essas maneiras de se conectar com o outro que uma sala de aula pode proporcionar. Encantamento? Talvez. Paula tem falado em Jorge Larrosa e Jacques Rancière, você deve conhecer...

Vamos conversar. Enquanto companheiros de afetos na pesquisa, o que esperamos são boas conversas, à deriva. Vamos nos perder! Ou nos encontrar? Um meio de obter é não procurar.

Abraços,
Eric

Com os novos nomes que compunham nosso referencial teórico, pensávamos dar início a uma pesquisa etnográfica pela qual estávamos ansiosos. O que não sabíamos é que esta seria a pesquisa que não foi. A pesquisa que “não deu certo”. A pesquisa que “fracassou”. Com o susto da pandemia e quase um ano de distanciamento social, uma pesquisa com encontros presenciais se tornava uma possibilidade cada vez menos viável. Nenhuma expectativa foi capaz de se manter em pé; se 2020 foi um ano de leitura e espera para dar início à uma pesquisa, com ele também se foi o tempo hábil para realizar uma pesquisa de campo. Mas esperem aí, a pesquisa ainda não começou?

Surgia um problema para nós pesquisadores e para a área da Etnomatemática. Que tipo de pesquisa será essa com a qual teremos que lidar com imprevistos deste tamanho? Como dar continuidade a uma pesquisa sem a sensação de que a dedicação até o momento estava sendo desperdiçada? Como fazer funcionar uma dissertação que flerta diretamente com a Etnomatemática, em sua dimensão etnográfica, sem que seja possível uma investigação de campo? A única resposta obtida foi que mesmo sem ter aparentemente começado, a pesquisa já produzia algo em nós; sem que percebêssemos, uma pesquisa já efetuava um saber, quer dizer, *quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe. Assim é que os senhores sabem mais do que imaginam*³⁹.

Quanto à Etnomatemática, as coisas ficaram complexas na medida em que fomos adicionando critérios decoloniais para o modo de investigação. O trabalho com etnografias não é uma tarefa fácil, sobretudo quando se deseja afastar-se das hierarquias postas pela separação pesquisador-pesquisado. Junto disso, a crise sanitária coloca para nós o desafio de estabelecer uma relação de aprendizagem com o outro sem a presença corpo a corpo e, sem ajustar-se a uma pesquisa contemplativa ou extratora de informações. Atentos a isso, caminhamos com uma Etnomatemática vigilante aos territórios comuns de pesquisa mapeados por Parra (2020)⁴⁰, nos interessando mais admitir a anormalidade sem envolvimento com o desejo de produzir “um sentido único e existencial: se isso é Etnomatemática, onde está a Matemática? Surgem aí alguns impasses que anunciam uma resistência quanto a concepção mutável das etnomatemáticas que não se limita à Educação Matemática ou à reconição”. (PAULUCCI; TAMAYO-OSORIO, 2021, p. 145).

Na pressa para diminuir as pausas, a alternativa imediata foi apelar para os meios que as instituições de ensino adotaram: os encontros por vias das tecnologias digitais. Enquanto professor(es) do Centro de Cultura e Educação Popular Vila Soma, sabíamos das dificuldades desta decisão, afinal, o clima de um encontro virtual é completamente diferente; precisaríamos todos nos adaptar a uma nova sala de aula, online, e com as limitações de acesso à internet que qualquer ocupação enfrenta. Sem escolha, as aulas da Vila Soma continuaram graças ao ensino remoto e as atividades assíncronas, porém, para

³⁹ Lispector (1998, p.12).

⁴⁰ O autor levanta sete tópicos que caracterizam este lugar comum: 1) O caráter contemplativo da Etnomatemática; 2) A sublimação do outro; 3) O problema ontológico; 4) O encontro com o outro – a ideia de extrair informação; 5) Os justiceiros da valorização epistêmica; 6) A propriedade intelectual; e, 7) A escolarização e a cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q5ICkdDTqtE>.

esta pesquisa, essa alternativa foi se esfazelando, trazendo de volta o sentimento de que essa investigação nunca iria comezar.

Fevereiro, 2021

Olá, Dênis. Esperamos que esteja bem e com saúde!

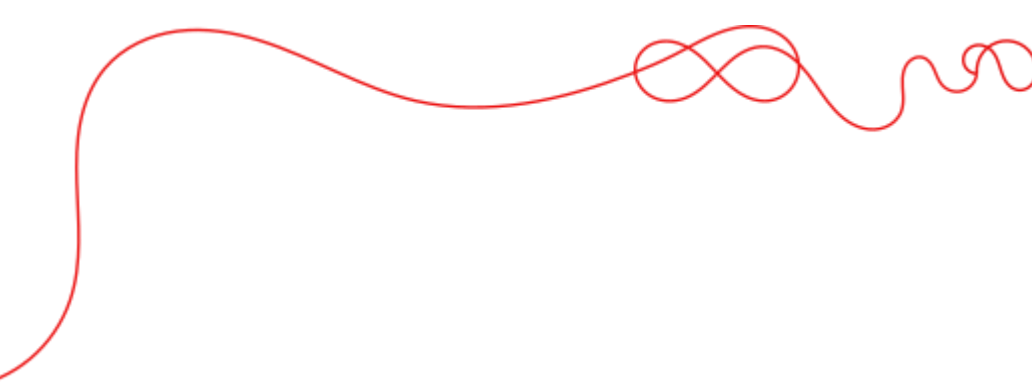
Escrevemos mais uma vez, bastante preocupados. O comitê de ética tem seu tempo para avaliar nosso projeto e temos andado muito angustiados.

Sobre os obstáculos do isolamento, nos custa muito reunir pessoas dispostas a formar um grupo de conversa online. E, com Carol - aquela com quem compartilhamos desestabilizadores sustos na Etnomatemática -, nos convencemos de que esta, talvez, não tenha sido umas das melhores ideias, para não dizer uma ideia um tanto colonial. Com efeito, a pandemia tem sido cruel com os moradores da ocupação, logo não parece ser o momento de propor este encontro virtual, nada urgente para estas pessoas.

Mais uma vez, já não temos certeza de que a pesquisa começou. Não ver o que foi planejado se efetuando pode ser desesperador; saber dos movimentos da pesquisa sem vê-los nos tira o que antes escondia nossa frágil capacidade de espera.

Você que é tão sábio, sabe quanto tempo de não procura é necessário para a obtenção?

Abraços,
Eric



Caras leitoras e leitores, desculpa se nos atrasamos. Chegamos até aqui por muitos inesperados, encontros de horas marcadas e outros que sequer chegaram a acontecer. Sinceramente não sabemos colocar os eventos desta pesquisa em um calendário, menos ainda dizer quais relógios estão adiantados. Se nos atrasamos, foi porque quando o percurso desta investigação nos colocou problemas, nos arriscamos a vivê-los, mesmo que isso trouxesse algumas decepções. *Decepções não matam, ensinam a escrever*⁴¹. Tenta. Fracassa. Tenta de novo. Às vezes a gente procura e acha que não obteve. Se seguirmos os conselhos de um mestre ignorante, seguiremos pesquisando continuamente. Não é que quem procura não encontra, mas não encontra exatamente aquilo que se buscava; “encontra alguma coisa nova, a relacionar à coisa que já conhece. O essencial é essa contínua vigilância, essa atenção que jamais se relaxa sem que venha a se instalar a desrazão” (RANCIÈRE, 2002, p.44).

Um pouco mais convencidos de que a pesquisa já corre, investimos em seus movimentos para encontrar o que fazer com todas estas pontas, portas e portais tornadas visíveis no processo vivido até o momento. Pegamos uma etnografia aqui, um movimento social lá, uma matemática ali, uma educação acolá e embalamos tudo pra viagem. Há pouco não sabíamos como trabalhar com uma pesquisa de campo sem sair de casa, contudo, entre um imprevisto e outro, nada se perdeu, apenas aprendemos a aceitar que nosso caminhar se deu no ato. Na impossibilidade de viajar como quem vai de um lugar a outro em linha reta, optamos por uma viagem invadida por voltas, pausas e retornos. Para continuar viajando, preferimos olhar para aquilo que pedir nossa atenção nas teses e dissertações que, em modo etnográfico, trazem as vozes de alguns moradores sem-teto.

No esforço em sair do lugar, de não levar a casa nas costas, primeiro obtivemos para depois procurar. Algo fica da pesquisa que “não foi”; sem culpa. Produzimos uma ciência não *apesar* das adversidades, mas movimentado por elas. Junto com o MTST, com a (Educação) Matemática e com a vida, uma pesquisa anuncia sua vinda. Depois disso, talvez sejamos capazes de pensar o que pode ser, realmente, ocupar-se de algo. Quem sabe devorando ou devorados pelo outro, tornamo-nos capazes de afetações outras; pretensiosamente, podemos inventar alternativas à um único modelo de pensamento; quiçá possamos retomar o direito de ver tantas outras coisas onde, corriqueiramente vemos os saberes legitimados pela modernidade.

⁴¹ Trecho do poema de Latorre (2016, p. 22).



A Vila Soma

Soma, Orquídeas, Império, Mangueira, Bela Vista, Nova Jerusalém, Nossa Senhora da Aparecida, Conquista, Deputado Ricardo Zarattini, Marisa Letícia Lula da Silva, Projetada, Faroeste Caboclo, Trabalhadoras, Pescadores, Regularização, Vitória, Brasil, Paz, Gasparzinho, Missão, Povo Sem Medo, Graça, Amizade, Santos Monteiro, Glória, Imigração, Imigrantes, Destino, Formigueiro, Salve Jorge, Lago, Sossego, Francisca Leopoldino Teixeira, Marielle Franco, Coqueiros, Lírios dos Vales, Oliveiras, Prazeres, Mata, Dr. Ernesto Che Guevara, Praça da Resistência, Viela Sumaré, Viela Anderson Gomes, Viela Esperança, Viela Dandara, Aviação, Messias de Oliveira. *Vila Soma é luta!*

De Marielle Franco à Vitória, com Graça, Amizade e Esperança, Soma-se os Prazeres da Glória. Vila Soma, A luta é pra valer! Os nomes (das ruas) acima (des)territorializam um espaço que por muito tempo foi cenário de muita violência, mas também de organização de um povo e produção de sentido de luta. Em seus recém 9 anos de militância a ocupação vem, telha a telha, refazendo suas percepções de mundo que, junto com a batalha pela efetivação de direitos já seus, também desestabiliza a maneira como a cidade de Sumaré/SP estrutura a cidade física, mas também subjetiva. É entre cotoveladas que a ocupação Vila Soma, desde junho de 2012, insiste em liberar-se dos gastos com aluguéis insuportáveis, enquanto ocupa espaços “para permitir que a população nele intervenha, desafiando a tentativa de autoridades de excluí-la (de um lugar, de um projeto, de um processo decisório)”. (ROLNIK, 2015, p. 377). Trazem valiosas lições para uma nova lógica de organização do território urbano, não por simples vontade de mudança, mas por um desejo produzido com seu instinto de sobrevivência.

É necessário destacar que não se trata de um caso isolado, mas um dos mais de oitenta casos de ocupações não regularizadas na cidade de Sumaré (São Paulo), sem mencionar os outros muitos casos espalhados pelo Brasil, sob ameaça de despejo em benefício de Olimpíadas, Copas do Mundo ou cotidianos afetados pela situação da pobreza (MANDL, 2018). As réguas da geo-metria brasileira desenham uma desigualdade socioespacial típica das suas metrópoles, representando um fenômeno nada acidental nas cidades de periferia capitalística, o que nas palavras de Rolnik (2015),

estaria intimamente relacionado à superpreocupação do Estado com a circulação do capital, âmbito onde “os vínculos com o território são reduzidos à unidimensionalidade de seu valor econômico e à perspectiva de rendimentos futuros, para os quais a garantia da perpetuidade da propriedade individual é uma condição”. (ROLNIK, 2015, p. 13).

A primeira Soma acontece junto com início da ocupação do terreno de cerca de 1,5 milhão de metros quadrados, sucedendo a falência da Metalúrgica Soma - posicionada em região central da cidade - que deixou uma grande dívida⁴² pública, trabalhista e privada desde o fim dos anos noventa. A princípio a ocupação urbana se formou com aproximadamente 200 famílias sem-teto de maneira orgânica, sem nenhum planejamento prévio, nem apoio político ou de qualquer movimento social, apenas inspirada em outras ocupações. Em seguida, para tornar-se uma das maiores ocupações do Estado de São Paulo e uma das maiores da América Latina (SABINO, 2019) os moradores passaram a constituir redes de apoio que possibilitassem a ampliação de suas ações e reivindicações. De dentro pra fora, une-se à Soma, movimentos sociais como o MTST, além de coletivos de agentes da saúde, advogados e educadores da cidade, o que consistiu em um movimento importante para a consolidação organizativa. Pouco a pouco, as mulheres, homens e crianças da Vila Soma foram levantando uma estratégia de mobilização nas ruas, agora com maior apoio e planejamento, também sustentada por uma equipe de coordenação e um representante jurídico.

Em resposta ao crescimento, em termos de números de militantes e, conseqüentemente, de força de luta, as pessoas desta ocupação sofreram intensos processos de reintegração de posse, conflitos diretos com a prefeitura do município e diversos episódios de abuso policial. Entre as invenções de práticas que possibilitassem condições mínimas de vida, os ocupantes fizeram do conflito urbano e da constante ameaça de remoção, elementos com os quais se fazia necessário entender as relações postas para, assim, ter condições de contornar seus adversários (macro)políticos. A participação coletiva foi uma das práticas primordiais na atuação da ocupação: as decisões passaram a ser tomadas em assembléias que reuniam cada um dos “líderes de rua” e os dois coordenadores gerais para debater e propor soluções para ações coletivas, regras de

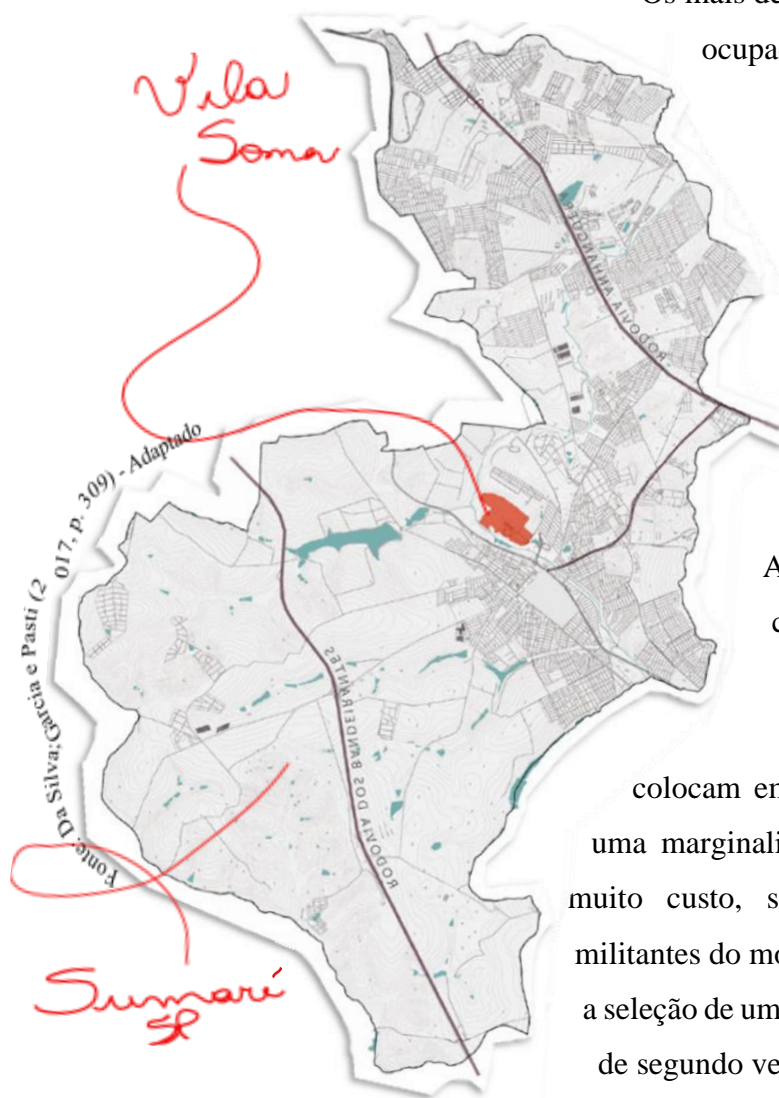
⁴² “Os proprietários da massa falida acumulavam dívidas gigantes, sendo de IPTU (mais de R\$ 15 mi), trabalhistas (R\$ 2,5 mi), com a Fazenda Nacional (R\$ 90 mi) e com a Fazenda Estadual (R\$ 60 mi). Para se ter noção do problema, o terreno é avaliado em cerca de R\$ 94 mi, valor que saldaria as dívidas trabalhistas, mas nem de longe o conjunto dos débitos” (SABINO, 2018, p. 97).

convívio e trabalhos cotidianos que atendem as solicitações que vão desde necessidades básicas como alimentos, roupas ou remédios, até o auxílio com comprovantes de residência⁴³. Willian Souza, liderança da comunidade, explica melhor o funcionamento:

as reuniões são feitas entre nós, liderança; com o Alexandre [advogado da Ocupação] e com os líderes de rua, quando possível. Mas nenhuma decisão é tomada aqui. Nós apenas discutimos as melhores formas de organização para que o que seja o melhor para comunidade seja levado e votado. Tudo é tomado por decisão das pessoas da Vila Soma. (DA SILVA; GARCIA; PASTI, 2017, p. 305)

Os mais de 60 atos de manifestação realizados pela ocupação, só no ano de 2015, explicita as dificuldades ali enfrentadas, marcadas pela visibilidade forçada que obrigaram aqueles que têm medo de pobre a ver as barricadas, protestos e acampamentos como um lugar de re-existência bastante odiado. Trata-se de um grupo que reverteu 16 ordens de reintegração de posse.

A posição central da ocupação revela conflitos vividos entre uma classe financeiramente favorecida e os trabalhadores da Soma. Ditos conflitos colocam em evidência os estereótipos que incitam uma marginalização que só pode ser desmanchada a muito custo, sob a eleição de dois representantes militantes do movimento no conselho tutelar municipal e a seleção de uma de suas lideranças para ocupar a cadeira de segundo vereador mais votado de Sumaré.



⁴³ Estes comprovantes ajudam a evitar os constrangimentos sofridos pela população da Vila Soma que lidam com a dificuldade de acesso à escola para mais de 700 crianças e com os problemas com o uso dos equipamentos básicos de saúde e de outros serviços que lhes são negados (água, luz e energia) pelo fato de comporem uma ocupação urbana. Como bem coloca Sabino (2018, p. 99): “a execução dos comprovantes de endereço já marca uma atitude de rebeldia, de marcação de presença, mesmo que isso gere nos empregadores e em muitas pessoas da cidade um certo estranhamento preconceituoso”.



Fonte: Carvalho (2021, p. 41)



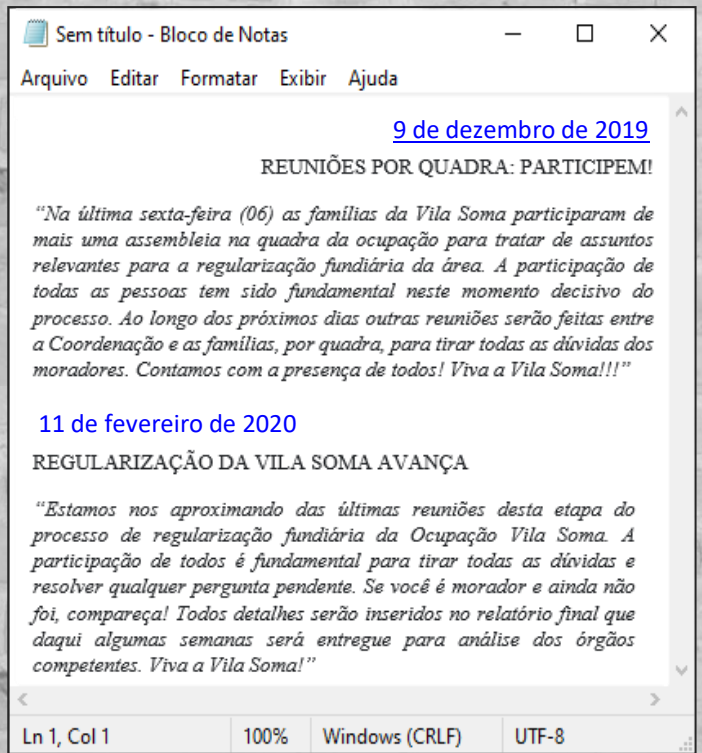
Fonte: Costa (2019, p. 102)



Em 2016 uma liminar marcou a vila por suspender por tempo indeterminado a reintegração de posse⁴⁴ sob ordem do Superior Tribunal Federal (STF), uma intervenção do poder máximo, até então, inédita no histórico de embates por terras urbanas (COSTA, 2019), permitindo finalmente, aos quase 11 mil moradores, condições de maior pacificação. Se por um lado houve paz em relação à pausa nos confrontos por despejos, por outro a prefeitura articulava suas ações, apostando nos leilões de vendas de terras. Com a falência das propostas do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) pós golpe de 2016, resta aos moradores a negociação do terreno leiloado para as empresas “Fema4”. Inaugura-se então, um período de redirecionamento das energias do movimento de não só evitar o despejo, mas de conquistar melhorias para a vida do povo que tem saldo positivo na luta por um espaço não confinado. A partir daí, o processo de urbanização da Vila Soma se tornou uma questão de homologação da prefeitura da cidade, dividindo os lotes, registrando as ruas e fornecendo o suporte de infraestrutura até então dispensado. De Marielle Franco à Vitória soma-se mais uma conquista e os nomes das ruas, escolhidos à dedo, marcam as linhas que localizam esse movimento, ou melhor, que permite que este movimento continue acontecendo.

Hoje, a ocupação representa um processo de luta que ainda não terminou, mas que precisa ser celebrado. Comemorar os 9 anos de resistência que, mesmo ante inúmeras ameaças e do lado oposto de poderes políticos grandiosos, alcançou a felicidade de permanecer onde sua história foi construída, assim como suas suadas casas de alvenaria. Menos que teoria ou estrutura, o que parece nascer da luta são as forças das relações sociais e territoriais. Agora, a Vila Soma caminha em um processo em que os tempos políticos nacionais são outros, enfrentando as contradições de assumir uma dívida pesada durante uma crise sanitária que, de certo, afetou financeiramente, centenas de famílias. A luta agora vai e vem, mais uma vez, entre a dualidade legal-ilegal, para no cotidiano, encontrar dobras capazes de assumir uma alternativa diante dos potenciais não pagamentos das parcelas do terreno.

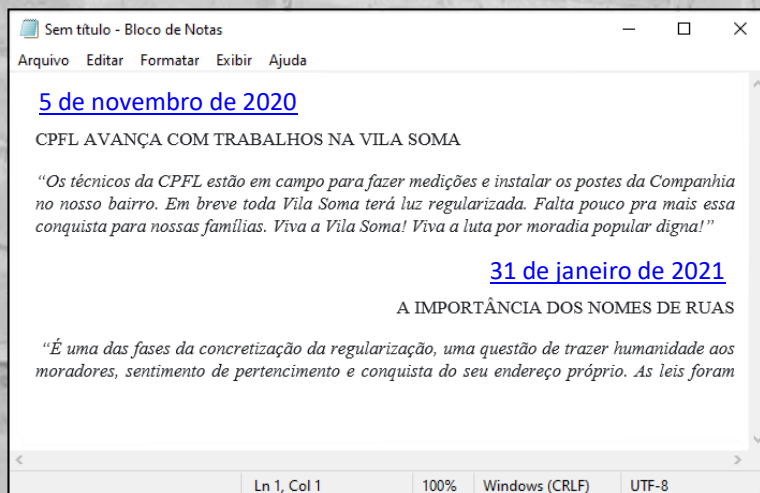
⁴⁴ “O clima era de tensão, até a suspensão da reintegração, comentava-se que treze mil e quinhentos policiais de cidades vizinhas estavam sendo disponibilizados para a ação do dia 17 de janeiro. Os hospitais de cidades próximas já estavam com leitos separados disponibilizados para o conflito” (CARVALHO, 2021, p.12). Para ver mais da linha do tempo que descreve os ritmos das ameaças de reintegração de posse e as tensões jurídicas da Vila Soma, veja Costa (2019, p. 53-55).



Fonte: Costa (2019, p. 47)



Clique nos hiperlinks para acessar a página da ocupação Vila Soma.



É neste contexto que nos encontramos com a Vila Soma. Durante um processo de construção social do espaço para além das delimitações físicas do andamento de regularização do bairro. É no decorrer da resistência à imposição de moldes da forma de vivenciar o espaço e seu planejamento que conhecemos uma ocupação urbana, desobediente em relação à única forma de ver o mundo. Tudo acontece com pessoas que incomodam pelo simples fato da sua (r)existência desafiarem a emergência do homem econômico, produto de um regime de normatização e disciplinarização de corpos que há décadas deslegitimam qualquer tentativa de apresentar outra possibilidade de ser e estar. Dessas ressonâncias do colonialismo ou imperialismo da modernidade, uma malha fina de poder passa pela sociedade, sem que seja visto com bons olhos questionar a perversidade do sistema capitalista e seu espalhamento para os estratos subjetivos da vida social, econômica e cultural: Qual a finalidade disso? “A do desemprego, da marginalidade opressiva, da solidão, da ociosidade, da angústia, da neurose, ou a da cultura, da criação, da pesquisa, da re-invenção do meio ambiente, do enriquecimento dos modos de vida e de sensibilidade?”. (GUATTARI, 1990, p. 7). Acompanhamos uma interminável disputa que cobra atenção para que os ocupantes não sejam engolidos pela lógica do desenvolvimento que, mais cedo ou mais tarde, baterão nas portas da vila que dá outra cara para a região central da cidade. O que o povo quer são condições dignas de moradia e não as soluções apresentadas pela modernidade aos problemas que ela mesma criou e multiplicou ao infinito, enquanto prometia dias melhores para o Terceiro Mundo. (ESCOBAR, 1991).

Em paralelo às práticas da ocupação, o espaço do qual mais nos acercamos foi o Centro de Cultura e Educação Popular, cômodo dividido entre estudantes de dentro e fora da Vila Soma e os professores – estudantes da graduação e pós-graduação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com quem estabelecemos nossa comunicação inicial. Depois de participar de algumas reuniões, no intuito de perceber a dinâmica do grupo, as questões que tocavam o espaço e as demandas locais, pretendíamos viver um pouco dos milhares de sons, cores, corpos, sonhos, lutas, tensões, afetações e contradições movimentadas entre as relações deste pedaço de terra. No entanto, na imprevisibilidade da vida, o toque entre dois, três ou quatro passou a ser perigoso, a nova regra mundial, ironicamente, prescrevia por todos os lados: fiquem em casa. A pandemia impôs à todos uma reorganização da vida, em especial, uma expansão das linhas de fuga dos modos de vida acelerados do ocidente globalizado que, mesmo frente aos cataclismos ambientais, seguem reafirmando certos organismos, seguindo em frente, “pisando de

qualquer jeito, usando olhos para não ver e ouvidos para não ouvir, até que um dia o chão se abra e tudo se escureça”. (SCHIAVON, 2020). O que antes parecia imediatamente insustentável para alguns corpos, agora convulsiona toda a humanidade.

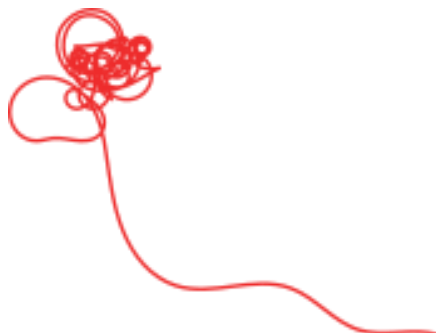
No que tange às aulas, em iminente reação, ou em uma esperança de breves dias melhores, o ensino remoto foi quem despontou como possibilidade de continuar realizando os encontros, agora, conectados por uma rede de internet. Apesar das dificuldades de fazer funcionar este esquema, de lidar com as peculiaridades de gravar aulas assíncronas e da urgência de doações de celulares, a demanda de alfabetização de jovens e adultos pôde ter continuidade. O auxílio das plataformas de vídeos online (Youtube) e de comunicação por mensagens (Whatsapp) favoreceram uma outra espécie de aula em que os alunos assistiam às aulas assíncronas e posteriormente enviavam suas dúvidas e atividades por mensagens a um dos professores. É claro que não há maneiras de comparar o último recurso com as aulas presenciais; são atmosferas bastante diferentes, com encontros bem menos potentes, porém, com o prolongamento dos meses de isolamento, a escolha nada mais sinalizou que uma tentativa de não suspender uma atividade valiosa para uma parcela dos alunos ainda em condições de seguir o processo de alfabetização.

EU NASCI EM 1960 SAIDA BAHIA-1980 VILA SOMA
 CAMPINAS MOBEI EM INDIAIATUBA ANTI 2012
 NUNCA PARA SUMAR PARA VILA SOMA
 EM 2019 ENTREI NA ESCOLA DE ALFABETIZAÇÃO
 ESTOU MUITO FELIZ

Fonte: acervo do autor.

Em um *zoom* maior, é neste quadro que nossas relações se estreitam com os moradores da ocupação. E na medida em que percebemos que experimentar o sentido de ocupar também significava calcular que há urgências maiores que outras, trocamos nossa estratégia por entender que os moradores tinham outras prioridades, diferentes do suporte de uma investigação acadêmica. Neste momento específico, ocupar a universidade ou a Educação Matemática faz parte de um anseio privilegiado desempenhado apenas por nós enquanto pesquisadores; os moradores sem-teto careciam de apagar incêndios maiores.

Sem dúvidas o novo caminho é trilhado sem voltar um passo, apenas desviando as rotas por vir. O que antes faria subir à superfície da Educação Matemática problemas empurrados pela vivência com a Vila Soma, se converte em uma investigação que se permite afetar por um conjunto de teses e dissertações.





[...] “Pra mim, isso aqui [a ocupação Vila Soma] é tudo de bom. E eu não acho justo as pessoas lá fora dizerem que, aqui é isso, que é aquilo ou aquilo outro. Esse aqui é o lugar que acolheu muita gente que não tinha condição de viver lá fora [...] Não é muito fácil, mas isso aqui é sobrevivência”⁴⁵.

⁴⁵ Em entrevista, Dona Fátima, moradora da Vila Soma, se queixa dos preconceitos vividos na cidade: “queremos ser tratados como seres humanos”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nPGUqnpGrs>, rabiscado pelos autores.

Envolvidos pelo desabafo da Dona Fátima, não podemos terminar este capítulo sem pensar no tipo de humanidade que nos querem fazer engolir, e que regularmente tragamos sem força psíquica para pegar impulso na biopotência.

Às vezes, mesmo sem saber, a vida pode ser miserável lá fora, Dona Fátima... É na vida lá fora que tudo circula e ainda assim permanece no mesmo lugar: a subjetividade se encontra ameaçada de paralisia e, se nada for feito, dentro ou fora, não haverá quem possa escapar do grande colapso. Você já deve saber, mas, isso que chama de sobrevivência, dobra a mais comum concepção de cidade, repercutindo não só nas repressões com as quais a senhora luta - e que, de forma alguma, pretendemos glamourizar -, mas também atinge e incomoda quem vive lá fora. E, quem trata este incômodo culpabilizando o exercício que restou ao povo sem-teto, ou como quem trata de uma doença, compartilha de uma humanidade fechada, sem qualquer abertura para a sensibilidade. Nesse sentido, não há serviços ou dinheiro que escondam a miséria.

Talvez um dia pudéssemos tomar um café juntos. Temos três amigos para apresentar. Com Krenak (2019; 2020), Guattari (1992) e Carolina Maria de Jesus (1960) nós poderíamos expor melhor como é que fomos parar aqui. Como uma pesquisa em Educação Matemática resolveu caminhar pela linha da existência humana e suas variações, atravessando a prática de ocupação da qual você movimenta, dialogando com os saberes tradicionais e as formas de subjetivação.

Levaríamos bolo ou uma sacola com pães quentinhos e, enquanto o café é coado, poderíamos brincar de bricolagem. Você pode nos contar o que quiser, mas seria interessante passar a tarde ouvindo como você leva a vida. Pensamos compartilhar de algumas inconformidades em relação às injustiças (sociais) que afetam de forma um pouco mais ferrenha o Brasil e a América Latina. Mas também podemos fazer desta conversa um encontro de caminhos que nos trazem felicidade! Já imagino que de Félix Guattari a ocasião poderia nos trazer algo que girasse em torno das atividades da Cidade. Seguramente ele diria como percebe a Cidade como uma grande máquina, sistematizada por uma rede poderosa de arquipélagos e microorganismos empenhados em alcançar o mais profundo de cada relação humana. E é claro que o poder não é totalizante, mas os movimentos com que a Cidade copia do capitalismo a maximização de lucros e a captura dos nossos desejos, põe em perigo os grupos resistentes, submetendo-os ao tributarismo, à “civilização” e à produção de uma humanidade. Realidade que tem como base *suas promoções, assim como suas segregações, a formação de suas elites, o futuro da*

*inovação social, da criação em todos os domínios. O que assusta é que se constata muito frequentemente um desconhecimento desse aspecto global das problemáticas da subjetividade*⁴⁶. Mas, o que fazer? Restabelecer as relações com as terras natais? *As terras natais estão definitivamente perdidas. Mas o que podemos esperar é reconstruir uma relação particular com o cosmo e com a vida, é se “recompor” em sua singularidade individual e coletiva. A vida de cada um é única. O nascimento, a morte, o desejo, o amor, a relação com o tempo, com os elementos, com as formas vivas e com as formas inanimadas são, para um olhar depurado, novos, inesperados, miraculosos*⁴⁷. Acreditamos que reconstruir essa relação com a vida pode nascer de uma nova arte de viver, quem sabe poderíamos falar de uma arte de ocupar. Nos entende Fátima? Esta vida é dura e estamos de acordo com isso, mas entre todas as mazelas, o que é possível? *Trata-se de entrar em processos de re-singularização e de irreversibilização do tempo. Além disso, trata-se de construir não apenas no real mas, também no possível, em função das bifurcações que ele pode incitar; construir dando chances às mutações virtuais que levarão as gerações futuras a viver, sentir e pensar diferentemente de hoje em dia, tendo em vista as imensas modificações, em particular de ordem tecnológica, que nossa época conhece*⁴⁸.

Carolina Maria de Jesus tem muita coisa para dizer de uma vida dilacerada nas favelas; uma história difícil de quem, por vezes, guardou no bolso apenas 3 cruzeiros por ter emprestado seus outros 5. Uma mulher que sentiu frio, fome e que não tinha sapatos para calçar. Uma escritora que narra ter passado noites terríveis: *Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva igual ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, às margens do Tietê*⁴⁹. Carolina viveu em São Paulo, contudo, há algo que me faz acreditar que a Vila Soma sente sua presença. Se você ainda não a conhece, deixamos o convite para participar de uma aula com o pessoal do

⁴⁶ Trechos em *itálico* referem-se à Guattari (1992, p. 173).

⁴⁷ Idem, Guattari (1992, p. 169).

⁴⁸ Idem, Guattari (1992, p. 175).

⁴⁹ Jesus (1960, p. 35).

barracão⁵⁰; tá todo mundo envolvido com a história da catadora de papel que transformou em livro as dores compartilhadas por um gigantesco quarto de despejo.

Antes da Soma, nós não conhecíamos de perto os desamparos da experiência da pobreza extrema. O mais próximo que chegamos disso foi através das palavras de Carolina que não só gritaram contra o mundo, igualmente foram usadas para dizer que *todos nois temos o nosso dia de alegria*⁵¹. A favela tem de tudo, inclusive seu mundinho interior, um lugar de solidariedade onde as nuvens coloridas sobre os telhados de zinco levaram a escritora a transformar suas preocupações com os problemas dos marginais em poesia. Quando pobre não podia ter o ideal nobre de escrever⁵², Carolina ocupou a literatura com um outro tipo de realidade.

Acreditando em uma outra relação com a vida, diferente da pobreza *de lá de fora*, não poderíamos deixar de perguntar para Carolina sobre o seu escape da favela para residir o papel de uma conhecida escritora. Dá para ouvir o tom da decepção: *pensei que houvesse mais idealismo, menos inveja. Mas aqui há não só muita ambição, mas também o desejo de vencer a qualquer preço. [...] Quando matei um porco, lá na favela do Canindé, alguns vizinhos exigiram um pedaço de carne. Rondavam meu barraco feito bicho que fareja presa. Lá na favela era o porco, aqui é o dinheiro. Lembrei do meu provérbio: “Não há coisa pior na vida do que a própria vida”*⁵³. Por nosso turno, lembramos do nosso: “Não há coisa pior na vida do que esta única vida”.

Para estender a conversa com Krenak na mesa, alguém que também reúne muito de experiência com luta pela terra, nos perguntamos se entrar nesses processos de re-singularização tem a ver com suspender o céu e ampliar os horizontes, não só humanos; encontrar fissuras no que *as ciências política e econômica chamam de capitalismo* e que teve metástase. Levantando uma fala em um tom tranquilo que quase disfarça os golpes de suas potentes palavras, Krenak conseguiria nos chacoalhar através de como reuniu algumas ideias de como adiar o fim do mundo. Mencionaria como viajar deve suspender o céu, e nos colocar, individual e coletivamente, para experimentar a sensibilidade fora do casulo. *Senão, seria como se alguém quisesse ir ao Himalaia, mas pretendesse levar junto sua casa, a geladeira, o cachorro, o papagaio, a bicicleta*⁵⁴. O que ficaria do

⁵⁰ Centro de Cultura e Educação Popular Vila Soma.

⁵¹ Jesus (1960, p. 22)

⁵² Triste é saber que o passado ainda é conjugado no presente. Que Carolina nos inflame!

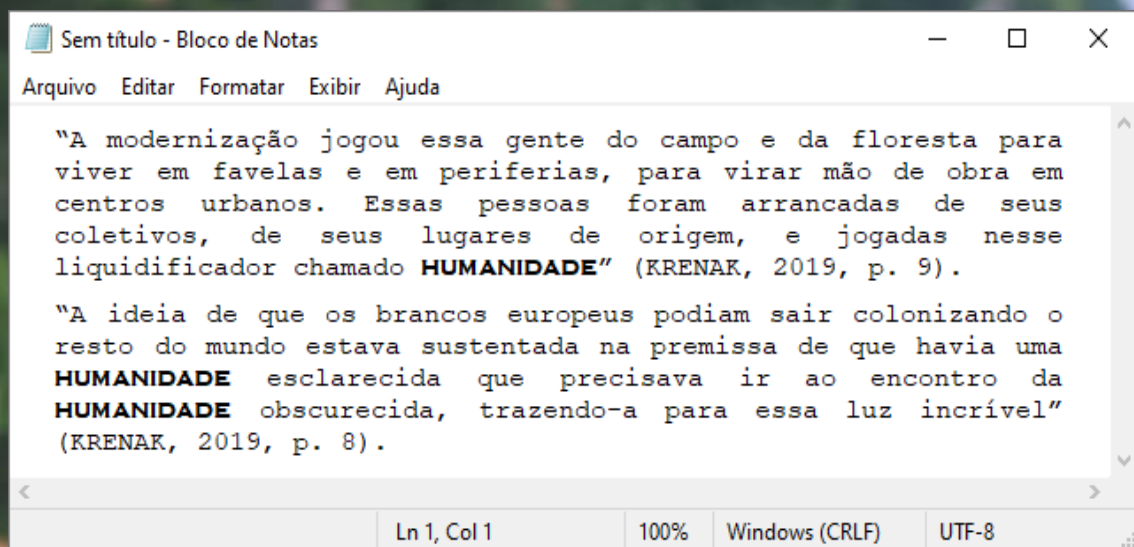
⁵³ Jesus (1960, p. 173)

⁵⁴ Trechos em *italico* referem-se à Krenak (2020, p. 44).

Himalaia? Mostraria como, evidentemente, este mundo em que vivemos não deu certo, e que os povos milenares que restaram são a prova de que é possível ser outro. Pensar esta estadia fora de casa poderia ser inspirado na memória ancestral indígena, harmonizada com a natureza herdeira do tempo em que ainda não éramos consumidos pelas insanas jornadas de trabalho do capital, restando tempo para *cantar, dançar, sonhar: o cotidiano era uma extensão do sonho. E as relações, os contratos tecidos no mundo dos sonhos, continuavam tendo sentido depois de acordar. Quando pensamos na possibilidade de um tempo além deste, estamos sonhando com um mundo onde nós, humanos, teremos que estar reconfigurados para podermos circular. Vamos ter que produzir outros corpos, outros afetos, sonhar outros sonhos para sermos acolhidos por esse mundo e nele podermos habitar. Se encararmos as coisas dessa forma, isso que estamos vivendo hoje não será apenas uma crise, mas uma esperança fantástica, promissora*⁵⁵.

Seria uma conversa incrível, mesmo se decidíssemos separar o momento para dividir um café da tarde, recheado de risadas, seguido de um passeio pela Vila Soma. A que poderíamos chamar de causalidade se todos os caminhos estão cortados e agenciados? Ninguém sabe previamente quais constelações te obrigam a viajar. Se nossa imaginação começa a correr é porque sua fala provoca algo em nós; convoca Carolina, Krenak e Guattari para compor junto com a sua luta uma outra escola, outra Educação Matemática, outros territórios, outro corpo, processo que deixa em nós algumas marcas. Você, Dona Fátima, está convidada. Nos referimos ao corpo, mas nos damos por satisfeitos com o café.

⁵⁵ Idem, Krenak (2020, p. 47).



C Coisas que um metodologista possa querer saber

“Perde-te na biblioteca. Exercita-te no escutar. Aprende a ler e a escrever de novo. Conta-te a ti mesmo a tua própria história. E queima-a logo que a tenhas escrito. Não sejas nunca de tal forma que não possas ser também de outra maneira. Recorda-te de teu futuro e caminha até a tua infância. E não perguntes quem és àquele que sabe a resposta, nem mesmo a essa parte de ti mesmo que sabe a resposta, porque a resposta poderia matar a intensidade da pergunta e o que se agita nessa intensidade. Sê tu mesmo a pergunta” (LARROSA, 2003, p.41)

Movimentos da pesquisa: tens tempo ou (re)começa! Pausa. Silêncio. Retorna. Ocupa.

Precisamente não sabemos quando esta pesquisa começou. Na verdade, o que não faltou foram dúvidas de que ela já estava em andamento ou de quanto tempo mais ela se estenderá. O que sabemos são dos encontros: um traço de singularidade no Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) inaugura que mundo em nós? Mas antes ainda, os olhos com os quais fitávamos as [E]tnomatemáticaS⁵⁶ já lidavam com o constrangimento de não responder a pergunta que pedia uma demarcação: “o que é?”.

Alguns dos disparadores da nossa pesquisa passa pela experimentação de um lugar-do-meio que tensiona e esgarça os territórios em disputa num movimento de [des](re)territorialização. Pensando nas potencialidades das [E]tnomatemáticaS, ou mesmo da Educação Matemática, numa dinâmica diferencial, pouco importam as identidades. Nos atemos a lampear espaços de resistência por meio de (etno)matemáticaS inventadas, que “acontecem e podem vir a ser com a vida em contextos de atividade humana, para erguer uma problemática, práticas que designam um devir”. (PAULUCCI; TAMAYO-OSORIO, 2021, p. 143).

⁵⁶ As palavras “Matemática” [com M maiúscula] e “Etnomatemática” [com E maiúscula] marcam a existência de uma área ou conjunto de elementos institucionalizados, hegemônicos e ocidentais. Já as palavras “matemáticaS” [com m minúscula e S maiúscula no final] ou “etnomatemáticaS” [com e minúscula e S maiúscula no final] reviram as periferias do conhecimento para questionar a lógica disciplinar e colonial no uso da palavra Matemática nas pesquisas da área. Trata-se de colocar a linguagem para gaguejar; devolver a possibilidade de perceber a [área de] pesquisa como movimento de produção de sentidos. Força as barreiras da identidade deslocando o foco do ser ou não ser para experimentar novas formas de pesquisar. Abre um vão errante, compartilhado por uma ciência disposta a inventar problemas para além do pensar pensamentos já postos. Por fim, usamos a escrita [M]matemáticaS para representar, simultaneamente, Matemática e matemáticaS. O uso de [E]tnomatemáticaS acontece de maneira similar.

Com isso, não queremos pôr de um lado as (etno)matemáticaS e do outro (Etno)Matemática, mesmo porque, duas à duas, são inseparáveis; a movimentação de uma implica no movimento da outra. Elas coexistem⁵⁷. As ciências hegemônicas não são produções a serem evitadas, mesmo porque sua hegemonia dispensa isso. Além de suas utilidades interiores à humanidade manufaturada, elas ainda são formas de representação que não deixam de produzir afetações. Quem finalizou um curso de cálculo diferencial pode, ou não, reconhecer que a repetição produz. Nessa situação, poderia alguém dizer que nenhuma outra conexão foi efetuada? Reterritorialização? Este é o espírito: se as verdades nada mais são que realidades organizadas com determinados propósitos e inaptas a globalização de um monoteísmo, não faz mal tê-las como fios soltos, propensos à novas composições. Importa mais o campo das possibilidades que o da significação.

Para nós, deslocar a pergunta “o que é” para “o que podem as ([E]etno)[M]matemáticaS?” é o que amplia as formas de ver o problema, ou melhor, tira o uno do múltiplo ($n-1$).

É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre $n-1$ (é somente assim que uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a $n-1$. Um tal sistema poderia ser chamado de rizoma. Um rizoma como haste subterrânea distingue-se absolutamente das raízes e radículas. (DELEUZE; GUATTARI, 1995a, p. 13).

Não há maneiras de condenar a repetição, sendo ela parte do processo de diferenciação. Não declaramos guerra às formas, mas insistimos na pergunta: de que maneira isso nos atravessa? Assim traça-se um plano de referência, imanente. Aprendiz e ([E]etno)[M]matemáticaS são contemporâneos. Desmancham-se tanto o saber quanto

⁵⁷ Segundo o quinto volume do Mil Platôs, “o Estado não para de produzir e reproduzir círculos ideais, mas é preciso uma máquina de guerra para fazer um redondo” (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, p. 36), quer dizer, enquanto a ciência régia se preocupa em estabelecer modelos, sedentarizar e solucionar problemas, as ciências nômade vêm antes para a experimentação progressiva, constrói uma máquina de guerra capaz de seguir o fluxo da matéria para propor outros problemas. Esta segunda não está destinada a tomar um poder ou anunciar uma autonomia. De qualquer maneira, não importa o que diz a ciência nômade ou régia, o que interessa são os tensionamentos das fronteiras, mesmo porque, a máquina de guerra varia entre interior e exterior. “[...] O mais importante é [...] que o Estado ele mesmo sempre esteve em relação com um fora, e não é pensável independentemente dessa relação. A lei do Estado não é a do Tudo ou Nada (sociedades com Estado ou sociedades contra o Estado), mas a do interior e do exterior. O estado é soberania. No entanto, a soberania só reina sobre aquilo que ela é capaz de interiorizar, de apropriar-se localmente. Não apenas não há Estado universal, mas o fora dos Estados não se deixa reduzir à “política externa”, isto é, a um conjunto de relações entre Estados” (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, p. 24).

o aprendiz para conectar e atritar linhas soltas. E nos introduzindo no meio, abraçamos ritmos e intensidades, criando para si um corpo.

Outra vez, esta pesquisa trata da vida: processos de subjetividade que excedem nosso repertório cultural permitindo que os encontros com os territórios das *([E]etno)[M]matemáticaS*, da Educação Matemática, da Vila Soma e do MTST nos provoquem efeitos no corpo e desestabilizem nossa maneira de estar no mundo. O processo de introdução de outras maneiras de ver o mundo, exigindo de nós paciência para criar forma para este saber corporificado, é que faz o pesquisador deslizar entre *([E]etno)[M]matemáticaS* e Educação Matemática. É a transversalidade⁵⁸ que faz esta pesquisa funcionar, deixando de lado as ilusões do todo para desestabilizar as hierarquizações e as disciplinarizações, tanto numa perspectiva epistemológica quanto política (GALLO, 1995).

Ademais, nos parece atrativo o fim das dicotomias entre (Etno)Matemática e saberes tradicionais, sendo possível uma espécie de contaminação entre ambas que traz de volta os mistérios da vida. O que é posto em questão é a disputa do poder - enquanto prática, não como lugar ocupado - que corre na fronteira entre as duas. O movimento que trazemos para esta pesquisa é de, justamente, pensar a dissipação do poder concentrado e mantido pelas ocidentalidades sem a proposição de um rosto ou a substituição de um por outro. Por este viés, uma sala de aula é capaz de aprender com os saberes e práticas de luta pela terra e moradia digna, dispensando a dependência pela disciplinaridade ensaiada na escola. Aprender, neste entendimento, se relaciona com o encontro com signos de

⁵⁸ Muito do saber da história da humanidade é marcado pela noção de verdade fundada para validar a adequação da interpretação da realidade, o que terminou por desenrolar um sistema de conhecimento organizado de forma compartimentalizada. Nesse sentido, a proposta de interdisciplinaridade promove integrações verticais e horizontais entre os compartimentos, entretanto, não alcança romper com sistemas hierárquicos que comportam centros de significação e de subjetivação. Se a ciência moderna trata o conhecimento pelo viés da universalidade, o pensamento não é arborescente e o cérebro, por sua vez, “não é uma matéria enraizada nem ramificada. [...] A descontinuidade das células, o papel dos axônios, o funcionamento das sinapses, a existência de micro-fendas sinápticas, o salto de cada mensagem por sobre essas fendas, fazem do cérebro uma multiplicidade que mergulha, em seu plano de consistência, num sistema de incerteza probabilística” (DELEUZE; GUATTARI, 1995a, p. 25). Assim, assumindo a intimidade caótica do funcionamento cerebral, os paradigmas arborizados dão lugar às figuras rizomáticas, sistemas acentrados, mapas de uma multiplicidade pautada em uma lógica do devir, da descoberta de novas facetas. Desta maneira, junto com o surgimento de um novo paradigma do saber e uma nova abordagem do conhecimento – “não é nem uma forma, nem uma força, mas uma *função*: ‘eu funciono’” (GALLO, 1995, s. p.) – Félix Guattari desenvolve, na década de 1960, a noção de *transversalidade*. A proposta de transversalidade nos convida à “transitar pelo território do saber como as sinapses viajam pelos neurônios, uma viagem aparentemente caótica que constrói seu(s) sentido(s) à medida em que desenvolvemos sua equação fractal”(GALLO, 1995, s. p.).

diferentes práticas e saberes, de diferentes grupos ou povos, olhando com o coração aberto para a forma com que os sujeitos praticantes realizam e significam suas práticas. Podem as práticas ~~socio~~~~culturais~~ nos afetar por diversas vias, seja fazendo aparecer uma Matemática disciplinar ou escapando dos cânones do sistema arborescente. Em todo caso, pensar com as práticas do outro não implica traduzi-los segundo nossa epistemologia, e menos ainda, copiar técnicas; “nunca se aprende fazendo *como* alguém, mas fazendo *com* alguém, que não tem relação de semelhança com o que se aprende”. (DELEUZE, 2003, p. 21, *grifo nosso*). Não se trata de aprender para reproduzir nem instalar leis de modos de fazer em correspondência com identidades, como se tudo fosse estático, à espera de ser interpretado. Aprender, é sobretudo, experiência de problematização:

Por exemplo, quando alguém viaja a um país estrangeiro, as atividades mais cotidianas, como abrir uma torneira para lavar as mãos, tomar um café ou chegar a um destino desejado tornam-se problemáticas. Ao ser bruscamente transportado para um novo ambiente, os hábitos anteriores não servem e o viajante vive sucessivas experiências de problematização. Não se trata de mera ignorância, mas de estranhamento e tensão entre o saber anterior e a experiência presente. Quando viajamos somos forçados a conviver com uma certa errância, a perder tempo, a explorar o meio com olhos atentos aos signos e a penetrar em semióticas novas. Somos forçados a pensar, a aprender e a construir um novo domínio cognitivo e uma outra maneira de realizar atividades que eram tão simples e corriqueiras que havíamos esquecido seu caráter inventado. (KASTRUP, 2001, p.17).

No lugar de compreender, interpretar e se identificar com saberes ou práticas ~~socio~~~~culturais~~, ou mesmo classificá-los como Matemática, afirmamos um saber-do-corpo ou saber-do-vivo construídos pela invenção de problemas. Viajamos para as ocupações urbanas junto com o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) para desenvolver uma *pesquisa-afecção* (GONDIM; MIARKA, 2018) que não deseja representá-los a partir de um conjunto de textos-narradores-de-histórias, mas trabalha à nível de uma produção de sentidos; de uma comunicação sem significado e sem intencionalidade. Em respeito aos limites impostos pelos tempos pandêmicos, consideramos seguro, efetuar esta viagem por meio da seleção de uma constelação de teses e dissertações que levam como tema as ocupações urbanas e as narrativas de seus moradores.

Assim, nossa comunicação, *ocupa* o que é chamado de pesquisa bibliográfica para dar ouvidos ao que nos acontece, isto é, habita um conjunto de textos para realizar partos e não apenas comemorar o que já nasceu. Uma pesquisa que opera com um pensamento que atravessa o corpo através da potência de transformação destas leituras. Para além de uma questão de estarmos dentro ou fora das ocupações, experimentamos o que nos acontece pelas mostras das afecções possíveis de um movimento social, de uma Educação

Matemática, de um olhar para a cidade, de apropriar-se de um “*pathos* em vez de um *ethos*, um *nomos* em vez de um *logos* e uma *polis*, a imanência em vez da preexistência, a potência em vez da essência”. (GONDIM; MIARKA, 2018, p. 182).

Pensar quais afetos emergem no encontro com as ocupações urbanas e como elas movimentam aprendizagens ([E]etno)[M]matemáticaS pode nos ajudar a ensaiar um devir sem-teto na Matemática ou, explorar formas matemáticaS de ocupar(-se). O que podem umas matemáticaS em devir sem-teto? matemáticaS que movimentam e são movimentadas. matemáticaS ocupantes que se entregam à experiência; enfrentam tensões; se movimentam; se apaixonam; fazem amigos personagens de uma dissertação; que reclamam outras temporalidades para a vida e para a escola.

São territórios em movimento. Territórios? Tipo a Vila Soma? Sim e não. Aqui os territórios não páram no sentido geográfico que remete a um espaço físico. A noção de território esgarça o sentido anterior para passar pelas organizações existenciais. Território como espaço vivido, mas também como sistema de hábitos; como percepção que cria uma atmosfera que nos faz sentir *em casa*, com todo (des)conforto que isto incorpora. Território ou apropriação ou subjetivação fechada: “é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos”. (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p. 388).

Territórios em ^{movimento}. Nem sempre tão suaves. O conceito de território nunca vem sozinho, para poder se esticar chama outras duas contrações: a desterritorialização e a reterritorialização. Na verdade, poderíamos dizer que o próprio descruzar das pernas acomodadas, seguido da vibração do sangue correndo no membro esticado é a própria desterritorialização. As cidades, por exemplo, colocam em cruzamento ou em paralelo diversos territórios; horizontal, vertical ou transversalmente, um conjunto de *vizinhança homem-ferramenta-animal-coisa* faz funcionar processos de subjetivação e suas máquinas desejantes. Às vezes um edifício se mantém por anos, se expande, fagocita a vizinhança e afeta até mesmo os que nem passam por ali. As luxuosas janelas dos prédios refletem uma luz que hora alimenta e hora cega, danificando as articulações. Não se pode esquecer que a ecologia não falha: quem ingere quaisquer partículas é obrigado a fazer digestão e, muitas vezes, a mutação é inevitável. Mesmo que por um instante, todos descruzamos os braços e pernas, e um segundo de circulação pode ser o suficiente para fazer o conservadorismo engasgar-se.

Abra o mapa de um território e sobre ele acrescente outro mapa dos movimentos políticos. Em sequência justaponha tantos outros mapas quanto se queira: estético; mapa de saberes e poder; valores. A malha resultante devolve uma explosão de forças em que a onda de choque nos joga para lidar com os possíveis nos encontros entre [M]matemáticaS e as ocupações urbanas vinculadas ao MTST.

Então, esta escrita *rizomática*⁵⁹ busca na Base de Dados de Teses e Dissertações (BDTD) rastros do MTST na Educação Matemática e como isto pode vir a nos permitir pensar em um fazer outro do professor de matemáticaS. Para formar uma constelação de investigações, agenciadas em torno das ([E]etno)[M]matemáticaS e das ocupações urbanas, inserimos no campo de busca, os termos *Matemática; Educação Matemática; Entomatemática*; combinados, dois a dois, com as palavras *ocupação urbana* e *MTST*, o que não nos trouxe retorno algum. Considerando o território nacional, parece não ter vindo ao mundo nenhuma tese ou dissertação com as ([E]etno)[M]matemáticaS interessadas em ocupar(-se) das práticas ou saberes sem-teto; quer dizer, se existir, nenhuma delas se servem das palavras Etnomatemática, Educação Matemática ou Matemática, para firmar relações com os nomes⁶⁰.

O que nos restaram foram as pesquisas que declaram interesses muito mais específicos: as ocupações urbanas e o MTST relacionadas à diversas outras áreas do conhecimento. Diante disso, em resposta ao que pedia um recorte no espaço para reunir apenas as pesquisas mais potentes para nossa composição, organizamos dois critérios de atração: 1. Pesquisas que trouxessem práticas sociais ou culturais e 2. Etnografias. O

⁵⁹ O rizoma é um conceito apresentado por diversas entradas. Deleuze e Guattari quem pegaram emprestado da botânica a imagem de uma raiz que tem um crescimento polimorfo, emaranhado, sem uma direção definida para desenvolver a ideia de rizoma. Como conceito, é justamente o avesso das hierarquizações e centros de significância dos sistemas arborescente: qualquer ponto seu pode ser conectado a qualquer outro, rumo a uma multiplicidade, mesmo lugar de onde sempre partiu; entrelaça “cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais, [...] aglomera atos muito diversos, lingüísticos, mas também perceptivos, mímicos, gestuais, cogitativos: não existe língua em si, nem universalidade da linguagem, mas um concurso de dialetos, de patoás, de gírias, de línguas especiais” (DELEUZE; GUATTARI, 1995a, p. 22). Desta forma cria rupturas, causa mutações num conjunto em que seus elementos remetem uns aos outros, mas também para fora, produzindo outros sentidos.

⁶⁰ Consideramos importante ressaltar que quando dizemos que não foram encontradas teses e dissertações que aproximavam as [E]etnomatemáticaS e o MTST/ocupações urbanas fazemos uma distinção com os outros movimentos sociais, isto porque delimitamos nossa busca à prática de ocupação e de luta por moradia digna urbana. Quando buscamos por trabalhos que tratam dos movimentos sociais (de forma mais abrangente) ou mesmo o MST (não confundir com MTST) e a Educação Matemática os resultados são diferentes: exemplo disso são os trabalhos em destaque das professoras Gelsa Knijnik (2002; 2003) e Alexandrina Monteiro (1998). Por outro lado, se buscarmos por produções que relacionam Educação Matemática e o contexto urbano, vamos de encontro a trabalhos como Clareto (2003), Fantinato (2003) e Oliveira (1998), nenhum deles vinculados ao Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST).

primeiro critério vem em negociação com o fim das dicotomias entre (Etno)Matemática e saberes emergidos na luta, já o segundo, considera que, as etnografias são meios pelos quais uma viagem mais se aproxima do encontro com os moradores de uma ocupação.

Agora, com critérios definidos, agrupamos nove palavras-chave para movimentar nossas buscas, sejam elas: *Práticas Sociais; Práticas Culturais; Ocupação; Ocupação Urbana; Antropologia; Etnografia; MTST; Educação; Escola; Educação Popular*. Eliminando as combinações de termos que retornaram resultados idênticos a uma outra combinação; os arranjos que não tiveram resultado; e respeitando os critérios anteriores, encontramos 117 trabalhos de tese ou dissertação. Com a leitura do título destas 117 investigações, frisando as práticas ~~socio~~culturais, 38 pesquisas se animaram. Destas, através da leitura dos resumos da constelação menor, selecionamos 17 trabalhos: 4 teses e 13 dissertações. Entretanto, no movimento de leitura destes estudos, optamos por ocupar apenas aqueles que tratassem das ocupações urbanas organizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), suprimindo as investigações mais semelhantes. Com isso, finalizamos nossa constelação com 10 investigações.

Crivos científicos à parte, foi numa dessas casualidades da vida que mais uma dissertação se achegou ao nosso movimento. O que antes tinha escapado de uma amostra, mais tarde pede para compor, pede para participar. Numa noite em que a escrita pausa, a busca por fotografias de artistas sem-teto toma lugar. E entre uma fotografia e outra, tropeçamos na 11^a investigação que se inclinou para o nosso estudo devido à sua maneira de articular arte e o ativismo político de uma ocupação urbana. Ainda que não se atenha ao modo de organização do MTST, acrescentamos à nossa constelação a dissertação “*Situação Prestes Maia: o processo de colaboração entre artistas, coletivos artísticos e o Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC). Ocupação Prestes Maia/São Paulo (2003-2007)*”, publicada em 2012, pelo autor Sebastião Oliveira Neto.

Onze investigações; doze territórios, ou mais, ou menos. O território construído em uma pesquisa a partir do agenciamento das técnicas, dos corpos da natureza e do autor, acoplado às multiplicidades que ali atravessam, criam contornos tensionados por uma série de problemas postos no encontro entre uma escrita e outra. Uma dissertação vira um território e nela mesma se apresentam as forças para pensar formas de (des)territorialização. Duas dissertações inventam outro território... [ou o mesmo?] Uma dissertação invade outra e alguma coisa respinga aqui e ali. Escapa ou continua? Onze pesquisas? Doze? Treze?

Teses e dissertações

Título	Autor	Níveis	Univers./Ano
Contra-hegemonia, mediação e apropriação social: um estudo sobre o MTST e a ocupação urbana como meio de comunicação	GONLÇALVES, A. V. O.	MS	UFS / 2017
A dimensão educativa da luta de mulheres por moradia no Movimentos dos Trabalhadores Sem Teto de São Paulo	CARVALHO-SILVA, H. H.	DO	USP / 2018
Tornando-se um “acampado” a experiência das famílias organizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST)	GIAQUINTO, M. F.	MS	UFSCar / 2016
O fazer de um formigueiro: o MTST, os sem teto e a ocupação Povo Sem Medo em Fortaleza	VIEIRA, L. A. R.	MS	UFC / 2017
“Daqui não saio, daqui ninguém me tira”: estudo de caso do MTST (Movimentos dos Trabalhadores Sem-Teto), para além da dicotomia entre identidade e estratégia	RODRIGUES, C. M. L.	MS	UFPE / 2002
Estudo sobre a variação de sintomas depressivos relacionada à participação coletiva em ocupações de sem-teto em São Paulo	BOULOS, G. C.	MS	USP / 2017
Em busca de território autônomos: as práticas espaciais do movimento dos trabalhadores sem-teto na região metropolitana do Recife	SANTOS, O. A. A.	MS	UFPE / 2013
Ação coletiva e dinâmica urbana: o MTST e o conflito na produção da cidade	FALCHETTI, C.	DO	USP / 2019

“Nós somos completamente outros”:
uma análise da ocupação urbana Fidel
Castro em Uberlândia - MG

CIRÍACO,
D. C.

MS

UFJF / 2018

A escola dos que (não) são:
concepções e práticas
de uma educação (anti)colonial

RAMALHO,
B. B. M.

DO

UFMG / 2019

Situação Prestes Maia: o processo
de colaboração entre artistas, coletivos
artísticos e o Movimento Sem-Teto
do Centro (MSTC). Ocupação Prestes
Maia/São Paulo (2003-2007)

NETO,
S. O.

MS

USP / 2012

Não é segredo que o movimento da pesquisa abarca balanços imprevisíveis. A leitura das centenas de páginas destes trabalhos nada busca. Nossa viagem leva olhos para ver, dedos para folhear, mas juntos com a alma, só encontram um alvo durante a leitura, ou melhor, é durante a química dos encontros que se desmancham e criam realidades de si e do mundo, pesquisador e teses e dissertações. Previamente só existe a matéria dessas investigações, o sentido aparece no entre da relação (ESCÓSSIA; KASTRUP, 2005) acompanhado dos problemas despertados no caminho.

Se alguém insistir muito em um nome para este modo de operar com a pesquisa, soltaremos *cartografia* (ROLNIK, 1989; DELEUZE; GUATTARI, 1995a; PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015). A cartografia como método de pesquisa-intervenção move o sentido tradicional da palavra método: “não mais um caminhar para alcançar metas prefixadas (metá-hódos), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. A reversão, então, afirma um hódos-metá”. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 10).

O cartógrafo não procura informação, tudo o que ele quer é criar estratégias para a formação de mais uma máscara, uma prática de escolher outra forma de sentir e perceber a vida, o que passa, necessariamente, por encontrar palavras que descrevam os afetos (re)visitados por ele. O nosso problema, enquanto prática de cartografia, não é o do verdadeiro ou falso, mas o de dar conta de traçar territórios existenciais, pensando as possibilidades de produção de subjetividade.

A cartografia é nosso modo de descrever um mapa do pensamento que se ocupa das ([E]tno)[M]atemáticaS enquanto um território, cheio de marcas e cadeias bem estabelecidas, para descodificá-las, isto é, para incluir aí novos arranjos e poder então extrair novas relações com o meio. Quando isso acontece, um mundo outro é criado, um território é inventado, da mesma maneira que ganhamos ou perdemos hábitos. Entre uma máscara e outra, passamos por momentos de espera, de apropriação de hábitos, de modulação da atenção⁶¹, de desestabilizações, surpresas, novidades ... e o que nos cabe é

⁶¹ Um esgarçamento da atenção é uma das pistas deixadas por Kastrup (2009) para a realização de cartografias. Para a autora, a prática exige uma atenção aberta, sem focalização específica, menos ainda uma atenção que recolhe informações. Essa atenção abre-se para o encontro num movimento de deixar vir, de deixar ser afetado, o que não significa um relaxamento passivo, nem uma rigidez controlada, mas uma modulação. Se a atenção permanece focada, corremos o risco de nunca descobrir nada além do que já se sabe, seguindo nossas expectativas, quando o que queríamos era captar algo caótico do texto. “A atenção tateia, explora cuidadosamente o que lhe afeta sem produzir compreensão ou ação imediata. Tais

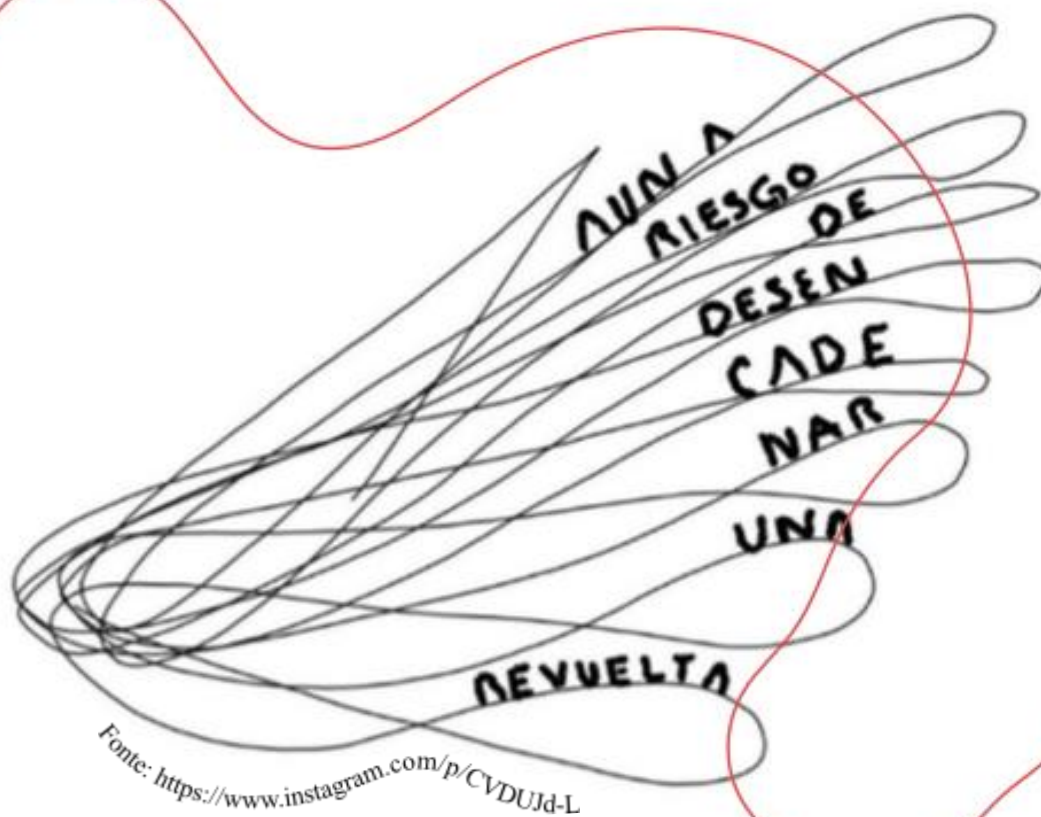
colocar no papel estes processos de subjetividade, estas variações no corpo, estando aí a dificuldade de encontrar um começo e um fim: a pesquisa movimento começa pelo meio, entre pulsações (BARROS; KASTRUP, 2019).

Pela potência de uma forma de sentir e perceber a vida antes não pensada, produz-se a possibilidade de desestabilizar as certezas do que pode uma área de pesquisa, trazendo à superfície um efeito político de arrastar cenários. Pode uma constelação de teses e dissertações reunir um conjunto de sensações tão violentas que impõem a necessidade de um espaço para um plano de consistência onde as novas relações se constituirão. Mais uma vez retornamos às fronteiras para pensar o que é possível nestas novas relações, costurando dentro e fora, elementos institucionais e não institucionais, *ciência nômade e régia* para efetuarmos um mapeamento de linhas de fuga do processo civilizatório, restrito a um único signo, que produz um modo único de participação humanidade. Com a ajuda da cartografia tensionamos os modos de ser humano já produzidos pensando também nos modos por vir. Assim, pensamos (etno)matemáticas constituídas na incerteza, rente à *experiência*, ao corpo do vivente, simpatizante dos nômades apaixonados pelas metamorfoses – sobretudo por aquelas variações que nos permitem viver para além da vastidão da humanidade. Uma postura decolonial ao colocar em constante afirmação a fuga das estratificações que desejam conter os movimentos da vida na pesquisa Terra.

Cartografia? E sua regra? Só há uma regra vital e extramoral: a elasticidade. Falamos num estica e solta, do grau de abertura de permitir-se ser afetado em cada momento, e da efetivação da vida e suas metamorfoses nas situações com as quais lida. Com elasticidade falamos em estratégias de ir ao limite para tonar-se outro, quer dizer, movimentar fronteiras que precisam ser tocadas com cuidado para que a perda de sentido no processo de desformar seja tão forte quanto se possa aguentar. Evidentemente essa avaliação “nada tem a ver com cálculos matemáticos, padrões ou medidas, mas com aquilo que o corpo vibrátil capta no ar: uma espécie de *feeling* que varia inteiramente em função da singularidade de cada situação”. (ROLNIK, 1989, p. 69). Cartografar com prudência é saber que olhar para o abismo tem seus perigos.

explorações mobilizam a memória e a imaginação, o passado e o futuro numa mistura difícil de discernir (KASTRUP, 2009, p. 40)”.

Ao leitor, fica o convite para tatear estas páginas para sentir o que lhe serve; ler o produto aqui desenhado como queiram, por onde queiram, em rede, à maneira como nossa ciência acontece: “como se escuta um disco, como se olha um filme ou programa de televisão, como se é tocado por uma canção [...] são intensidade que convêm a você ou não, que passam ou não passam”. (DELEUZE; PARNET, 1977, p. 10).



Luta por moradia digna: E a Educação Matemática com isso?

“Quem diz “mente”, mente! Pensar é o nome que damos a práticas socioculturais mudas de comunicação simbólica. Pensar é falar abaixo de zero ou acima de 120 decibéis!”⁶²

“É importante saber que, entre 80 e 90 decibéis, os efeitos demoram a surgir e se agravam com o passar dos anos conforme ficamos expostos a estes ruídos com frequência. Até 115db as consequências aparecem em menos tempo de exposição. Acima de 115db, os danos surgem imediatamente e de forma irreversível”⁶³.

Fonte: Cartilha (2013, p. 3)

O Capitalismo é nosso inimigo

A sociedade em que vivemos é capitalista. O que isso quer dizer? Quer dizer que as leis, o governo, a justiça foram organizados para beneficiar um pequeno grupo de gente muito rica, que é a classe capitalista. Os patrões, proprietários de terra e banqueiros têm o poder por terem dinheiro. E têm dinheiro por explorarem nosso trabalho. No capitalismo é assim: muitos trabalham e poucos tem dinheiro. Por isso lutamos contra ele.

Assim, o espaço em que milhões de trabalhadores no Brasil e em outros países tem se organizado e lutado é o território. É aí que o MTST se localiza: Somos um movimento territorial dos trabalhadores.

Somos um Movimento territorial

Nós trabalhadores temos várias formas de nos organizar em busca de nossos direitos. Nas fábricas e nas empresas, nos organizamos por meio dos sindicatos. No território periférico, os bairros em que moramos, nos organizamos em movimentos populares. O MTST atua nas periferias para fazer a luta por nossos direitos. Por isso é um movimento territorial.

Fonte: Cartilha (2013, p. 2)

Ocupar e resistir!

As ocupações são o grito de um povo que não suporta mais viver calado em seus bairros. Que não suporta mais ter que escolher entre comer e pagar aluguel, nem continuar sofrendo humilhações por viver de favor na casa de alguém. Mas também são mais do que isso. As ocupações mostram para todos os trabalhadores que, se nos levantarmos de forma organizada, podemos ser muito fortes. Podemos fazer o governo recuar, a polícia recuar, o dono da construtora e da terra serem derrotados. E assim temos conquistas.

Fonte: Cartilha (2013, p. 5)

Por que bloqueamos rodovias?

Parar rodovias e grandes avenidas sempre foi uma forma de chamar a atenção para as reivindicações dos trabalhadores. Mas para nós é algo ainda mais importante. Ao bloquearmos uma via importante estamos ganhando um imenso prejuízo aos mercadoristas. Eles precisam deslocar os mercadoristas da fábrica para os mercados ou portos (no caso de exportação). Quando enfrentamos o bloqueio, os mercadoristas não por horas, eles traz prejuízos. Isso no caso de um bloqueio. Agora, imaginem todas as principais vias por dias! Conseguiríamos impor uma grande derrota ao capital e avançar na transformação que queremos. Este é um grande objetivo do MTST.

Acima de 120 decibéis danos irreversíveis acontecem! Poderíamos dizer que sem saber quais são eles, nos aproximamos da luta sem-teto para descobrir como os 120 decibéis afetam um professor pela Matemática atravessado por uma vida marcada por ações coletivas. Incomodados com uma Educação Matemática mais empenhada em fazer o pobre aprender do que exercitar a aprendizagem com os povos marginais,

operamos um corpo sem-teto com um professor pela Matemática, colocando em xeque o que nos separa. Aliás, o que nos separa? Nos atemos a um nível extrapessoal; o som da insurgência não quer saber de

qual disciplina é o professor que está em jogo, muito menos se é professor; pouco

⁶² Miguel (2010, s. p.).

⁶³ “Em decibéis, saiba quais ruídos prejudicam sua audição”. Disponível em: <https://www.microsom.com.br/em-decibéis-saiba-quais-ruídos-prejudicam-sua-audição/>.

importam as classificações. Os danos ou fissuras vem para mostrar que há algo para pensar para além dos blocos que insistem em disciplinar.

Se (de)morar nos movimentos territoriais de organização das cidades e nos números a respeito do déficit habitacional for algo que nos toca, poderemos deslocar mais uma vez o “eu” para o “nós”. Ao percebermos o corpo como uma multiplicidade e não como unidade ou identidade, nos desprendemos da necessidade de uma economia capitalista que nomeia os donos de um saber para pensar uma (Educação) Matemática capaz de considerar seus encontros com a luta sem-teto uma pura composição: um mundo e uma vida em uma grande ecologia que coloca tudo e todos para afetar e ser afetado. Ecologia porque um tensiona o outro, desfazendo os contornos que dizem separar os indivíduos. Novos corpos são formados, dando espaço para a possibilidade de novos processos de subjetividade.

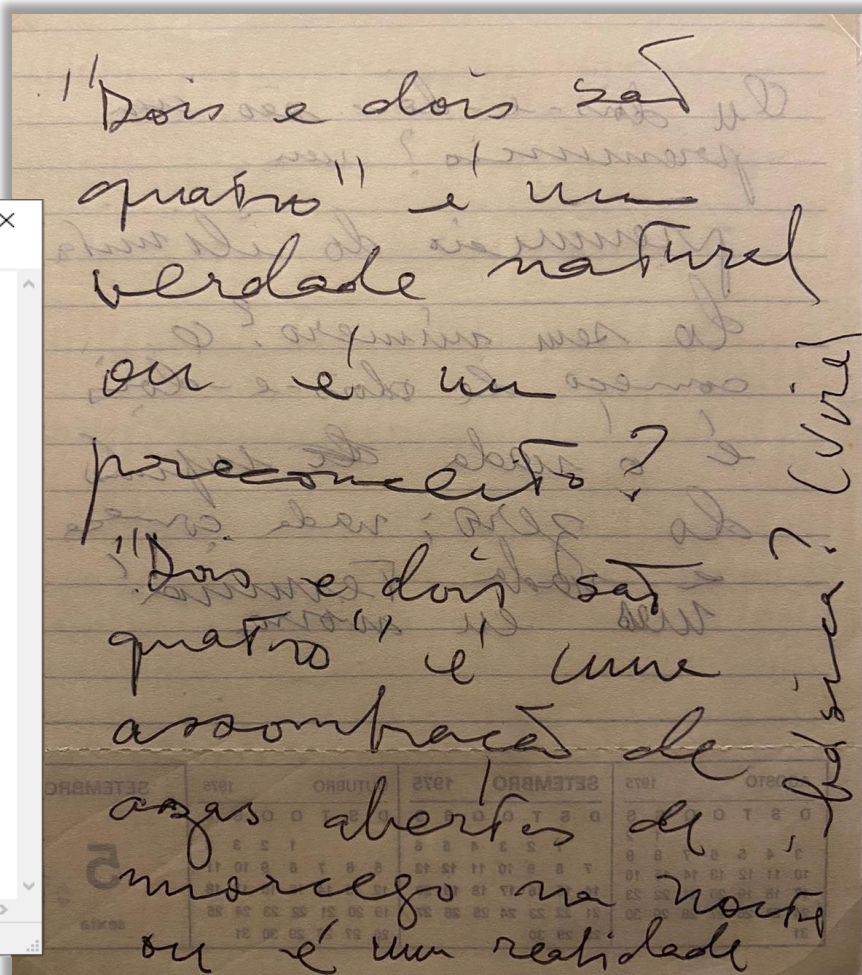
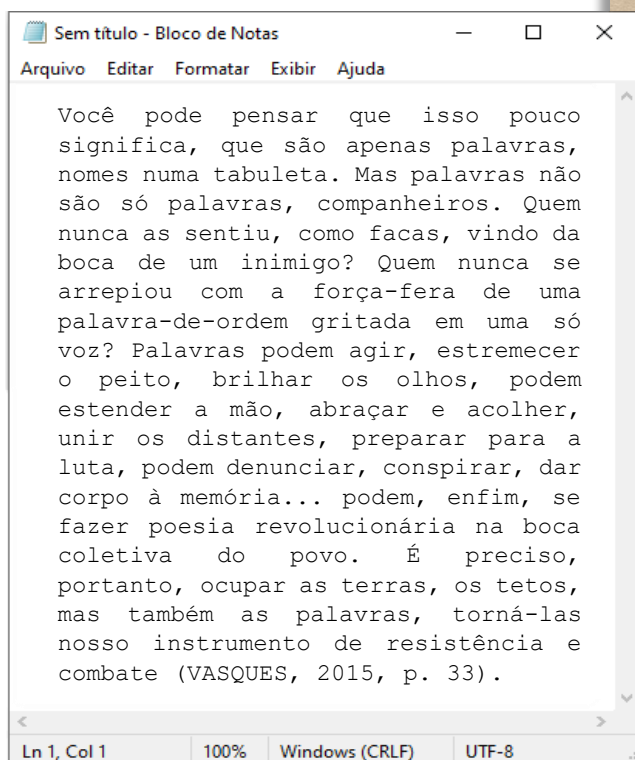
Queremos fazer com que o encontro com as relações nos dê acesso a um fora de dentro da Matemática onde novas conexões do desejo se abram. Preparar um encontro em que as relações penetrem e rompam com tudo, minando a Matemática, fazendo-a delirar. Trata-se de distribuir um espaço fechado desfazendo os campos de afetos antigos que nada fazem ou fazem mal, para vivermos outros afetos. Ativa-se uma máquina que agencia movimentos sociais e professor pela Matemática e sala de aula e pesquisa e área de pesquisa e... Não só um corpo novo é inaugurado, mas a fronteira do território da Educação Matemática desliza para algum lado. Dá-se chance para o início de um processo de (des)[re]territorialização.

Dos lugares mais aterrorizantes e coloniais da Matemática queremos tirar algo com o qual possamos construir um horizonte de vida coletiva, sondando quais máquinas desejanter uma pesquisa com a luta sem-teto pode agenciar. Como funcionam? Com que sínteses? Com que cadeias? Devires?

Essa intenção dilacera o projeto preso à pergunta “o que é” Matemática e conseqüentemente o “*porquê de um professor de Matemática, aos 45 minutos do segundo tempo de sua formação, deveria se preocupar em responder questões que estão mais no escopo de quem estuda sociologia.*” Dilacera, em especial, porque se espera que seja possível se recuperar sem que nada nosso seja recuperado; dilacerar para fazer nascer outra pele. Se não há uma essência para a Matemática, tampouco há pano de fundo que nos impeça de estabelecer relações distintas. Um professor pela Matemática desloca a

comparação entre Matemática e Sociologia para se curar daquilo que tem sido imposto como cura: o processo civilizatório, cristalizador dos movimentos da vida na terra.

Tendo conhecimento nosso ou não, podemos dizer que cada peça de um mundo é produzida pela realidade, na realidade, de maneira a continuar (re)produzindo algo de realidade; tudo sem um ponto fixo por onde giraria a existência. E, nesse sentido, entendemos a postura colonial como uma forma de dominação impregnada nos esquemas culturais e de pensamento que articulam determinados eventos para legitimar e naturalizar posições assimétricas. Manter este território em pé ou eliminar as incertezas acerca da vida exige uma *estrutura* bem planejada, precisa em seus movimentos de consentimento com esta ou aquela postura: faz-se crucial preparar algumas articulações para serem desdobradas, enquanto outras devem permanecer intocadas. De súbito, parece errado erguer a voz enquanto o patrão está a falar. A colonização aparece como uma cautelosa intervenção que chega até as relações mais íntimas: *trabalhar de graça no capitalismo nos faz sentirnos otários*; ocupar se transforma em invadir; ajudar vira verbo de redes sociais; solidariedade só carimba a hierarquia; doação vira esmola; e inventa-se uma única maneira de fazer Matemática...



A linguagem não é a vida, ela dá ordens à vida; a vida não fala, ela escuta e aguarda. Em toda palavra de ordem, mesmo de um pai a seu filho, há uma pequena sentença de morte — um Veredito, dizia Kafka⁶⁴.

Matemática: um nome, uma palavra. Palavra produzida para dizer de um mundo. Palavra para instaurar um mundo. Palavra-ponto-final que cala outros mundos. Peça confeccionada pela realidade, na realidade, de maneira a continuar (re)produzindo algo de realidade. Os nomes narram sua própria memória. Colocam em conversa os atos que o fazem resultar de uma obrigação social. Traz à tona uma performance coerente com as cadeias mexidas pela ordem que as palavras dão. Relata como uma máquina chegou a produzir o que se produz.

É a noção de agenciamento coletivo de enunciação que devém a mais importante, já que deve dar conta do caráter social. Ora, podemos, sem dúvida, definir o agenciamento coletivo pelo complexo redundante do ato e do enunciado que o efetua necessariamente⁶⁵.

Fazer Matemática: linguagem que pode vir a forjar comunicação ou apreensão de um código, mesmo não sendo estritamente nenhuma das duas. Ainda linguagem. Modo de organização naturalizado que se tornou disciplinar. Não pede passagem, mas passa; nem sempre é convidada, mas chega. Conduz modos de fazer. Não representa mundo, mas coloca o mundo para agir, diz o que se espera de alguém. Com isso, movimenta agenciamentos coletivos de enunciação e modifica os possíveis a partir dali. Trata-se da percepção da vida enquanto movimento.

O ponto relevante de *fazer Matemática* não está em fazer algo determinado, conhecido, correspondente a uma ação verdadeira ou falsa, mas na vontade de modificar a realidade, de produzir uma reação. O ato que está sendo empreendido esconde a ação que ele produz e, este espaço entre o que a palavra de ordem inaugura e o que se diz na frase é o que permite essas e outras movimentações.

Quem nunca se arrepiou com a força-fera de uma palavra-de-ordem gritada em uma só voz?

⁶⁴ Deleuze e Guattari (1995b, p. 13).

⁶⁵ Deleuze e Guattari (1995b, p. 19).

MATEMÁTICA! Com M maiúscula, máscula, régia. Ganha sentido por um emaranhado de forças que agora produz humanidade. Essa palavra tem (centros de) poder! Tem que aprender direitinho. Só quem pode, pode. Tem que obedecer. Fazer Matemática é continuar selecionando as vozes europeias para colocar em funcionamento uma tradição logocêntrica referencialmente fixada na pesquisa e na escola.

Dois e dois são quatro é uma assombração de asas abertas de morcego na noite ou é uma realidade básica?

Se algo está formado, há processo de formação! Matemática encomendada pela *tribu européia*. Um complexo sistema hegemônico, ou nas palavras de Lizcano (2006), uma prática burguesa que foi capaz de ocultar suas superstições e preconceitos para permitir emergir apenas seus “modos muito particulares de perceber o espaço e o tempo, de classificar e ordenar o mundo, de conceber o que é possível e o que se considera impossível” (LIZCANO, 2006, p. 21). Emmanuel Lizcano é um verdadeiro tumultuador! Joga tudo pro alto, tira tudo do lugar e agora somos obrigados a pensar o que vamos fazer com isso: Matemática da *tribu européia* com critérios de rigor bastante específicos. O que fazer com uma Matemática cheia de afetos atravessadores da *tribu européia*? Alguém mais se sente provocado?

Que cara fariam os camponeses de Pisa ao ouvirem que um professor de matemática havia dito que a natureza era um livro? Sendo quase totalmente analfabetos, o que eles pensariam sobre esse tal de Galileu? Que estava louco? Como seria a natureza um livro, ainda mais escrito em linguagem matemática, se eles, que não sabem ler - muito menos - matemática, carregam séculos de compreensão com ela [a natureza] e obtendo resultados aceitáveis? Que queriam dizer para eles que sem ter aprendido esta estranha linguagem "é humanamente impossível entender uma única palavra"? Que não são propriamente humano até que a aprendam? Que na verdade eles não entenderam "uma única palavra" e que, portanto, todo o seu conhecimento é mera ignorância? Todo o projeto científico, e toda a racionalidade iluminada (e a política que a acompanha), pode ser pensado como um empreendimento não comunitário contra culturas populares. Desde sua origem, até os dias de hoje, tem se disfarçado sob a linguagem da modernidade e do desenvolvimento.

Mas esse projeto, que hoje nos parece tão universal como “A Matemática”, é a empresa de algumas poucas pessoas, alguns profissionais que hoje chamaríamos de liberais, uma ínfima parte da população que vivem em vilas ou cidades da Europa Central e da Inglaterra. O fato de a sua loucura, a sua utopia - e a sua matemática - terem vindo a se impor em grande parte do planeta, não nos pode fazer esquecer que a utopia e a matemática dessa burguesia minoritária são também utopia e matemática indígena. Indígena e ingênua, já que tanto um termo quanto o outro significam a mesma coisa: 'nascido lá'. E nossa matemática, que normalmente chamamos simplesmente

de 'matemática', também nasceu lá, em um determinado lugar. Um lugar em que viviam, e seguem vivendo, certas pessoas com uma maneira muito especial de viver e de pensar, com uma maneira muito especial de medir, raciocinar e calcular. O espaço coordenado cartesiano, o que eles chamam de números naturais, os princípios que governam suas demonstrações... expressavam – e expressam – suas exóticas crenças, sua curiosa maneira de entender o mundo, de contar, agrupar e classificar as coisas. Acreditavam, por exemplo, que os quadrados tiravam raízes (por influência, certamente, do entorno agrícola do qual aquele braguesia acabava de se separar). E ensinam a seus filhos procedimentos para extrair as raízes do quadrado. Como mal davam importância para os odores, sons, sabores... (aos que chamavam “qualidades secundárias”) e apenas confiavam no sentido da visão, acreditavam que só era real o que viam. E, quando queriam tirar a raiz de um quadrado que não podiam ver, diziam que essa raiz não era real, que só era imaginária, porque tampouco lhe podiam ver (LIZCANO, 2006, p. 196, tradução nossa).

Surge um acontecimento: algo do campo da linguagem é modificado por uma ordem interessada em fazer passar um desejo acoplado à ela. Agenciamentos variáveis se configuram. Então é possível o nascimento de uma máquina de máquina: Matemática. Têm-se então uma Matemática por vezes direcionada à elaboração de coordenadas semióticas com todas as bases duais da gramática. Estabelece o que pode e o que é abominável. Enquanto metanarrativa no mundo moderno de tradição ocidental, legitima o conhecimento, coloca parâmetros para a verdade e para as certezas. Ela decide o que é real e fixa sua régua para medir as normas de inteligibilidade e de racionalidade (CLARETO, 2011). Submete um mundo às suas regras de regularidade e se manifesta como se fosse universal. Nessa direção, formam-se também aqueles Matemáticos que, certos de seu conhecimento, tratam alguns indivíduos como “‘menos racionais’ e a sua própria natureza como celeiro inesgotável para satisfazer seus desejos e ambições. A Matemática tem sido um instrumento selecionador de elites”. (D’AMBRÓSIO, 2015 p. 77).

Passa uma borboleta por diante de mim. E pela primeira vez no Universo eu reparo que as borboletas não têm cor nem movimento, assim como as flores não têm perfume nem cor. A cor é que tem cor nas asas da borboleta, no movimento da borboleta o movimento é que se move, o perfume é que tem perfume no perfume da flor. A borboleta é apenas borboleta e a flor é apenas flor⁶⁶.

Uma ordem para evitar ~~uma nova ordem~~ a desordem? A Matemática se faz nos modos de operação com ela; não respeita uma significação prévia, mas seu movimento, que resgata um agenciamento do inconsciente, é quem convoca um significado imanente,

⁶⁶ Trecho do poema “O guardador de Rebanhos” de Alberto Caieiro (1946, p. 64), heterônimo de Fernando Pessoa.

introduz um recorte entre os corpos. Aqui se faz a importância dos encontros, do compor com, de fazer as paixões e ações variarem. Ao invés de manter as pequenas sentenças de morte do designativo “*E*” – *Matemática é...* -, optamos por nos aproximar das inquietudes, do desconhecido, da criação despertada pelo conectivo “*E*”, experimentação que no caminho traz novos elementos para se relacionarem com a Matemática produzida – *Matemática é...* e álgebra e geometria e alfabetização e escola e coletividade e indisciplina e aluno e e e...

*Não se pergunta pela relação entre dois
X não é igual a Y. X não é igual a X
X não está em direção de Y
X está em devir. Aberto a tornar-se outra coisa.*

Borbulham outros agenciamentos. Faz-se a Matemática delirar. Colocam-se matemáticaS em movimento de constituição na experimentação, expelindo as conexões isomórficas e tudo aquilo que poderia ser determinado como universalidade. Alteram-se as conexões encerradas na conclusão para movimentar aquilo que já não funciona. E pode tudo? Pode muito, mas tudo interessa?⁶⁷ O valor destas matemáticaS está em suas potencialidades, em como esse saber cultivado se coloca em relação à vida: isso intensifica o movimento de variabilidade da vida ou a constringe?

Interessa a conexão do divergente, daquilo que parece não ter relação alguma, mas que compartilha problemas em ressonância. Convidar *sínteses disjuntivas*⁶⁸ [OU], para lidar menos com a exatidão que com a incerteza. Encontrar processos que criam outras cidades, com novos formatos de distribuição de terra, dispostos a desafiar as quadras duras de uma Geo-metria colonial. Colocar as cidades em conflito fazendo brotar sabores estranhos, porém deliciosos. Sabores que hora matam a fome e hora abrem nosso apetite em busca de outras formas de se alimentar. Quem sabe uma outra vida possível fora das disputas por alimentar-se de dinheiro? Nos referimos a um delírio que não quer colocar a Matemática pra sentar-se e fazê-la ouvir sobre as cicatrizes sem-teto; menos que um trabalho de identificação, é colocar em prática um movimento de contágio e propagação.

⁶⁷ Lembrando que as matemáticaS, como ciências nômades, nunca estão sozinhas. Ciência Régia e ciência nômade estão sempre em disputa de sentidos, por isso, as matemáticaS podem muito nas fronteiras, tensionando a Matemática maior que, por sua vez, ainda respeita os planos de referência de uma ciência.

⁶⁸ “Enquanto o ‘ou então’ [como indicador de exclusão] pretende marcar escolhas decisivas entre termos não permutáveis (alternativa), o ‘OU’ [inclusivo] designa um sistema de permutações possíveis entre diferenças que sempre retornam ao mesmo, deslocando-se, deslizando” (DELEUZE; GUATTARI, 1972, p. 25)

*Pintor, nada senão pintor, Van Gogh dominou os meios da pura pintura e não os ultrapassou... mas o maravilhoso é que este pintor que só é pintor... é também, de todos os pintores natos, o que mais faz esquecer que temos a ver com a pintura*⁶⁹.

O problema que colocamos não está em atribuir dever às matemáticaS mas em fazer dela o produto de um emaranhado diferente, com outras abstrações e mais interessante para agora. É antes, colocar problemas para a cidades e para a Educação; ampliar nosso raio de atenção, atritar Matemática disciplinar e saberes produzidos na luta, até sair faísca; e dessa faísca acender matemáticaS povoadas com novos elementos. Fazer pesquisa com matemáticaS esquecendo o que temos a ver com a Matemática.

Muitas vezes um estado afetivo reduz a realidade. Nós podemos querer ser cúmplices ou não. Se quisermos criar frestas de ar puro nesse ciclo viciado, fechado, precisamos aprender a suportar o caos sem nos tornarmos inimigos dele. Podemos nós, fazer mais que nos aprisionar em representações, podemos nós pensar.

Se trata de um movimento de *re()sistência*⁷⁰, de dobra da existência da noção de Matemática. As [M]matemáticaS existem porque (re)existem! Para produzirmos uma Matemática passamos por um processo de reunião de problemas dos quais será feito um recorte: a seleção de questões *virtuais* que serão *atualizadas*. Antes da atualização não há negação entre problemas, todos eles modulam sem preocupação nenhuma com os pressupostos da lógica aristotélica. Neste ponto as matemáticaS podem ser e não ser ao mesmo tempo. Isso significa que é no processo de atualização que é produzida a porção existente do objeto [Matemática], engendrando apenas “alguns casos de solução, deixando à sombra todos os outros casos que poderiam ter sido produzidos” (ROQUE, 2003, p. 29). É neste processo de deixar de lado que criamos um dentro e um fora da Matemática, o que não exclui a possibilidade de pensarmos nas matemáticaS que podem vir a ser.

⁶⁹ Artaud (2001, p. 74).

⁷⁰ Tatiana Roque nos traz um sentido de resistência diferente daquele que opõe duas coisas. Propõe uma *re()sistência* com espaço para ser preenchido pela invenção. *REsistência* como um desdobramento, uma *insistência*, um “outra vez”. “Do que o segue, lemos um substantivo derivado do verbo *sistere*: parar, permanecer, ficar, ficar de pé, estar presente. [...] Ora, se o ser é, na eternidade, as coisas estão, no tempo, e por isso mesmo, existem. E por isso precisam afirmar, a cada instante, a sua existência. Porém, mais do que a afirmá-la confirmando-a, precisam desdobrá-la, trazer à tona suas produções, seus efeitos, suas conseqüências. [...] A existência existe? A existência resiste. Pois ela só existe em constante processo de diferenciação em relação a si mesma. Ela só existe dobrando-se a única condição para que existir não seja apenas o lado sombrio do ser” (ROQUE, 2003, p. 25).

Cabe ressaltar a potência da “S” maiúscula no final da palavra matemáticaS. Concentramos nesta “S” a possibilidade de pensarmos umas [M]matemáticaS não por comparação, mas pelas disputas de sentidos em diversos mundos, inseparáveis, num mesmo lugar. Em uma “S” há espaço para ser preenchido conforme as necessidades de um ato preciso, em um instante determinado. matemáticaS inventadas nas misturas da Matemática europeia afetada por outros contextos e forma de vida vítimas da *colonialidade*⁷¹ e, nas misturas de outros saberes afetados pela Matemática Europeia. Apropriação de saberes em integração sem posse; mistura de saberes vinculados por determinados problemas como processo de desaprender para aprender, de decolonializar, rever práticas procurando afastar o “hábito academicista de abordar as práticas socioculturais para interpretá-las, forçando a ilusão de que algo chamado conteúdo (Matemático) de uma prática realmente existe”. (TAMAYO; PAULUCCI, 2021, p. 48).

Comece a somar, pare e perceba o turbilhão que vem. Somar? Somar sem fundamento na comunicação. S()o()m()a()r. Fazer como p[o]ede o encontro. Com ou sem contradições. matemáticaS acontecendo.

Uma matemática como verdade eterna vai sendo praticada naquela sala de aula. Atrita-se a uma matemática que coloca o conhecimento em movimento: ‘Ah! Deixa pra lá. Isso não dá certo mesmo!!’. Mas se a matemática é eterna e verdadeira, deveria funcionar, sempre... mas não funciona! Uma matemática como multiplicidade toma lugar: algo precisa ocorrer na matemática, [...] a matemática precisa tornar-se outra coisa – uma matemática hidráulica, quem sabe?”. (CLARETO, 2013, s. p.)

[M]matemáticaS ainda em construção. Não porque nem tudo foi descoberto, mas porque “tudo” é muito para ser inventado. A invenção não quer ser capaz de uma totalidade, explorá-la está mais próximo da intenção de nos perguntarmos que modos de vida são inauguradas em determinados tipos de invenção.

Que estilos de vida afirmam uma Matemática ocidental? Que estilos de vida queremos afirmar?

⁷¹ O termo colonialidade é incorporado pelo sociólogo latino americano Aníbal Quijano para tensionar as marcas do colonialismo que não se resumem às relações de dominação direta, política, social e cultural dos europeus sobre os povos dos continentes dominados mas que se estender para a imposição de uma forma de governo dos povos submetidos ao processo de colonização, quer dizer, Quijano propõe a ideia de colonialidade por entender que ela “não se esgota no colonialismo, forma de dominação político-econômica e jurídico-administrativa das metrópoles europeias sobre suas colônias, expressa, mais que isto, um conjunto de relações de poder mais profundo e duradouro que, mesmo com o fim do colonialismo, se mantém arraigado nos esquemas culturais e de pensamento dominantes, legitimando e naturalizando as posições assimétricas em que formas de trabalho, populações, subjetividades, conhecimentos e territórios, são localizadas no mundo contemporâneo (Quijano, 2000; 2005; Escobar, 2003; Castro-Gómez e Grosfoguel, 2007; e Maldonado-Torres, 2007)”. (PORTO-GONÇALVES; QUENTAL, 2012, p. 46).

Não é novidade que, por muito tempo, a História “do mundo” foi e ainda vem sendo, hegemonicamente, um recorte selecionado convenientemente. Quiçá, isso que leva o nome de História seja mesmo um produto da humanidade que não poderia reproduzir outra coisa que não seus valores desenhados por uma parcela de forças e eventos do mundo. Assim sendo, a escritora nigeriana Chimamanda Adichie é uma das mulheres que viu a necessidade de destacar o perigo que estes valores representam para a dignidade das pessoas. A autora usa do contexto africano para manifestar seus incômodos com os estereótipos gerados por esta disciplina que usa suas próprias travessias para estruturar os eventos no mundo. E poderia ser diferente? Quando os europeus fazem uma ideia do outro, essa ideia tem muito mais a ver com o estado do corpo europeu do que com o outro ideado por ele. Fala mais de um estado de desejo do que da realidade integral do outro que está afetando o corpo europeu⁷². Em todo caso, isso ilustra um processo de produção, o que não valida qualquer tipo de desejo fascista.

Nessa direção, a preocupação de Chimamanda repousa sobre os valores de uma História enquanto saber institucional onisciente e onipresente que reduz a África à seus estereótipos, como se tudo que os africanos tivessem a dizer se resumisse em uma sequência de catástrofes. Sua crítica não se refere ao próprio saber, mas aos valores mobilizados quando operado como metanarrativa, exclusivos em relação às maneiras de outros povos, perceber, narrar e lidar com outros eventos.

Seja a História uma máquina produzida por/para um mecanismo da *colonialidade*, Adichie (2019) marca a necessidade de uma outra coisa capaz de também fazer ouvir outras vozes, de outros lugares, com técnicas e expressões da linguagem diferentes e que reparem as dignidades despedaçadas por esta *ciência maior*. Podemos chamar esta outra coisa de história, com “h” minúscula? É o que faremos.

História ou história, os efeitos da colonialidade permanecem aí, logo não há espaço para ingenuidades: por mais inflexível que a História pareça, ela mesma tem seu anseio de movimento, sobretudo de decomposição e recomposição. Ela reúne energias para se manter em pé, sedentariza, organiza e captura as contracondutas, colocando-as

⁷² Aprendemos com Spinoza que uma coisa é a ideia de Pedro e outra coisa é a representação que Paulo faz de Pedro - uma imagem no desejo, uma imagem afetiva, uma variação que o corpo de Pedro provoca no corpo de Paulo. Em um julgamento destes são muitas as possibilidades: quando Paulo forma uma imagem ele pode estar subestimando Paulo, superestimando Paulo, caluniando sobre Paulo... (ESPINOSA, 1997).

para trabalhar em seu favor, permitindo assim, a atualização de seu rumo. É característica das *ciências régias* ou *maiores* a atuação pela reprodução, isto é, “a permanência de um ponto de vista fixo exterior ao objeto”. (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, p. 40), mantendo redes de poder e regulando ou se apropriando daquilo que outrora a constrangeu.

Nesse caso, será suficiente uma aproximação entre histórias e História até que se possa atender a uma determinada quantidade de culturas e perspectivas? Chimamanda e Krenak reforçam que não há linha do tempo única, unidirecional, sobre lugar algum, nem pecado capital em assinalar que a hegemonia é nada mais que uma construção, incapaz de dizer “A verdade”. Nos ajudam a encarar a História inerente à sua relação com a *colonialidade do poder e do saber*.

Os povos sujeitados à colonização carregam consigo, mesmo sem querer, uma classificação social pautada pela ideia de raça e gênero que lhes desfavorecem segundo a teia de poder que subalterniza todos aqueles que fogem da forma única (eurocêntrica) de ser e estar mundo. Essa teia que cruza diversos tipos de violências físicas e simbólicas continua a se complexificar, tornando cada vez mais difícil fugir das cadeias hierárquicas e coloniais (QUIJANO, 2005). Exemplo disso são as tentativas de deslegitimar qualquer conhecimento que não aquele institucionalizado e reconhecido pela hegemonia eurocêntrica, traduzindo assim uma negação epistemológica que trata de manter os discursos que justificam a diferença colonial e o conhecimento desincorporado e deslocado (WALSH, 2003). Posto em outras palavras, podemos dizer que convivemos em um mundo de “humanidade vasta”, tão vasta que deu errado.

Uma tal humanidade vasta, em sua vastidão – universalidade, totalidade – se restringe a um único signo, a um modo único de participação na “humanidade”: branco, europeu, ou euroestadunidense, do sexo masculino, heterossexual, cisgênero, com seus atributos físicos “perfeitos”, tanto física como intelectualmente, empregado e contribuinte na produção de riquezas e coleta de impostos... Muito especialmente, e acima de tudo, de pele branca. Como ser partícipe dessa “humanidade vasta”? Como tomar parte neste mundo humano? (CLARETO; MIARKA, 2020, p. 23).

Uma humanidade negada aos indígenas, afrodescendentes, africanos, latinoamericanos, às mulheres, enfim, aos não-homens-heteros-normativos-cis-brancos. Uma humanidade tão frágil, sujeita a se despedaçar sob qualquer ameaça ao sistema escravista. Uma humanidade moderna, cheia de boa vontade, à espera de instantes oportunos para a defesa de uma verdade que revela, para nós, a vontade de dominação. Humanidade que de tão humana prefere a queda livre a trair os costumes.

Nos parece que, a princípio, o que resta é variação nas formas de operar com os saberes. O que isso faz? O que isso produz em nós? Pode isso fazer outra coisa? Pode isso levantar Chimamandas e Krenaks que fazem da História um chamado para o povo africano e da floresta falar e ser ouvido. Podem essas associações multiplicadas fazer a própria História duvidar de si? Colocamos nossas certezas em suspensão para experimentar o desapego de um clube excludente “que na maioria das vezes só limita a nossa capacidade de invenção, criação, existência e liberdade”. (KRENAK, 2019, p. 8). Falta ar para uma vastidão cheia de História, de Matemática e de tantas outras muralhas. Precisamos de outras coisas que nos ajudem a respirar. matemáticaS? históriaS? Indisciplina! Alternativas que, se não destroem de uma vez por todas o que nos sufoca, ao menos nos dão a possibilidade de afrouxar as amarras e, puxar fôlego para ter condições de produzir afetos alegres. Resta um vão para tensionar as metanarrativas, tal como os outros saberes⁷³.

Voltando para a Educação Matemática [e em algum momento saímos de lá?], Tamayo-Osorio (2017, p. 41) aponta notáveis sintomas da *colonialidade do saber*, defendendo a necessidade de

[...] uma descompactação que procure romper com diversas categorias pensadas como ‘universais’, estudar e questionar não apenas as experiências, identidades e relações históricas que se sustentam na imposição de uma classificação étnico-racial da população mundial colonizada, ao mesmo tempo que questionar a *dieta unilateral de imagens* sobre a Matemática que na escola se processa. Tal descompactação, implica perguntar-se, qual é o papel de toda a concepção moderna de conhecimento (Matemático) acumulado nas maneiras em que organizamos a vida? Este questionamento se coloca para repensar criticamente o modelo de racionalidade que preside a ciência moderna e, que se tornou, ao longo da história, um modelo global como efeito da *colonialidade do saber*.

Assumimos um olhar que busca desprender-se do jogo “cognitivo-interpretativo (epistêmico-hermenêutico), das miragens da ‘ciência’ e do controle do conhecimento (por objetos, eventos e realidades”. (MIGNOLO, 2008, p. 245). Ainda afetados pelas propostas decoloniais, recorreremos aos saberes marginais para encontrar algo que nos tire o sossego; uma ponta solta com a qual possamos compor com a (Educação) Matemática.

⁷³Aprendemos com Bell Hooks que é possível o exílio dobrar os saberes do opressor. No caso do inglês, na reinvenção da língua da conquista e da dominação, “no uso incorreto das palavras, na colocação incorreta das palavras, havia um espírito de rebelião que tomava posse da língua como local de resistência. Um uso do inglês rompia com o costume e o sentido padronizados, de tal modo que os brancos muitas vezes não conseguiam compreender a fala dos negros, [transformando] o inglês em algo mais que a simples língua do opressor (HOOKS, 2013, pp. 224-226).

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia. ⁷⁴

A gente se acostuma a morar em apartamento de fundos e a não ter outra vista que não seja as janelas ao redor.

E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora.

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora.

E porque não olha para fora logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma acender mais cedo a luz.

E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplitude.

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora.

A tomar café correndo porque está atrasado.

A ler jornal no ônibus porque não pode perder tempo da viagem.

A comer sanduíche porque não dá pra almoçar.

A sair do trabalho porque já é noite.

A cochilar no ônibus porque está cansado.

A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.

A gente se acostuma a abrir o jornal e a ler sobre a guerra.

E, aceitando a guerra, aceita os mortos e que haja número para os mortos.

E, aceitando os números, aceita não acreditar nas negociações de paz, aceita ler todo dia da guerra,

dos números, da longa duração.

⁷⁴ “Eu sei, mas não devia” poema da escritora brasileira Marina Colasanti.

Contudo, não é sem resistência que assumimos este olhar, segundo Foucault (1999, p. 51), “por trás de todo saber, de todo conhecimento, o que está em jogo é uma luta de poder. O poder político não está ausente do saber, ele é tramado com o saber”, por isso, os padrões de produção de conhecimento e significação europeus não param de produzir modos de ser e seduzir para caminhos de acesso ao “desenvolvimento”. Por esse motivo, não é sem dificuldades que questionamos essas relações. É sabendo que a gente se acostuma, seja qual for o regime estrutural atualizado, que zigzagueamos entre posturas coloniais e decoloniais na Educação Matemática em busca de uma maneira própria de representar nossas experiências, dessa vez, optando por um recorte que integra as cidades e a maneira como o capitalismo tem produzido subjetividades.

Perturbados pela maneira como a Matemática atua na organização da vida e da escola, somos marcados pelo desejo de pressioná-la a ponto de ninguém sair ileso. Insistimos nos diversos modos de *perceber o espaço e o tempo, de classificar e ordenar o mundo*, fazendo das práticas desconhecidas motor para estranharmos esta Matemática até então familiar. Pode isso colocar em xeque sua essencialidade? Outras matemáticaS estão por vir. Ou seria a Matemática, nunca finalizada, deixando escapar outras faces inventadas? O movimento continua a nos arrastar de um lado para o outro, e aqui na fronteira, as rachaduras são enormes. Se segurem! Cada um agarra as [M]matemáticaS que consegue suportar.

Balançar deste jeito nos permite ocupar a (Educação) Matemática com problemas imanescentes, com afetações que junto com os militantes sem-teto, desestabilizam a escola e a universidade. Ocupar estes espaços para fazer de outro modo: aprender a Matemática que é pré-requisito para sobreviver a esta humanidade bem habilitada para o mercado, ao mesmo pé em que se acrescentam outras matemáticaS ao jogo da realidade, permitindo-nos pervertê-la.

Se as assimetrias do sistema nos inquietam, não é o simples acúmulo de conhecimento Matemático que nos fará ter êxito no jogo, mesmo que esta seja a promessa; ao lançar-nos nesta *ciência maior* muito pode acontecer. Enquanto alguns gozam de uma divertida intimidade, outros se arrepiam só de ouvir o nome da disciplina. Esses que se divertem, riem mais e se alegram mais a cada vez que são recompensados pelo sistema por terem desenvolvido uma boa relação com a Escola – lembrando que pra rir à toa, essa boa relação nem sempre é suficiente.

Em defesa do que é entendido por progresso, a Matemática disciplinar é tida como fundamental para a formação de cidadãos conhecedores de técnicas que servirão como ferramentas para a obtenção de outras técnicas. De técnica em técnica formam-se currículos, formam-se escolas e formam-se representações da vida. São formados engenheiros; são formados professores; são formados cientistas; são formados agrônomos; são capacitados juízes, ministros da educação, da saúde, da economia, da ciência e tecnologia. Tanta gente formada... assim o Brasil só pode ser mesmo um paraíso tropical... [E não é?]

*A aldeia de Hollywood foi planejada de acordo com a noção
Que as pessoas desse lugar fazem do Paraíso. Nesse lugar Elas chegaram à conclusão
de que Deus,
necessitando de um Paraíso e de um Inferno, não precisou
planejar dois estabelecimentos, mas apenas um: o Paraíso. Esse,
para os pobres e infelizes, funciona
como inferno.⁷⁵*

Não se trata de abolirmos a escola, tampouco de nos desfazer das universidades. Ao contrário, temos a necessidade de dizer que elas podem muito mais. Queremos ocupá-las para expor que um projeto alinhado à decolonialidade pressupõe a admissão de outras realidades que não aquelas hegemonicamente oferecidas até agora. Em miúdos, não estamos falando na questão de integrar o povo pobre a uma estrutura de opressão que dá créditos àqueles que mais se assemelham ao opressor via a “exímia preparação dos estudantes para o mercado de trabalho, oferecendo a eles melhores condições de consumo na sociedade capitalista que é, por definição, desigual”. (SANTOS, 1978, p. 83). Ter a Matemática, a técnica ou tecnologia como libertadoras é uma visão parcial que, por vezes, ignora como estes instrumentos são capturados pelo neoliberalismo com a intenção de cafetina-los em prol do consumismo/acumulação de capital. A justiça social não é plena. Mesmo que acreditemos na educação como espaço de transformação, ela por si só não garante a fuga para longe das violências de uma sociedade machista, racista, capitalista, escorada no discurso do *empreendedorismo de si*. É possível uma escola agenciada por afetos diferentes daqueles organizados pelo utilitarismo?

⁷⁵ Brecht (2010, p. 86, *tradução nossa*)

Formação?



[De(s)] Formação?

Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/256845984987526852/> - Adaptado.



É nesse sentido que vemos urgência em esgarçar e desarticular a escola sem abandoná-la (CORAZZA; AQUINO, 2009), tudo num processo co-engendrador, afinal, somos nós quem podemos pensar outra escola, tal como se faz necessário pensarmos em outras formas de vida. [De(s)]fomar(-nos) para questionar esse padrão civilizatório de matriz colonial, tomado como única possibilidade, tendo em vista que “um dos principais limites para transformar a sociedade [...] está em nossas próprias cabeças, em um pensamento atado à reprodução do existente, em nossa capacidade débil para imaginar outras formas de entender as coisas”. (LANDER, 2009, s. p., tradução nossa).

Educa-se para quê? Para um mundo melhor? É possível este além-mundo antes de sua produção? Se é que somos capazes de decidir um objetivo para escola, arriscamos dizer que não é em vias de um futuro profético do qual não temos controle. Quiçá podemos pensar uma educação que faça umas [M]matemáticaS, com forte presença nas áreas de conhecimento ou nas construções lógicas-aristotélicas, bifurcar, incluindo outros sentidos artesãos de outros tipos de humanidade. “Educar não para fugir do mundo, mas para fugir no mesmo lugar, em pura intensidade, numa linha artista e contínua” (CORAZZA, 2006, p. 12), operando com territórios ainda por vir que não classificam os corpos em maior ou menor valor humano.

Não falamos em abandonar os territórios codificados, mas em desvirtuá-los para finalmente operar com corpos produtores de saberes dos quais a (Educação) Matemática pouco, ou quase nunca, dedicou atenção. Pensar Educação (Matemática) em vida coletiva; renunciar o reconhecimento, a competição, o desenvolvimento seletivo e um projeto de empreendedorismo fajuto para partilhar sensíveis com as ocupações urbanas:

Ficaremos satisfeitos se, daqui há 10 ou 20 anos, olharmos para trás e vemos apenas um monte de conjuntos habitacionais? De nada adianta conseguirmos moradias e a vida continuar do mesmo jeito, com o capitalismo impondo suas leis. Por isso, a ocupação tem para nós um sentido muito maior do que a luta por moradia: é uma forma de formarmos novos militantes para a luta, de construir referência nos bairros de periferia e de mostrar para os trabalhadores que – com união e organização – temos poder de enfrentar este sistema. (CARTILHA, 2013, p. 11).

Fazer fugir da Matemática “um conjunto fixo de conteúdos conceituais típicos - abstratos e genéricos - envolvendo números, medidas, formas geométricas definidas etc., conformados em um domínio compartimentado e especializado do saber” (TAMAYO-OSORIO; DA SILVA, 2017), para colocar em relação um conjunto diversificado e heterogêneo de práticas **socio**culturais, provocando os possíveis sentidos desses saberes estendidos na criação.

Meu caro jovem que sonha em ser jogador do futebol, eu não quero matar seu sonho, não quero desestimulá-lo, quero apenas que você saiba o que enfrentará, quero lhe passar algumas informações e opiniões. Primeiramente, quero deixar bem claro que eu, no seu lugar, teria o mesmo sonho. Ser jogador de futebol, dos bons - porque a gente, é claro, não sonha em ser perna-de-pau - deve ser um grande barato. Além do mais, que outra atividade aparentemente significa maior oportunidade para subir na vida, dar conforto à família, ficar rico?

Eu mesmo, de família de classe média acima da média, sonhei em ser jogador do futebol - não para ficar rico, mas para sentir a emoção de subir no alambrado do Pacaembu na comemoração de um gol. Era meio grosso, embora goleador. Acabei indo jogar basquete e virei jornalista - tudo por causa do futebol. A partir daí, já com 20 anos de idade, comecei a ver o que era a verdadeira vida de um profissional da bola.

Como é que esse cara não apareceu aqui?

O que isso tem a ver?
 ~~Sistema Injusto~~

Salvar?
 Como?
 De quem? De quem?

Apenas leve em conta que, por maior que seja seu sonho, por mais que você ouça elogios ao seu talento, você não deve largar a escola pela bola, porque se a bola furar, a escola pode salvar.

Como tudo na vida, para se dar bem no mundo do futebol, você vai precisar de sorte. A sorte de escolher um clube legal para fazer a peneira, para ser escolhido e acolhido. Você terá de tomar cuidado para não cair nas mãos de um empresário espertalhão, e a maioria deles é cúmplice dos cartolas dos clubes e federações.

Por mais talentoso que você seja, saiba que os bastidores do futebol são podres, e que o jogador é visto como mera mercadoria, um produto como outro qualquer na prateleira, que cartolas e empre-

E quem nos salva da escola?

Eu quem lhe pago, não devotam da escola. Sérios veem apenas como oportunidade de fazer grana, de lucrar, custe o que custar, submetam o jovem ao que for. Tenha claro que apenas 1% fica milionário, 2% ficam bem, 3%, no máximo, ficam remediados. A imensa maioria é o que chamamos de "bóias-frias do futebol", atletas que vagueiam pelo país a fora em busca de uma chance de jogar, vítimas de um calendário desumano que sobrecarrega a elite e não dá oportunidade para a maioria, sem trabalho a maior parte do ano.

A podridão, meu jovem amigo, começa lá em cima. Nem vou falar da FIFA, a grande empresa multinacional que comanda o espetáculo, uma organização que pode ser comparada a Máfia, porque emprega métodos, segredos e lealdades muito semelhantes. Além disso, fica na Suíça que, até outro dia mesmo, era o paraíso da lavagem de dinheiro e das contas bancárias com dinheiro sujo.

Insisto: não quero matar seu sonho, dou força a ele, vejo a carreira de futebolista como tão digna quanto qualquer uma hoje. Mas o Brasil é um país injusto e o futebol é uma das faces dessa moeda. No Brasil, a corrupção ainda corre solta e, no futebol, não é diferente. A superestrutura do futebol brasileiro é reacionária, avessa às mudanças, corrompida e corruptora. Empresários desonestos e exploradores da boa fé e do trabalho alheios contaminam o ambiente, e é necessário não cair na conversa deles, embora tudo esteja montado para que eles prevaleçam.

Enfim, e em resumo, não seja ingênuo ao tentar entrar neste mundo.

E, se conseguir, levado pela justa aspiração de melhorar de vida e ajudar seus próximos, faça-o com os pés no chão e com a cabeça derta para as armadilhas.

Seja feliz, não desista, não desespere, lute para fazer não só a sua vida e dos seus familiares melhor, mas, também, a do seu - a do nosso - país.

E o que isso tem a ver com o seu sonho? Tem tudo a ver! Porque é nessa estrutura viciada que você entrará. Uma estrutura em que todos os que têm poder se beneficiam, e tentam impedir que os jogadores, os trabalhadores do futebol, os artistas, ponham a cabeça para fora. Daí ser tão raro vermos um movimento como o do Bom Senso FC, ao qual voltaremos adiante.

Normalmente, eu sei, você olha para um Neymar, o vê num carrão, até num iate, uma baita casa, e pensa: "Não quero mais nada da vida". E imagina: "Como foi fácil! Outro dia mesmo, ele não era nada. Tudo tão rápido!". Não se iluda. Neymar é a exceção das exceções. Ter o talento dele é para poucos, e ter a força de vontade dele também não é para qualquer um.

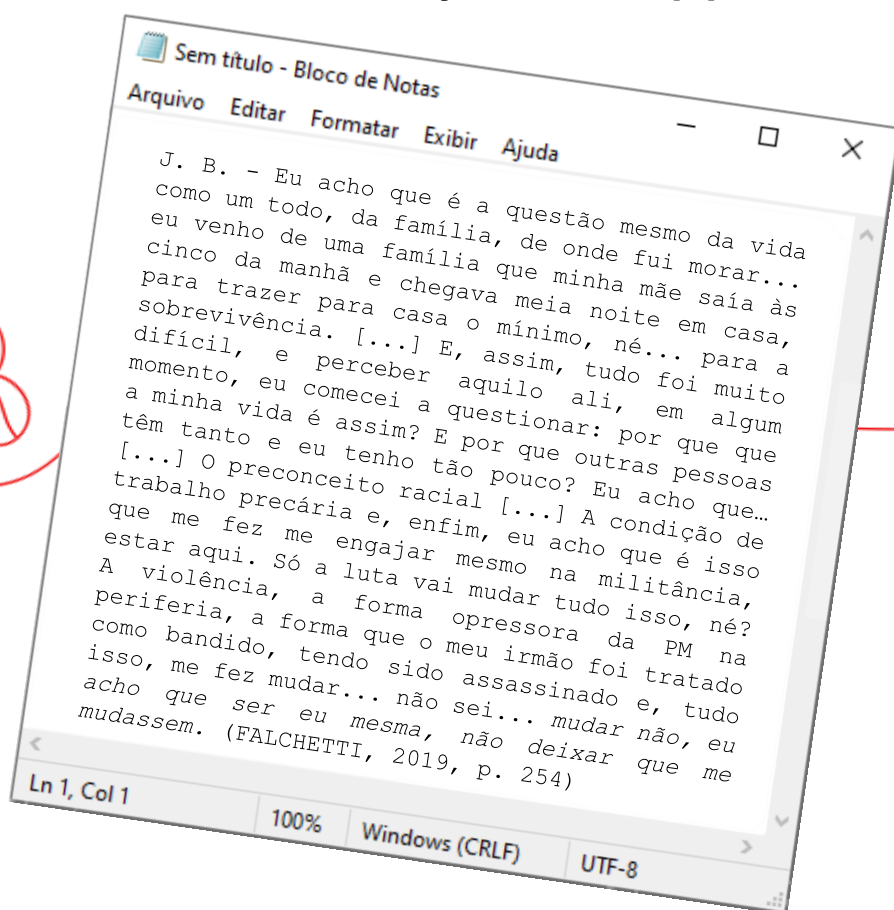
~~Sustentam o poder!~~

⁷⁶ Trechos da "Carta a quem sonha em ser jogador de futebol" de Juca Kfourri. Disponível em: <http://5c9124ababb9d3d7cce1-6e2107136992060ccfd52e87c213fd32.r10.cf5.rackcdn.com/wp-content/files/territoriostransversais2finalweb.pdf>

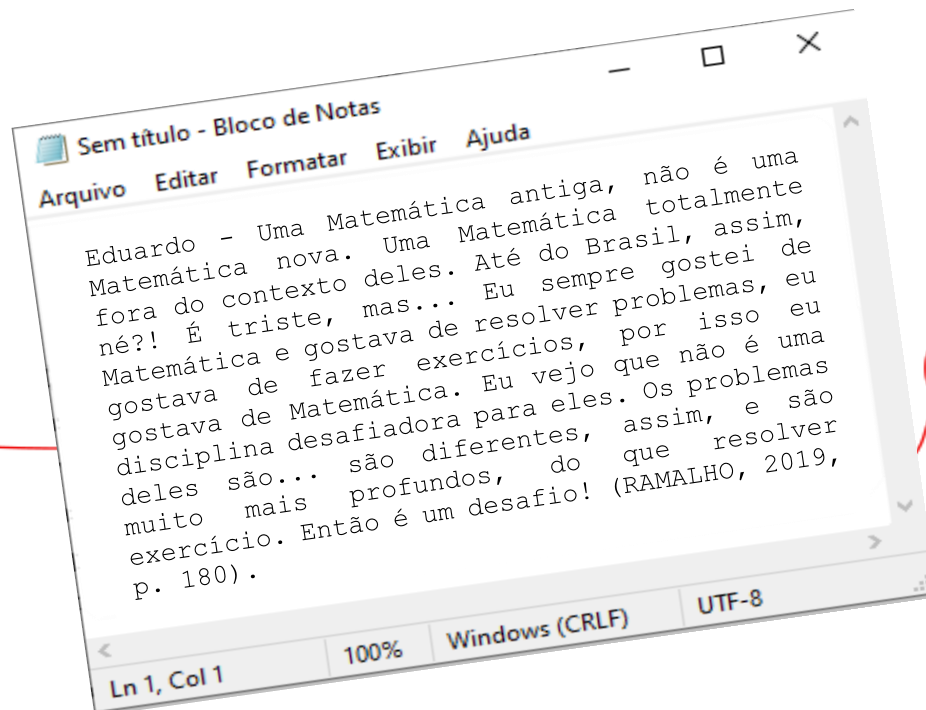
*A vida ultrapassa os limites que o conhecimento lhe fixa; O pensamento ultrapassa os limites que a vida lhe fixa; O pensamento deixa de ser razão; a vida deixa de ser reação*⁷⁷.

Retira-se o foco do conhecimento e seus “fundamentos” para fazer passar as práticas que nos aproximam da vida. A cada zoom, os olhares mais desprendidos da disciplinarização/ escolarização colocam a (Educação) Matemática em movimento, movimentando-se junto dela. Uma multiplicidade de matemáticaS flui do intervalo de sentir entre um espaço e outro. Emergem da mistura com as lonas pretas, antes ignoradas, matemáticaS agora vibrantes, sem que um corte delimite onde se encerram as relações matemáticaS com a vida.

[...] Uma vida está em toda parte, em todos os momentos que este ou aquele sujeito vivo atravessa e que esses objetos vividos medem: vida imanente que transporta os acontecimentos ou singularidades que não fazem mais do que se atualizar nos sujeitos e nos objetos. Essa vida indefinida não tem, ela própria, momentos, por mais próximos que estejam uns dos outros, mas apenas entretempos, entre-momentos [...]. (DELEUZE, 2002b, p. 14).



⁷⁷ Palavras de Claudio Ulpiano na aula “Pensamento e Liberdade em Spinoza” realizada na Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <https://spinoza.jur.puc-rio.br/index.php/2017/01/13/claudio-ulpiano-pensamento-e-liberdade-em-spinoza/>. Acesso em: 23 de ago. de 2021.



Ocupar; (des)territorializar; esperar; como queiram. Levar a (Educação) Matemática de volta ao movimento de pensar em rede. Uma/essa ecologia que exige de nós atenção à nossa *pobreza de experiência*, pedindo que recuperemos a sensibilidade de ver e sentir os eventos que inauguram as cidades e que, por não nos parecer urgente a nível pessoal, passam despercebidos. Usar das matemáticaS para driblar o medo paralisante. Olhar para o presente e para a possibilidade de brincar com ele de outras formas.

Falamos em aprender ou inventar matemáticaS preocupados apenas em aproveitar o espaço-tempo compartilhado com a luta por terra. É mais um interesse em compor matemáticaS comprometidas com o modo como o espaço se constitui que uma tentativa de imitação ou identificação. Pôr em agenciamento a Matemática normativa e as políticas de um morador sem-teto.

O mundo de hoje é o mundo de normas. A propaganda do neo-liberalismo fala de desregulação, mas nunca o mundo foi tão regulado, tão normado: normas públicas, normas das empresas que se impõem por sobre ou que orientam as normas do poder público; normas formais, normas informais, normas sempre. Tudo ou quase tudo é feito a partir de normas, o que já é indicativo da tendência ao empobrecimento simbólico que estamos vivendo: esta proliferação e esta hegemonia da norma. Mas, felizmente, o cotidiano também nos apresenta possibilidades para a espontaneidade. E tanto a norma como a espontaneidade têm que ver com o espaço, com a forma como o espaço se constitui. (SANTOS, 1996, p. 11).

Nos chama atenção a variação, mencionada por Milton Santos, entre norma e espontaneidade. Ciclos de negociações coletivas entre os conflitos e cooperações do espaço urbano, agentes na produção de subjetividade e sistematização de instituições. Dentro da cidade e não apenas diante dela, participamos de um complexo sistema de negociação onde quase sempre alguns perdem e quase sempre outros ganham. Desta forma, este tipo de negociação não representa um simples acordo nem mesmo uma dialética, mas a simultânea produção de espaços e existências que, suturadas às malhas assimétricas, resultam no jogo articulado pela máquina capitalista. Sem dúvidas isso se reflete em uma produção científica ou mesmo em uma (Educação) Matemática limitada aos moldes dominantes, dificultando a projeção de novos afectos e perceptos.

Apesar disso, são as minorias quem carregam consigo, como única alternativa, a teimosia do *esperançar*. A despeito daqueles que performam o papel do privilegiado do ponto de vista da hegemonia atual, são os pobres, sem-teto, quem “são mais capazes de ver, porque mais capazes de sentir. Por conseguinte, é um equívoco imaginar que o futuro é portado pelos mais fortes. São os mais fracos, no espaço, que têm a força de portar o futuro”. (SANTOS, 1996, p. 12).

Na passagem da *sociedade disciplinar* para a *sociedade de controle* (DELEUZE, 1992) o que antes repartia o espaço em instituições delineadoras – família, escola, prisão, indústria etc. – passou a funcionar com a interpenetração dos espaços, formando assim uma rede difusa onde o poder estaria cada vez menos localizável, em função de sua horizontalidade. O valor das coisas é distribuído numa cadeia, disposto na metrópole, não permanecendo mais concentrado na indústria, por exemplo. Em decorrência disso, nos tornamos prisioneiros em campo aberto, assumimos uma dívida infinita que nos insere em um jogo em que as escolhas ou regras importam menos que a participação em si. Negri e Cocco (2005, p. 49) vão caracterizar tal sociedade como “estrutura descentralizada e desterritorializada de governo, que integra progressivamente o espaço do mundo inteiro dentro de fronteiras abertas e em perpétua expansão. É um não lugar universal”.

Misturam-se na metrópole até mesmo a organização social em termos de espaços públicos e privados. Das cidades são extraídos ou assassinados os valores simbólicos dos cantos públicos de encontro casual e da comunhão, sendo a escola é só mais um destes espaços a ser parasitados pelo mercado. Fica até mais difícil duvidar daqueles que advogam que dinheiro compra felicidade: que espaços ainda são cultivados pela cidade que permitem reuniões sem incitar o consumismo? Olhe pro lado: o que não faltam são

as chamativas luzes decorando os shoppings “muito bem localizados”; faltam menos ainda os mais atrativos meios industrializados de alimentação.

Por um instante parei alguns amigos na universidade para pensar se o campus escapava desse padrão, mas apenas por um instante, o sol estava quente e é impossível permanecermos sentados em um dos poucos espaços de convívio. Fomos para a cantina...

Na metrópole, o que parece importante é a atividade de modulação dos mais diversos fluxos sociais, sendo a sedução ao consumismo apenas um dispositivo de ajuste nos fluxos de desejo e conseqüentemente de produção de subjetividade. Não interessa se determinados saberes ou práticas desenvolvidas ali são certos ou errados, voltam-se os olhos para o conjunto de encontros entre as singularidades que circulam no âmbito da reprodução dentro da cidade: como essa circulação se articula? Tem atenção a modulação das condições de governamentalidade.

Assim sendo, incomoda mais o povo sem-teto bloqueando as pistas durante suas mobilizações, reinventando a cidade, mexendo diretamente no valor do capital que as paralisações em chão de fábrica, representantes da produção literal⁷⁸. As ações coletivas das ocupações urbanas ou do MTST apontam um trabalho organizado por um grupo heterogêneo, multidirecional capaz provocar fissuras na cidade capitalista, sua estratégia carrega uma “inovação democrática radicalmente fundada nas dimensões constitutivas de desejo e de liberdade coletiva, que somente os movimentos sabem produzir”. (NEGRI; COCCO, 2005, p. 54).

Para os que se incomodam com um Brasil colônia, Cocco aponta duas alternativas: nos tornarmos Norte ou apostarmos em um devir sul mundo. Considerando os relatos de precarização no Norte e o noedesevolvimentismo como uma alternativa que dá seguimento à produção de pobreza nas colônias, apenas invertendo o par opressor-oprimido nos resta recorrer àqueles que têm os modos de vida insurgentes como única alternativa. Apostar no devir sul do mundo significa aprender com os povos que preservaram a capacidade de ver a vida por outras óticas; povos de subjetividade coletiva ainda sensíveis ao saber-do-corpo, saberes estes constituídos na luta. Se nos falta linguagem para lidar com os problemas de uma realidade capitalista, então escutamos as

⁷⁸ Inspirados na fala de Giuseppe Cocco na conferência “Da fábrica à metrópole: resistências e governamento da vida”, evento do Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FJi1lfDyZ7o&t=13s>. Acesso em: 20 de dez. de 2021.

peessoas que mais perto chegaram de habitar os entre da cidade. Aprender com as lutas do MTST é também entender que “as palavras podem ter a mesma sequência de vogais e consoantes, e mesmo assim não serem as mesmas”. (BRUM, 2021, p. 84).

Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Que esperamos? O que nos espera? Esperar? Ao contrário, esperar! O futuro não está dado como linearidade que sucede o passado e o presente, condicionalmente. Sequer corresponde àquilo do qual esperamos, neutralizados pelo medo do incerto, deixando o presente escorrer pelas mãos e o passado reduzir-se ao leite derramado. Junto com os movimentos de ocupação, esperamos para agarrar algo no presente que nos permitam construir pontes, realizando as travessias com calma, sem desistir de recomeçar (do meio), sem desistir de viver. As práticas de luta e distribuição de terra nos levam a esperar com Paulo Freire para alcançar modos mais justos e coletivos de viver e educar:

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperança é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Esperança é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...” (FREIRE, 1992, s. p.).

Nos importa experimentar os afetos de *esperar* e *ocupar* de modo que as pessoas não sejam estreitadas, sempre permitindo novos espalhamentos. Esperar sem se conformar com o precário que aí está; ocupar uma vida de cão fazendo dela um espaço onde nos lançamos em busca de um viver bem, nos modificando e sendo modificados pelo território em movimento. Isso não significa aceitar as coisas como (supostamente) são, se aproxima mais da participação destas coisas, esperando *ou* ocupando o presente, em vista de danar um futuro intocado e previsível. Melhor dizendo, trata-se do futuro presentificado na esperança.

Ocupar; (des)territorializar; esperar, porque a realidade não está prescrita. O mundo é apenas um mundo inventado e nada está decidido, seja para a perdição ou para a salvação. E a vida nos dá a possibilidade de tecê-la como laboratório de mundos e possíveis, reconhecendo que “[...] há sempre um gesto de esperança que nos oferta possibilidade de uma história de vida, de uma existência e de um mundo com horizontes políticos mais éticos. Ainda não é noite o dia todo. Ainda há uma manhã para cada noite” (BLOCH, 1979, p. 470). Ainda é tempo de esperar na organização dos nossos espaços, ocupando a (pesquisa em) (Educação) Matemática, multiplicando a existência de outros modos junto com as ocupações.

ESPERANÇAR



Sem título - Bloco de Notas

Arquivo Editar Formatar Exibir Ajuda

George - Cara, os Sem-Teto pra mim são pessoas que... [pausa] não perdeu algumas esperanças né? Esperanças de ter uma vida melhor, tranquila, né? Esperança de não ter o seu filho envolvido com drogas, envolvido no tráfico né? São pessoas que o governo não ajuda, a prefeitura não ajuda, pessoas que só levam patadas, pessoas trabalhadeiras, porque o povo que tá aqui dentro é um povo que realmente trabalha, que realmente corre atrás e que luta (VIEIRA, 2017, p. 98).

Marilda - Minha irmã está na luta da moradia já tem nove anos. Eu falei pra ela que eu não sei se teria essa paciência e ela me falou: '- mas tem trinta anos que a gente está aqui em São Paulo sem ter moradia'. É verdade! Eu já fiz de tudo. Daí eu falei: '- quando tiver uma ocupação você me fala!' Aí no dia 14 [de junho de 2015] ela me ligou: '- amanhã vai ter festa [ocupação]!' Eu falei: '- Nossa, é pra ontem! Eu vou! Eu que não tenho medo de nada mesmo'. Aí fiz uma bolsa, coloquei cobertor, fiz mochila de lanche, garrafa de café e fui. Eu não via a hora de acontecer a ocupação. Eu queria ver como que era. E não chegava nunca a hora. A gente estava esperando dar meia noite. Todo mundo quieto. Aquilo pra mim estava um evento. O ônibus dava volta, dava volta, dava volta e chegamos. Aí todo mundo descendo, os caminhões com os feixes de bambu. Um portão assim estreitinho e todo mundo entrando [no terreno] com seu kit de bambu e lona. Pra mim, estava muito bom e divertido. É algo extraordinário que nunca tinha acontecido [comigo]. Todo mundo entrando naquele meio de mato, a minha irmã com medo de bicho. Aí foi aquela coisa toda e eu falei: '- E agora? O quê que acontece agora? Aí todo mundo quieto madrugada adentro, uns ajudando a montar os barracões pra gente dormir. Aí na madrugada a Nara [uma das coordenadoras do MTST] fez uma assembleia. O que me incentivou foi aquela assembleia. Precisa de ver que mulher forte. Que palavra que ela deu. Acho que era umas quatro horas da manhã e ela fez essa assembleia. Aquela fala dela... não sei se é eu que vi como especial pra mim, porque não era um homem que estava falando. Achei que era um homem, porque pra levar três ônibus e ocupar um terreno... Aí veio aquela voz daquela mulher na escuridão da noite. A mulher trazendo aquela força, que ela fala assim: '- Hoje, apesar...' Porque a polícia jogou bomba assim que nós entramos e a gente em vez de fugir ficou parado normal. Aí ela falava: '- apesar da recepção que nós tivemos por parte da polícia militar...' foi mais ou menos assim a palavra dela: '- ... a gente mostrou, vocês mostraram, nós mostramos a nossa força'.) (CARVALHO-SILVA, 2018, p. 130)

Ln 1, Col 1 100% Windows (CRLF) UTF-8

Nos abrimos às realidades das ocupações para fazer uma outra (Educação) Matemática sensível às práticas de luta por moradia digna. Colocamos a Matemática para variar suas variáveis, marchando calmamente pelas cidades enquanto esperamos em busca da produção de novos mundos. Abandonamos a essência das coisas para borrar os contornos que separam o saber sem-teto, as [M]matemáticaS e a vida. Onde, na metrópole, estão escondidas as matemáticaS comprometidas com o sul do mundo?

E onde entra a Etnomatemática nesta história?

Entre as décadas de 1970 e 1980 surgiu no Brasil a disposição em problematizar as raízes da Matemática e seu papel para a sociedade. Sinalizava um compromisso despertado pelo que o professor Ubiratan D'Ambrósio entendeu como uma das piores crises da Educação Matemática na história da humanidade: a visão única da Matemática, herança de uma cultura grega (CLARETO; MIARKA, 2020; DUARTE; TASCETTO, 2013). Em vista disso, os pesquisadores da época apostaram nas articulações entre Educação Matemática, cultura e sociedade como impulso para discutir a produção e transformação do conhecimento centrado no indivíduo e suas práticas constituidoras de realidade.

Desde então, junto com o desafio de pensar a sala de aula de Matemática marcada pela diversidade cultural, movimentou-se uma tentativa de desestabilizar um território com bases bastante codificadas. Se visto pela perspectiva d'ambrosiana, este movimento batizado de Etnomatemática carrega consigo o desejo de tensionar a (Educação) Matemática por meio da compreensão do comportamento humano através do duplo saber-fazer, e da demanda de respeito às raízes de um sujeito. Neste prisma, D'Ambrósio defende um ciclo vital que passaria pelos níveis “individual, coletivo, cultural e transcultural (D'AMBRÓSIO, 1986, p. 2), permitindo assim, um processo de síntese que reforça as próprias raízes epistemológicas de um, sem ignorar as raízes de outro.

Com o grito d'ambrosiano, a Etnomatemática foi ganhando maior visibilidade, o apreço de diversos pesquisadores brasileiros e outras configurações teóricas: abordagens pedagógicas, filosóficas, antropológicas; portas de entrada pela linguagem, estudos decoloniais, dentre outros.

Nada poderia ser mais claro nesta declaração que o reconhecimento da subordinação dos conteúdos programáticos à diversidade cultural. Igualmente, o reconhecimento de uma variedade de estilos de aprendizagem está implícito no apelo ao desenvolvimento de novas metodologias.

Essencialmente, essas considerações determinam uma enorme flexibilidade, tanto na seleção de conteúdos quanto na metodologia de ensino.

A abordagem a distintas formas de conhecer é a essência do Programa Etnomatemática. Na verdade, diferentemente do que sugere o nome, etnomatemática não é apenas o estudo de “matemáticas das diversas etnias”. Repetindo o que já escrevi em muitos trabalhos, inclusive em outras partes deste livro, para compor a palavra etnomatemática utilizei as raízes tica, matema e etno para significar que há várias maneiras, técnicas, habilidades (ticas) de explicar, de entender, de lidar e de conviver com (matema) distintos contextos naturais e socioeconômicos da realidade

reflete o que a sociedade espera que o compõem. Vou focar mais que a importância acadêmica. Os romanos nos legaram um modelo de organização. No mundo romano, o currículo que corresponde hoje é hoje o Ensino Fundamental compreendendo as disciplinas Gramática, Retórica e Dialética. O grande motivador desse currículo era a consolidação de Império Romano, dependente de um forte conceito de cidadania.

Em sua abrangência, a Etnomatemática, tal como ocorre com a Matemática, também é posta contra a parede: o que é? Qual sua essência? O que tem a ver com a Matemática? Descreve as formas de conhecer? Então descreve? Então conhece? Eu insisto: o que são? Como são? Por quê? Justifiquem-se! Não cessarei até que me respondam: o que? Como? Por quê? Aonde vamos chegar? O que? Como? Por quê? O que? Pode(ria) ser diferente? O que? Como? Por quê? O que? Como? Por quê?...

Espere. _____

_____ *O que?... Como?... Por quê?* _____

_____ *Espere mais um pouco.* _____

_____ *(acessando meu grau de esclarecimento)* _____

_____ *Quase...* _____

_____ *...é, não sei. Tantas perguntas ainda os deixarão loucos. Aliás, qual a semelhança entre um corvo e uma escrivainha?*

Nos acercamos da Etnomatemática sem querer nos comprometer com estas perguntas. Se a produção teórica do grande pesquisador Ubiratan nos afeta, é menos pelos alicerces que por suas provocações. Um pensamento tão poderoso não pode correr o risco de ser interpretado como uma forma de mecanizar a vida, isto o arruinaria. A vida ultrapassa os limites do conhecer pela solidez do mundo dos objetos.

Quando nos aproximamos do saber-fazer, ou melhor, das práticas⁷⁹ ~~socio~~culturais, tidas como um conjunto de ações, formas de organização ou procedimentos normativamente orientados, é com a finalidade de aprender com fazeres que engendram saberes com significação própria de seus praticantes; saberes vivos, em possibilidade de transformação. Todavia, não concerne à uma questão cultural: não nos encontramos com pessoas, antes ficamos à espreita das dobras no encontro com as coisas. Se dialogamos com os sem-teto não é por sua identidade, mas pelo seu trabalho, pela maneira como seu modo de lutar nos toca, nos comove. É por isso que até aqui rabiscamos a palavra

⁷⁹ Nos juntamos à Miguel, Vilela e Moura (2008, p. 27) para entender as práticas como “[...] conjunto intencional e organizado de ações físico-afetivo-intelectuais realizadas, em um tempo e espaço determinados, por um conjunto de indivíduos, sobre o mundo material e/ou humano e/ou institucional e/ou cultural, ações essas que, por serem sempre, em certa medida e por um certo período de tempo, valorizadas por determinados segmentos sociais, adquirem uma certa estabilidade e realizam-se com certa regularidade [...]”. Por outra forma, poderíamos falar em hábito, esse ciclo repetitivo, criativo, provisório, que consolida algumas ações e que ajudam a nos ambientarmos no mundo, produzindo subjetividade e forma de vida.

sociocultural⁸⁰, em uma tentativa de olhar mais para os processos de produção de subjetividade que para a cultura, isso porque Deleuze, quando faz filosofia trabalhando no micro, no átomo, nos faz dúvidas até mesmo dessa noção tão naturalizada:

Não acredito na cultura; acredito, de certo modo, em encontros. E não se têm encontros com pessoas. As pessoas acham que é com pessoas que se têm encontros. É terrível, isso faz parte da cultura, intelectuais que se encontram, essa sujeira de colóquios, essa infâmia, mas não se tem encontros com pessoas, e sim com coisas, com obras: encontro um quadro, encontro uma ária de música, uma música, assim entendo o que quer dizer um encontro. (PARNET, 2010, s. p.).

Damos destaque a maneira como os sem-teto se insinuam nas dobras da cidade. *Eles* [os sem-teto] *pensam, não se contentam em ~~surfar~~ [ocupar], eles pensam o que fazem*⁸¹. Posto isto, o encontro com as ocupações nos permite dobrar mais uma vez: que afetos são agitados quando a luta por moradia digna faz nosso corpo [[M]matemáticaS] variar. Nesta situação, aprender é um movimento não dialético de reunir problemas ressonantes. Um professor pela Matemática que por acaso conhece uma ocupação urbana, se pergunta por que isto nunca participou das jornadas escolares, nem mesmo se fez perceptível em seus processos de subjetividade. Inauguram-se aí, possibilidades de seguir a história.

Com isso, queremos dizer que quando flertamos com a Etnomatemática é entendendo que não há nada para ser interpretado nas práticas de ocupação. Nossa forma ~~de explicar, de entender~~, de lidar e conviver com as distintas realidades não querem chegar a uma conclusão: então assim é que se faz pesquisa em Etnomatemática ou é assim que o povo sem-teto vive. Quando dividimos experiências com o MTST é acreditando na nossa incapacidade de conhecer as coisas em totalidade:

De agora em diante, senhores filósofos, guardemo-nos bem contra a antiga, perigosa fábula conceitual que estabelece um “puro sujeito do conhecimento,

⁸⁰ E isto não exclui as potências que esta palavra-chave nos proporciona, em especial, para encontrar as teses e dissertações compostas com esta pesquisa.

⁸¹ Parnet (2010, s. p.). Em entrevista, Deleuze destaca sua preferência pelas variações do corpo afetado em detrimento das cansativas defesas de um ponto de vista: “Eles [os intelectuais] não viajam, se deslocam para falar, partem de um lugar onde falam e vão para outro para falar. E, mesmo no almoço, eles vão falar com os intelectuais do lugar. Não vão parar de falar. Não suporto falar, falar, falar, não suporto. Como me parece que a cultura está muito ligada à fala. Nesse sentido, odeio a cultura, não consigo suportá-la. Já os sufistas se insinuam nas dobras da natureza, tomam para si a tarefa de se habitar a dobra da onda. Nessa direção, Deleuze nos traz uma alternativa aos perigos das classificações em *etnos*, preferindo um deslocamento da noção de cultura para algo que vem antes: os agenciamentos extrapessoais que produzem subjetividades. Todavia, se quisermos manter a palavra cultura, podemos convidar Artaud para pensar conosco: “A palavra cultura [...] significa que a terra, o húmus profundo do homem, foi limpa. [...] Se a Europa vê a cultura como um verniz, é porque se esqueceu do que era a cultura nos tempos em que realmente existia” (ARTAUD, 1936, p. 232). Para o artista, a cultura é o cultivo da terra, engolida pelas forças na Terra. Ela está nos nervos, nos órgãos sensíveis e não nas classificações.

isento de vontade, alheio à dor e ao tempo”, guardemo-nos dos tentáculos de conceitos contraditórios como “razão pura”, “espiritualidade absoluta”, “conhecimento em si”; – tudo isso pede que se imagine um olho que não pode absolutamente ser imaginado, um olho voltado para nenhuma direção, no qual as forças ativas e interpretativas, as que fazem com que ver seja ver-algo, devem estar imobilizadas, ausentes; exige-se do olho, portanto, algo absurdo e sem sentido. Existe apenas uma visão perspectiva, apenas um “conhecer” perspectivo; e quanto mais afetos permitirmos falar sobre uma coisa, quanto mais olhos, diferentes olhos, soubermos utilizar para essa coisa, tanto mais completo será nosso “conceito” dela, nossa “objetividade”. (NIETZSCHE, 2009, p. 109).

Mais uma vez nos restam apenas os afetos e as afecções. Uma Etnomatemática opera com as técnicas ou habilidades de explicar, entender, lidar e conviver com as distintas realidades, pode também se ocupar de movimentos aberrantes; fazer a Etnomatemática funcionar de outras formas, recuperando a maneira pela qual os modos de se relacionar com o mundo de diferentes etnos nos afetam e nos colocam para produzir outras coisas, inclusive, outras etnomatemáticaS.

Está alguém apto a dizer como o pensamento deve funcionar? Supondo que não, é possível uma Etnomatemática contribuir com a área estabelecendo relações com a Matemática ocidental, o que de fato, é uma forma de ser afetado dentre muitas outras que podem emergir. Aliás, as forças no mundo não são contrárias às relações Matemáticas (tampouco decorrentes ou dependentes). O que para nós precisa ser frisado, é o rompimento com o simples respeito pela diversidade, trazendo de volta a (re)invenção; a queda das estruturas dominantes para creditar no discurso indireto sentidos ainda por vir; experimentados no entre das relações com o território singular de cada um.

Nosso esforço é de inventar etnomatemáticaS não lineares e não cumulativas, com outra espécie de relação com o tempo. Quando nos ocupamos de inventar problemas e eventualmente os resolver, não recorremos ao tempo cronológico para catalogar imagens do que aconteceu em determinado espaço, cultura e medida do tempo. Nos interessam mais as experiências de (re)começo; são os *instantes-já* que se abrem para nós através de uma afecção, propondo uma dobra, um novo mundo, imanente. Não há nada do lado de fora – transcendência -, as etnomatemáticaS ganham sentido por uma realidade determinada por ela mesma, configurada em pequenos blocos de instantes, contextualizados, com razões e conexões que marcam a sua existência.

[conhecimento] do indivíduo e da espécie [incorporada no código genético]. O comportamento se baseia em conhecimentos e ao mesmo tempo produz novo conhecimento. Essa simbiose de comportamento e conhecimento é o que denominamos instinto, que resolve a questão da sobrevivência do indivíduo e da espécie.

Na espécie humana, a questão da sobrevivência é acompanhada pela da transcendência: "aqui e agora" é ampliado para o "onde e quando". A espécie humana transcende espaço e tempo para além do imediato e do sensível. O presente se prolonga para o passado e o futuro, e o sensível se amplia para o remoto. O ser humano age em função de sua capacidade sensorial, que responde ao material [artefatos], e de sua imaginação, muitas vezes chamada criatividade, que responde ao abstrato [mentefatos].

A realidade material é o acúmulo de fatos e fenômenos acumulados desde o princípio. O que é o princípio, em espaço e tempo? Essa é a questão maior de todos os sistemas religiosos, filosóficos e científicos.

A realidade percebida por cada indivíduo da espécie humana é a realidade natural, acrescida da totalidade de artefatos e de mentefatos [experiências e pensares], acumulados por ele e pela espécie [cultura]. Essa realidade, através de mecanismos genéticos, sensoriais e de memória [conhecimento], informa cada indivíduo. Cada indivíduo processa essa informação, que define sua ação, resultando no seu comportamento e na geração de mais conhecimento. O acúmulo de conhecimentos compartilhados pelos indivíduos de um grupo tem como consequência compatibilizar o comportamento desses indivíduos e, acumulados, esses conhecimentos compartilhados e comportamentos compatibilizados constituem a cultura do grupo.

A dimensão histórica

Vivemos no momento o apogeu da ciência moderna, que é um sistema de conhecimento que se originou na bacia do Mediterrâneo, há cerca de 3.000 anos, e que se impôs a todo o planeta. Essa rápida evolução é um período pequeno em

*Brincamos de descobrir as formas das nuvens... mas é exatamente isso: uma brincadeira. É uma realidade que inventamos, nos permitimos mergulhar neste hiato sem a promessa de partir e a desculpa para ter que voltar. Brincamos, porque há de se brincar. As nuvens não têm forma, não têm dever, elas têm devir. Nuvens não se deixam prender por barreiras [...]*⁸².

Olhar para o céu sempre nos parece uma boa ideia. É olhando para o céu que desenhamos as nuvens, percebemos a luz das estrelas e lembramos que somos restos de um mundo bastante particular. Olhar o céu, daqui do chão, é uma das poucas coisas que ainda não foram monetarizadas, permitindo que a vida possa recorrer ao teto da Terra para deixar passar um pouco de infinito. Erguer os olhos para o alto requer um bom humor para brincar com o movimento das nuvens; convida para dançar com as (des)formações entre uma névem e outra, sem a busca por um pivô.

Mais adiante do sentido de sem-teto como aquele que luta por um teto em condições dignas para abrigá-lo, nos pegamos pensando se sem-teto não pode ser aquele que, por ser capaz de olhar para cima e ver o céu é também capaz de trazer um pouquinho de infinito para a cidade...? É movimento porque aprende dançando com a incerteza das nuvens? *As nuvens não se deixam prender por barreiras!* Tente enquadrá-las e elas ultrapassarão os moldes.

Nessa direção, em razão das partículas tão diminutas das nuvens, soltamos os pesados pivôs de uma Etnomatemática descritiva para agarrarmos em hastes que nos possibilitem dar suporte para os elementos encontrados no caminho. Se há uma descrição da qual faremos uso, ela não pretende nos dizer de que modo devemos ver a realidade. Para descrever a realidade tal como ela supostamente é, seria necessário um ponto de referência fora da história, capaz julgar seu rumo. Por isso, a história humana está toda dentro da história, e *uma* história só pode ser uma disputa *da* história. No nosso caso, também uma disputa das [M]matemáticaS? O que conta é o que se passa no meio, é um uso da descrição da luta sem-teto para sair da história e entrar na vida. Descrição que é antes transcrição: rastros de onde partimos nas práticas de ocupação e que nos impulsionam a compor com isso, produzindo devires.

Uma das hastes escolhidas para dizermos o que vemos, carrega signos distribuídos por uma cartilha. Imaginamos que as ocupações urbanas devem produzir tantas singularidades, ressignificadas em cada movimento, tornando difícil a representação de

⁸² (RAZÃO INDAEQUADA, s. d.)

qualquer experiência com completude. De qualquer forma, é com a *Cartilha de princípios do MTST*⁸³ que traremos um pouco do sul que orienta as práticas e saberes capazes de fazer funcionar uma ocupação e a vida que ali corre.

Com o modo de produção feudal, herdamos uma percepção da cidade que trata a terra como objeto de posse, como se essa parte do planeta fosse diferente da água e do ar, elementos de valor de uso imprescindíveis para a vida humana. Em resposta a esta distribuição de terra de forma assimétrica, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) se estrutura como coletivo que reivindica o direito à *cidade*, atribuindo outros sentidos a este conceito. Os militantes do movimento social entenderam que a própria reivindicação deste direito traduz a disputa de uma cidade que está em constante produção e por isso, apostam na construção coletiva de propostas de ação como alternativa aos modos de vida ou subjetivação já postos.

Confiante na força das ações coletivas, o MTST tem como horizonte um conjunto de *princípios*. Tais princípios propõem menos uma imagem determinista que um modo inicial de se contrapor à racionalidade neoliberal e seus imperativos do mercado. São mais, estratégias de organização que tensionam as relações de dominação e abrem possibilidades para espaços comuns a partir da própria feitura cotidiana do coletivo.

Sendo assim, na democracia sem-teto todos os cidadãos devem ter o direito de se posicionar na ocupação respeitando sua área de atuação (uma vez ajustada) e cumprindo com as responsabilidades a ela atribuída. Considera-se partícipe o militante que não

Fonte: Cartilha (2013, p. 7)

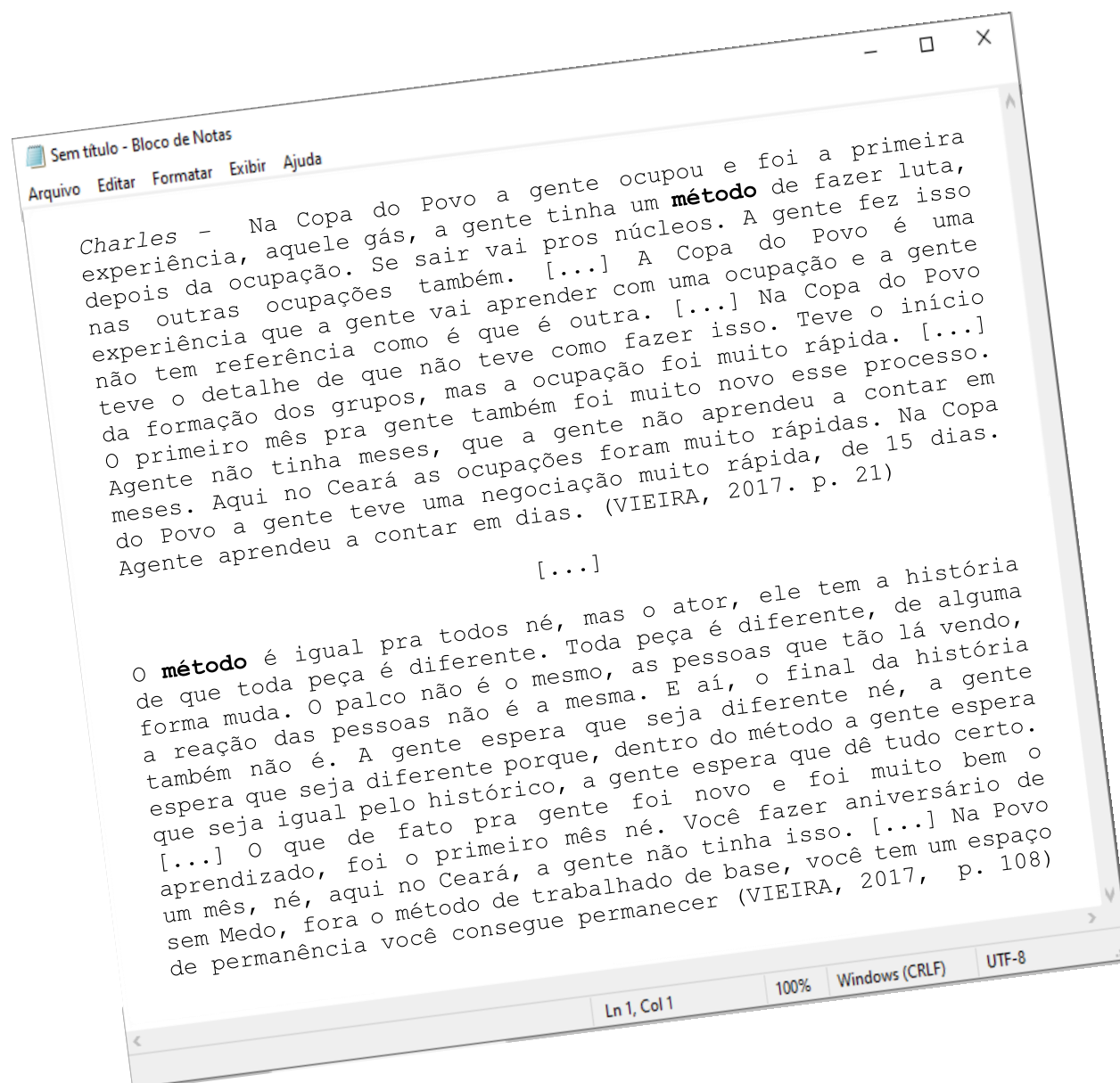
O que é um princípio?
 Em nossa vida temos muitas ideias e propostas. Algumas dão certo, outras não. E temos que ter a abertura de ver quando não dar certo e mudarmos. No MTST também é assim. Mas existem certas ideias que a caminhada do Movimento e a história de luta dos trabalhadores já mostraram que são muito importantes para nossa organização. Esses são nossos princípios. São ideias que não estamos dispostos a abrir mão, que são muito valiosas para nós.

⁸³ A Cartilha (2013) é fruto de um processo reflexivo que, a partir de 2005, fez dos erros do movimento uma oportunidade de reelaborar seu projeto político frente às contingências enfrentadas no período de 1997-2005.

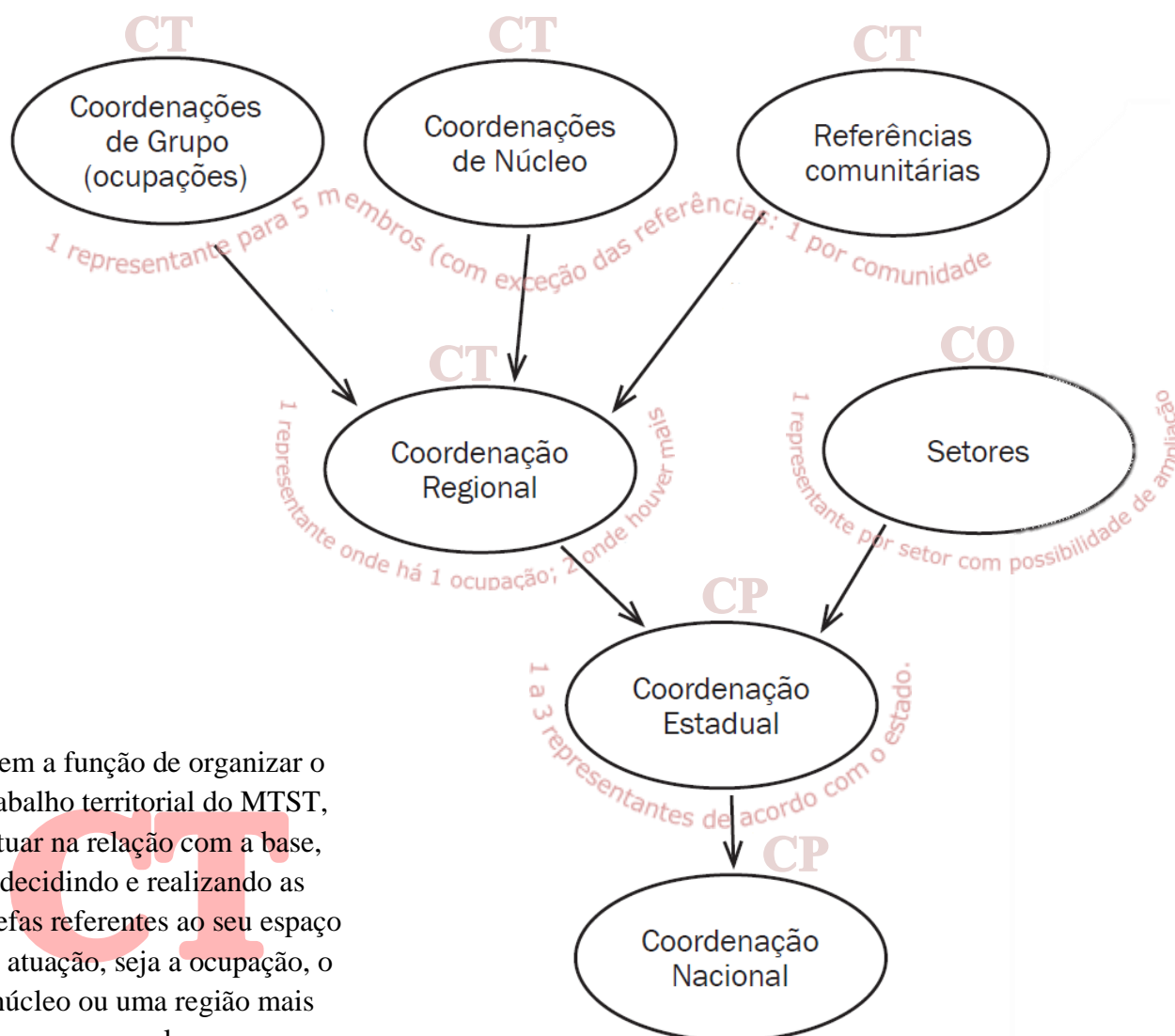
reproduz comportamentos opressivos, discriminatórios e individualistas e que, se compromete com alguma tarefa de construção nas decisões tomadas. Fica acordado entre os companheiros que as relações devem ser transparentes, a fim de evitar o desrespeito às diferenças e os divisionismos que, segundo a cartilha, frequentemente fragmentam os grupos políticos de esquerda.

Outro importante princípio é o de construção de poder popular. Com isso, o movimento social entende que as vias institucionais não asseguram providência alguma sobre a pauta da reforma urbana. É o trabalho coletivo quem confronta as soluções individualistas e a falta de perspectiva endossadas pelo capitalismo. Essa ideia de reapropriação do espaço e da discussão de soluções para problemas cotidianos, de dentro e fora das ocupações, é expressa nas decisões tomadas pelo MTST sem interferência do Estado ou qualquer outra organização. Nesse sentido, há uma aposta na formação política dos militantes enquanto processo de produção de um corpo em movimento contínuo para acompanhar os desafios da luta. De mais a mais, este segundo princípio diz respeito ao esforço para que esse coletivo esteja cada vez mais preparado para conduzir a luta por moradia digna segundo suas próprias vivências e estratégias de organização, o que não exclui alianças com outros movimentos populares, trabalhadores, sindicatos, igrejas, grupos culturais etc. que juntos possam unir forças para defender o mesmo objetivo.

A dinâmica política na ocupação está menos associada aos métodos [irredutíveis] e procedimentos estabelecidos a priori e se faz mais nas relações e experimentações vividas cotidianamente (EACHETTI, 2019, p. 279)



Na qualidade de disposição coletiva, o MTST sistematiza suas ações por meio da organização de três equipes de trabalhadores: os coletivos políticos [CP] (Coordenações Estaduais e Coordenação Nacional); os coletivos organizativos [CO] (Setores); e os coletivos territoriais [CT] (Coordenações de Acampamento, de Núcleos e Coordenações Regionais).



Tem a função de organizar o trabalho territorial do MTST, atuar na relação com a base, decidindo e realizando as tarefas referentes ao seu espaço de atuação, seja a ocupação, o núcleo ou uma região mais ampla.

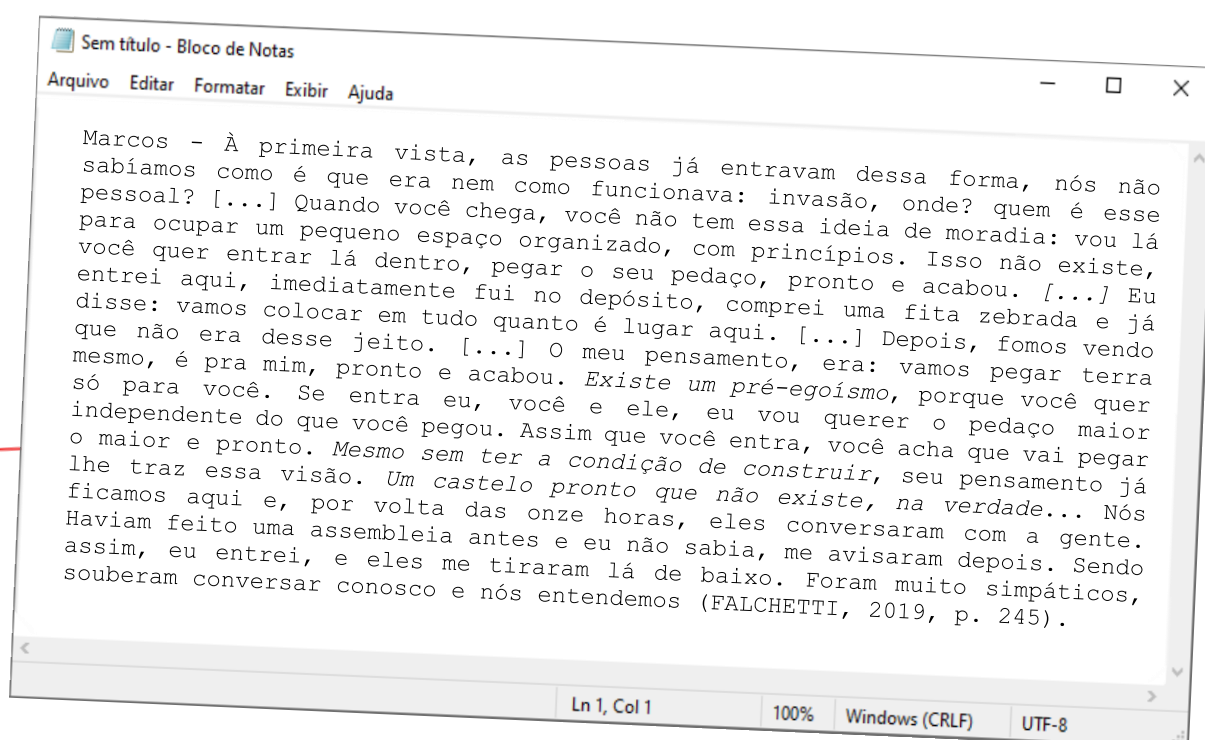
Tem a função de tomar as decisões políticas gerais do movimento, no estado ou no país.

Responsáveis pela

- Formação Política:** Formação dos militantes.
- Articulação:** Relação com o Estado e aliados.
- Organização:** Garantir o funcionamento coletivo.
- Segurança:** Autodefesa da organização.
- Autosustentação:** Desenvolver propostas de financiamento.
- Finanças:** Organização dos recursos e prestação de contas
- Comunicação e Simbolismo:** Canais de divulgação do MTST e pelo fortalecimento de identidades Simbólicas próprias.

A luta contra as múltiplas facetas da globalização capitalista e sua projeção de cidade deriva de práticas que não se encerram em si mesmas, ou seja, traçar uma perspectiva de solução coletiva para a *liberdade da cidade* não traduz um fazer isolado, mas ações que só se tornam factíveis pelas relações tecidas em comunidade. “A questão de que tipo de cidade queremos não pode ser divorciada do tipo de laços sociais, relação com a natureza, [Educação Matemática, escola,] estilos de vida, tecnologias e valores estéticos que desejamos” (HARVEY, 2012, p. 74), o que eleva a partilha territorial a um complexo de contradições. Sem mesmo sabermos como ou porque, coengendrados com a cidade, somos refeitos muitas vezes, carregando conosco marcas de territórios antigos misturados em um movimento de desterritorialização: compomos com uma cidade cheia de contradições como um processo natural de corações que lutam a partir de um inconsciente capitalista que se alimenta e é igualmente alimentado.

Tornar-se um militante sem-teto não significa apenas estar no movimento, mas colocar a si próprio em movimento. As tensões diárias de um coletivo junto da aquisição de práticas específicas da luta que dão a chance de reforçar, modificar ou recriar novos mundos. É através das ocupações que “o povo começa a perder o medo dos muros, das vidraças ou das catracas que são símbolos da segregação urbana. Nenhum muro, grade, vidraça ou catraca é obra da natureza. A ação coletiva coordenada tem a capacidade transpor essas barreiras”. (GONÇALVES, 2017, p. 87).



- Você quer entrar lá dentro, pegar o seu pedaço, pronto e acabou! Depois, fomos vendo que não era desse jeito...

E de que jeito era? Primeiro o movimento faz um mapeamento dos grandes terrenos que possuem dívidas com a União, Estado ou Município e que por isso estariam aptos às negociações. Este mapeamento também leva em consideração a localização dos terrenos, sendo relevante a história do bairro, as condições de manter e massificar uma ocupação e a possibilidade de interação⁸⁴ com a região e as forças que ali atuam (GOULART, 2011). Depois, no dia combinado, os militantes desta e de outras ocupações entram no terreno pela noite e começam a construção da infraestrutura⁸⁵: os barracos coletivos – central, de cadastro, as cozinhas distribuídas para cada grupo de moradores e banheiros – e posteriormente levantam os barracos por famílias.

Uma assembleia abre a comunicação explicando o modo de organização da ocupação e as responsabilidades intrínsecas a ela. Enquanto a ocupação estiver resistindo, permanece aberto o cadastro para novas famílias residentes da região e trabalhadores que vivem de favor ou sufocados pelo preço do aluguel. Este cadastro veta as pessoas que já tenham casa própria e pede aos demais os dados básicos para a inscrição em programas e políticas de assistência social federal. Uma questão importante é da representação do titular na luta: caso a pessoa cadastrada não possa comparecer às atividades da ocupação, fenômeno comum em razão das jornadas de trabalho, permite-se que um familiar possa representá-la (GONÇALVES, 2017).

O sistema de pontuação é mais uma das linhas de organização das ocupações. Através dele somam-se pontos por presença e participação. Por um lado, o sistema afasta os “andorinhas” – aqueles cadastrados pouco ou nada presentes na construção diária da ocupação – e por outro estabelece um critério de seleção para decidir quais famílias serão contempladas com os programas habitacionais. Nos casos em que os militantes conseguem um primeiro acordo com o governo, é comum que o número de participantes

⁸⁴ A este processo é dado o nome de *trabalho científico* (CARVALHO-SILVA, 2018). A “entrega de panfletos e esclarecimentos verbais que visam expor os problemas estruturais da questão da moradia aos habitantes das periferias urbanas, sobretudo, do entorno dos acampamentos, bem como lançar luz sobre a importância da luta coletiva no enfrentamento de problemas relativamente comuns à classe trabalhadora” (CARVALHO-SILVA, 2018, p. 134) é um dos meios pelo qual a ocupação ganha visibilidade. Enquanto a região conhece o trabalho da ocupação, os sem-teto vão conhecendo os anseios e a realidade dos seus vizinhos para que assim, juntos, possam *esperançar*.

⁸⁵ “Os serviços de água e luz são feitos clandestinamente, e a mobília é recolhida de descartes e doações. Nada é comercializado ou monetizado” (FALCHETTI, 2019, p. 247).

Ocupar Terra é questionar o que vale mais para a sociedade em que vivemos: a propriedade ou a vida?

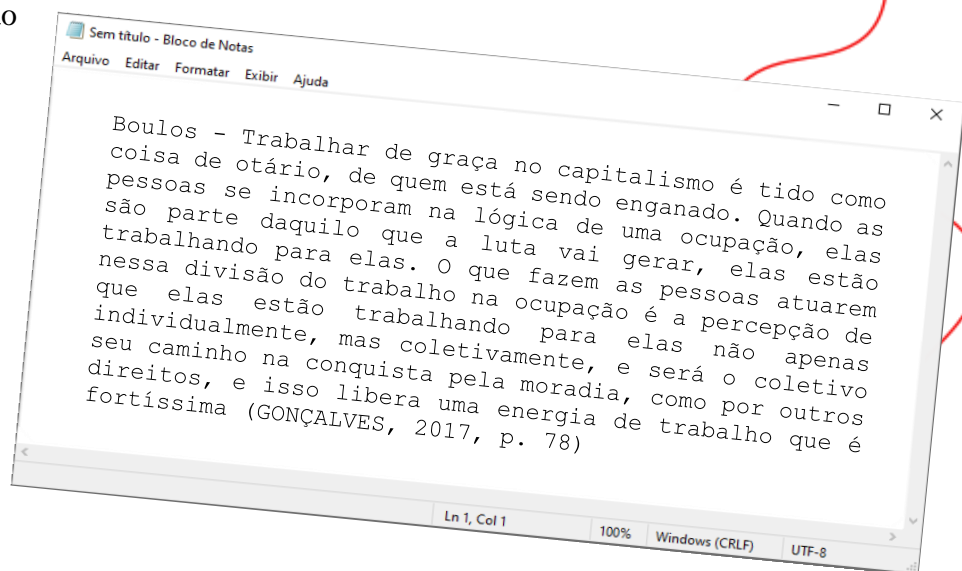
da ocupação seja superior ao número de beneficiados pelo programa, criando assim, a necessidade de um critério de escolha que coloque à frente os sem-teto mais ativos, mas também aqueles com piores condições de moradia.

Faz parte da organização interna tecidos de solidariedade onde circulam trocas, redes de apoio, partilha de saberes, de técnicas e mão de obra que vão se propagando e gerando aprendizagens entre os ocupantes. Se em partes o sentido de ajuda nas ocupações designa obrigação, responsabilidade ou engajamento, existem também outras nuances que revelam afetividade, o cuidado de si, do outro, do espaço e da própria luta. Para além dos processos de formação identitária, há um processo político de conexão afetiva que produz algo diferente das práticas egoístas.

A cozinha coletiva é mais um caminho para responder a problemas antes

tratados de maneira particular. O ato doméstico de cozinhar, geralmente desvalorizado em nossa sociedade, é tarefa que desfruta dos alimentos doados para nos permitir ver a cozinha como espaço gerador da vida; se as árvores dão suporte à nossa necessidade de ar, seus frutos são capazes de nos manter de pé, enérgicos, vigorosos. Nas palavras de Charlotte, a cozinha é o coração da ocupação, lugar de algumas reuniões, microarticulações, barraco onde o tempo rola entre a contação de uma história e outra..., “é uma coisa que tem que ter em toda ocupação, é igual uma árvore, que você precisa de sombra, porque tem que beber água, tem que se alimentar, porque tem várias crianças, vários idosos e a gente tem que cuidar deles”. (VIEIRA, 2017, p. 116).

Ali se dão limites estreitos do hábito. A cozinha é um dos espaços onde as mulheres desdobram outras performances. Com a participação feminina em massa, as cozinhas deixaram de ser estigmatizadas como um cômodo da tradição, conservador e passivo para representar uma das bases das ocupações. Cozinhar, no MTST, significa resistir à fome e desarticular as práticas machistas de dentro e fora das ocupações.





MTST 
@mtst



Nosso carinho e nossa gratidão a [instagram.com/o_acarajazz](https://www.instagram.com/o_acarajazz) pelos acarajés deliciosos!

Nosso rolê é socializar comida e moradia pra todos. Camarão tb. Quem gosta de ver pobre roendo osso é o Bolsonaro, contra quem estamos indo protestar hoje por estar causando... Fome! Vejam só.



No capitalismo, a comida representa um produto que tem como propósito a moção de lucros. Enquanto houver maneiras de fazer girar dinheiro, há a preocupação em ter disponíveis tecnologias capazes de superar a escassez. Mas a fome é uma questão de escassez de alimentos? Quando não é lucrativo alimentar as pessoas, somos permissivos com um sistema que deixa seres humanos morrerem de fome. Não falta comida para o povo; transborda uma humanidade que produz esta falta para justificar a sustentabilidade de uma máquina que sedentariza cada vez mais um mundo.



Se a estratégia do capitalismo é construir o uno, alicerçado por um imaginário que nos prende a um território que parece ser o único possível, o MTST *esperança* interferindo nestes territórios, perturbando o cultivo desejável da terra para fazer nascer outros frutos.

No domingo (21/11/2021) o movimento social promoveu uma “camarãozada” com centenas de moradores da ocupação Carolina Maria de Jesus, na Zona Leste de São Paulo. O evento foi organizado com um sabor de resistência e contestação à sequência de situações protagonizadas pelo povo pobre em contexto pandêmico no Brasil. Estas situações tratam de um pacote de desastres que reúne os 15 milhões de desempregados, as 19 milhões de pessoas passando fome⁸⁶, os problemas socioeconômicos pré-pandêmicos, intensificados pelas incertezas do benefício pelo auxílio emergencial⁸⁷, a redução nos valores oferecidos pelo programa e a dissonância entre o salário mínimo e alta inflação nos produtos básicos, na gasolina e no botijão de gás no país. Como resultado, vivenciamos um Brasil que estampa os jornais com ofertas de supermercados mercantilizando o que antes era tido como descarte, além das notícias sobre as filas em busca por ossos ou restos de comida em caminhões de lixo⁸⁸.

Sabendo que saco vazio não pára em pé, o MTST despeja o que está dentro do pacote de desastres para articular ações coletivas que possam intervir e encorajar intervenções nestas situações. A crise nos dá a possibilidade de revirar as coisas, mas é preciso cuidado: podemos esperar fazendo de outro modo, ao mesmo tempo que também é possível jogar com o desespero das pessoas, fortalecendo as políticas que nos trouxeram ao ponto crítico que chegamos. Em relação à volta da fome severa nas comunidades, periferias e ocupações, a resposta do MTST vai em direção à construção de uma outra rede de relações com o consumo e a produção de alimentos:

As pessoas estão vivendo sem ir para os templos de consumo, consumindo menos. Se isso gera uma queda bruta no capitalismo, também pode trazer novos valores, outra relação das pessoas com a terra, os alimentos e produtos. Já tem debates até mesmo sobre a economia doméstica, com a valorização dos

⁸⁶ (MTST, 2021, s. p.). Informações levantadas e expostas durante a ocupação da B3 Bolsa de Valores de São Paulo. O ato simbólico dos sem-teto destacou a desigualdade no país, especialmente durante a pandemia. O Brasil é o país com a segunda maior concentração de renda do mundo, perdendo apenas para o Qatar. Os números destacam que 10% da população detém 42,5% de riquezas, enquanto 40% do povo concentra apenas 10,4% da renda.

⁸⁷ O auxílio emergencial é um programa do governo federal brasileiro de renda mínima destinado à parcela da população mais vulnerável durante o período pandêmico.

⁸⁸ “Pessoas buscam ossos de carne na caçamba de descarte do Mercado, Centro de SP”. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/10/08/pessoas-buscam-ossos-de-carne-na-cacamba-de-descarte-do-mercadao-centro-de-sp.ghtml>.

trabalhos da casa, dos cuidados com os filhos, algo que nessa lógica da sociedade patriarcal sempre foi jogado para as mulheres. (FERREIRA; REINHOLZ, 2020, s. p.).

A Cozinha Solidária é a efetuação desta outra rede: uma campanha de solidariedade que arrecada alimentos para o preparo de marmitas destinadas à população mais afetada pela pandemia. Cozinhar, neste sentido, reforça a parceria com os movimentos sociais do campo e com os projetos de agricultura familiar, escancara os problemas da cidade, esvazia o valor simbólico de determinados “bens de consumo” e reinventa o próprio ato de cozinhar, trazendo uma relação com os ingredientes e com as pessoas que não é regida por receitas prontas, mas pela invenção de novos pratos, sabores e resistências.

Um episódio marcante que compõe com este cenário foi a refeição realizada em uma ocupação urbana na cidade de São Paulo, em comemoração à exibição do filme *Marighella*. No evento, os moradores da ocupação e artistas convidados se alimentaram de acarajé, prato popular dos pobres e pretos (especialmente no Nordeste) que leva o camarão seco como ingrediente⁸⁹. A partir disso, a foto de um dos artistas comendo camarão na ocupação causou polêmica nas redes sociais; as críticas incitadas por um deputado federal brasileiro faziam menção a uma suposta elite do movimento social, questionando o consumo dos ingredientes doados por apoiadores do MTST. Mesmo depois de esclarecido que se tratava da comida disponibilizada para todos no evento, a discussão ainda perdurou.

Em tempos pandêmicos, a Cozinha Solidária se organiza para tratar de outra forma o problema da “escassez de alimentos”. O que poderia separar as pessoas entre doadores e donatários prefere carregar uma atmosfera de festa, de comemoração, de partilha de alegrias e fortalecimento da luta das ocupações urbanas. Ainda que fossem outras espécies de camarões, com maiores valores aquisitivos, o que parece incomodar é a possibilidade de os moradores das ocupações desempenharem outro papel que não aquele do pobre, coitado, faminto, com práticas culinárias pré-determinadas. Como se as constantes contrações no estômago vazio não indicassem uma urgência que já perseguem aos mais pobres, os miseráveis querem roubar até os pequenos momentos de dignidade? "Esse

⁸⁹ Para entendermos o episódio é necessário fazer esta diferenciação: o camarão seco, comida popular e base de muitas receitas da culinária de terreiro é diferente de outras espécies de camarões com custos mais altos.

pensamento de que pobre tem que ir pra fila do osso é genocida"⁹⁰. Onde estavam estes críticos quando milhares de brasileiros foram obrigados a substituir o consumo de carnes por ossos? Ocupar ou cozinhar à brasileira é saber que a fome vai e vem, mas que o direito de saciá-la tem que ficar.

Em um movimento que tensiona a todas estas questões, os militantes sem-teto insistem em desterritorializar esta cidade reservada para os mais pobres. Em um plano que visita sem homogeneizar, e se emparelha com as lutas (macro)políticas por moradias dignas, as microagitações são surpreendentemente potentes para, ao menos, trincar os edifícios. A camarãozada do dia 21 aconteceu como um grito de quem tinha a necessidade de dizer que o povo pode e deve comer comida boa. A “simples” ação coletiva que traz o camarão para a ocupação Carolina Maria de Jesus se alimentar, rompe com determinada realidade e coloca até o mais reacionário estranhar seus territórios, abrindo caminhos para duvidar do conforto de sua cidade. Colocam-se as realidades por um fio; em movimentos suaves e não tão suaves, diversas intensidades vão sugerindo uma iminente transformação.

Assim como a camarãozada, muitas das disputas levantadas pelo MTST demarcam “a destruição de símbolos, marcos históricos, identidades, quanto concreto, material político e/ou econômico, pela destruição de antigos laços/fronteiras econômico-políticas de integração” (HAESBAERT, 2003, p. 181), produzindo outras maneiras de estar no mundo que nos interessam por nos dar a chance de pensar outras (Educações) matemáticas. Isso significa que as ocupações participam de processos não ordenados de movimentação entre territórios existenciais; não são fases, são ênfases. São processos de desterritorialização, territorialização e reterritorialização, não necessariamente nesta ordem.

Hoje a ocupação como tá quase no fim, tem menos morador. Não tá como no começo que era um enxame, parecia um formigueiro era gente pra todo lado. Não tá mais assim. Tá mais calmo, mais tranquilo. Tá só os moradores mesmo. Tá parado, mas tá andando. Quando a gente vê que o acampamento tá triste, a gente inventa logo uma brincadeira. Começa todo mundo a correr no meio da ocupação. É guerra de água, é garrafão, esconde-esconde, é pau na lata. Toda a vida a gente inventa uma brincadeira diferente⁹¹.

⁹⁰ Palavras de Claudia Garcez, coordenadora estadual do MTST. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/11/apos-polemica-mtst-organiza-novo-almoco-com-camarao-para-moradores-de-ocupacao-em-sp.shtml>.

⁹¹ Vieira (2017, p. 129).

Estamos falando de *ritornelos*! (DELEUZE; GUATTARI, 1997a). Este é um conceito roubado da música para mapear os ritmos que marcam um território. Na música o ritornelo aparece para retornar um trecho da partitura, ciente de que esta repetição vai sofrer desvios e diferenças. O ritornelo aponta, ao mesmo tempo, para a possibilidade de fuga de um território, abrindo-se para novos encontros e para um retornar para casa, carregando consigo as experimentações vividas. E não é isso que podemos enxergar nas camarãozadas? A fuga de um projeto de cidade excludente convida para uma viagem ou experimentação de outras formas de lidar com a vida em comunidade, colocando em xeque os ideais capitalistas. Eventualmente todos retornam para casa, agora com a sensação de que, em decorrência da viagem, já não há classificação entre estrangeiro e autóctone que os coloque em relação com o território “inicial”. Depois de passar pelas problematizações das ocupações urbanas, já não se retorna à cidade com as mesmas tensões. Ora se sai do caos para constituir um agenciamento. Encontra-se um centro frágil para suportar o caos; ora se organiza um território em torno deste centro; ora se afasta do centro “inicial” em busca de novos encontros.

Agora, enfim, entreabrimos o círculo, nós o abrimos, deixamos alguém entrar, chamamos alguém, ou então nós mesmos vamos para fora, nos lançamos. Como se o próprio círculo tendesse a abrir-se para um futuro, em função das forças em obra que ele abriga. E dessa vez é para ir ao encontro de forças do futuro, forças cósmicas. Lançamo-nos, arriscamos uma improvisação. Mas improvisar é ir de encontro ao Mundo, ou confundir-se com ele. Saimos de casa no fio de uma cançãozinha. Nas linhas motoras, gestuais, sonoras que marcam o percurso costumeiro de uma criança, exertam-se ou se põe a germinar “linhas de errância”, com volteiros, nós, velocidades, movimentos, gestos e sonoridades diferentes. (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 123).

Nesse contexto, a vida passa por diversos movimentos de desterritorialização e reterritorialização, quer dizer, por vezes passamos de um território a outro; abandonamos um território e voltamos a ele com um plano de expansão. Mas é importante destacar que o ritornelo é uma ferramenta que nos ajuda a pensar as “práticas sociais e na construção de um efetivo projeto político de libertação dos desejos, dos corpos, da arte, da criação e da produção da subjetividade” (HAESBAERT; BRUCE, 2002, p. 11), para além do bem e do mal. Isso significa que não estamos distribuindo papéis; ainda que as desterritorializações trazidas nesta dissertação reportem bons resultados para a luta por moradia digna, não podemos reduzir a (re)territorialização como um mal personificado e a desterritorialização dedicada ao bem, pelo bem, ou vice-versa. Nem tudo na máquina capitalista, por exemplo, é estratificação. Esta máquina é uma super aprendiz que opera não só com códigos, mas como um paciente observador dos movimentos de desformar

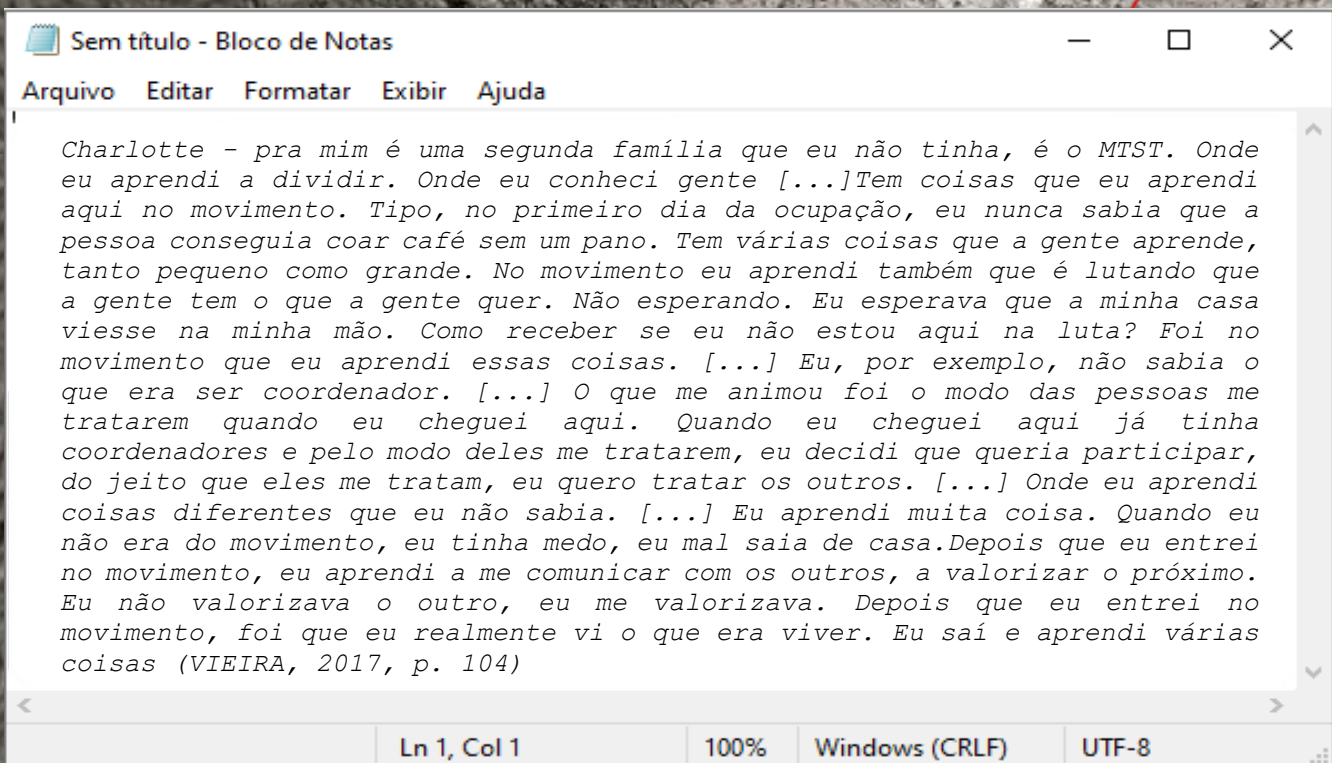
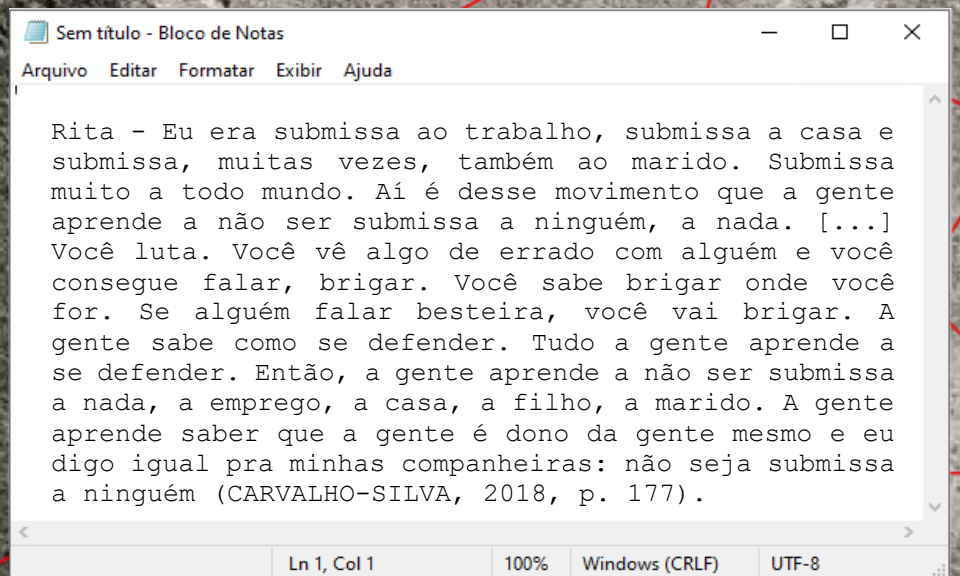
do desejo para que lá na frente seja possível capturá-lo. Se o desejo é eficiente na produção do novo, é fundamental mapear seus passos para inaugurar a nova forma autorizada de ser.

(Des)territorializar acontece dentro de um emaranhado que (des)constrói discursos que estabilizam e desestabilizam realidades. Um pensamento ou uma concepção de mundo se forma por componentes de diferentes ordens – humanas e não humanas – enquanto a gente monta uma cadeia de atrações para chamar de lógica. Não se quer separar duas linhas, mesmo porque o que está em jogo envolve uma infinidade de forças.

Em síntese, podemos dizer que, aprender com as desterritorializações provocadas pelas ações coletivas do movimento social é também traçar outros territórios para a (Educação) Matemática. Pensar ritornelos agitados quando saímos da Grécia e visitamos o Brasil nas realidades extremas das ocupações urbanas. A (Educação) Matemática pode ser movimento, basta ocupá-la com os problemas que ainda reverberam no corpo: ela é terra que toma a forma de quem a habita. As suas [M]matemáticaS pode fazer alguém chorar, mas as [M]matemáticaS de uma outra pessoa pode fazer alguém rir e é aí que está a beleza da criação. Pode um professor pelas [M]matemáticaS abrir as malas em sala de aula, expandir a vida com as aprendizagens coletivas com o povo sem-teto e assim se tornar atrator de afetos que não dizem mais sobre a escola, a Matemática ou as ocupações urbanas. Entra o desejo para produzir verdades que estilhaçam a disciplinaridade.

E aonde se quer chegar? Estamos preparados? **Educa-se para quê?**

[...] Élio me explicou que sozinho ele só conta como um. E aquele que só conta como um, não conta, em mais de um sentido. Para contar, de novo em mais de um sentido, é preciso ser com outro: "Eu, sozinho, não consigo nada. Mas, se eu for ali e chamar mais um, vai ser eu e mais um. Ai, esse um chama mais. E aí já é eu mais um mais um... mais...". A formação político-poética eu+1+ tornou-se equação da resistência em movimentos Brasil afora nos anos que se seguiram (Braum, 2021, p. 271).



Anexo ou puxadinho

Você tá precisando de conselho e daí começa a aconselhar, porque percebe que a vida das pessoas é mais difícil que a sua. Fui sendo contaminada pelo povo, por suas histórias. Fui me encontrando lá. Fui percebendo que todos tinham que comer antes pra depois os coordenadores comerem. Aprendi o que era sarau, teatro. [...] aquelas crianças pequenas na militância. Eu chorava. Fui me envolvendo naquilo tudo e quando vi já tava um ano e meio morando na ocupação naquela ocupação
(CARVALHO-SILVA, 2018, p. 174).

Anexo

Pós-Graduação em demonstração. *Quod erat demonstrandum*. Mas nós nem queríamos demonstrar nada! Além do mais, qualquer um com um pouco mais de experiência ou minimamente corajoso é capaz de nos pegar no pulo. Escrita impertinente [mas não entediante, esperamos] provocadora da pergunta que mais temos ranço: “mas o que isso tem a ver?”. Nada, não tem nada a ver. O que querem dizer com isso?

Estas cento e tantas páginas apresentadas ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar, na realidade, é um amontoado de questões que tem nos atravessado nestes últimos anos. Às vezes usando as célebres palavras de alguns nomes famosos, outras vezes as vozes de um povo do futuro. Nós aparecemos entre uma voz e outra, buscando carregar tudo que pudermos lembrar para o grande dia da defesa. Ainda não sabemos o tamanho do dia [ou a intensidade?], a expectativa é que algo deste documento possa tirar algum professor do sério; seria neste instante que a dissertação começaria?

A prova com toda certeza já começou. Temos sido rigorosos avaliadores. Mesmo sendo essa história de se tornar pesquisador bastante cansativo [e não mãe, não precisa conversar com o editor da revista para adiar a data de publicação], ela nos permite testar nossos limites. E isso não tem nada a ver com nossos limites financeiros, embora também tenha. Não perguntamos pela relação entre educadores matemáticos e sem-teto, tornamos-nos sem-teto para que os sem-teto também se tornem outra coisa. Não há nada a ser comprovado, a prova é processo de transmutação.

Anexo @

Golpe de 2016 e PEC do fim do mundo⁹²: os alunos não deixarão passar. Convoquem o centro acadêmico dos cursos e vamos parar a universidade! Cadeados para os portões dos prédios das salas de aulas e piquete para aqueles que defendem a ordem conhecida.

- Vocês não podem prejudicar a nossa formação, gritavam alguns. A greve é direito de vocês, desde que não atrapalhem aqueles que querem estudar.

Havia até um e-mail circulando pelos correios dos alunos; uma *doída* contestava o professor de uma dessas milhares de disciplinas que cursávamos:

- Vocês estão furando a greve! Não conseguem ver como isso é individualista? E você professor, está sendo conivente com isso. Vocês deveriam se sentir envergonhados!

A Matemática não vai parar. Daremos um jeito: vai ter aula dentro do departamento. Aula para aqueles alunos que querem, greve para aqueles que sentem urgência [ainda hoje nos perguntamos se era uma questão de perceber ou não a urgência...]. Depois retomamos com o segundo grupo.

Estávamos salvos, a “democracia” havia sido restaurada.

Nossa memória achou que seria adequado entrar em cena e sondar neste trecho. Trouxe para o presente algo da recordação que quer se tornar pensamento. Mais que encerrar essa discussão respondendo qual grupo estaria certo ou errado, ou pior, elencando os motivos pelos quais alguém deveria optar por esta ou aquela postura, preferimos estender a conversa, dispostos a deslocar o simplismo para pensar quais desejos bifurcam em tais decisões.

Especialmente na última década, a universidade tem se tornado cada vez mais diversa, o que, naturalmente, teria potencial para multiplicar os modos de pensar de seus integrantes ou, sendo pessimista, enriquecedor para as estratégias de captura do desejo. Assim, não seria surpreendente perceber que as maneiras de lidar com a política seguem por diferentes caminhos, nem sempre os mais desejáveis, dependendo do ponto de vista. Há quem seja rico, há quem seja pobre. Há quem estuda política, há que não estuda (política) e também quem acredite não estar nada vinculado a política. Tem gente bem

⁹² Nome popular para a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que, sob o argumento da crise econômica, congela os gastos públicos pelo período de 20 anos.

informada, gente bem informada no que quer e gente muito bem informada em tudo, sem que isso signifique nada.

Talvez por isso a transição do outono para o inverno de 2016 tenha sido debaixo de um clima um tanto tropical. Cada um agarrava um sentido para aquele monte de intervenções na universidade. Rodas de conversa, palestras, filmes, e... aulas [nem todas elaborando o fatídico acontecimento] - uma intervenção interessante.

Conhecemos aqueles que hoje poderíamos chamar de “videntes”, por efeito das previsões das privatizações, dos cortes de bolsas, das reduções de verbas, do fechamento de universidades, dos ataques aos cursos de artes, licenciaturas e ciências humanas, das formas de negacionismo, da reforma da previdência, dos avanços do conservadorismo etc. Conduta legítima que também apresentava nuances: partidários e não partidários, dos mais estadistas aos mais anarquistas. Um imaginário preocupado com os rumos da ciência, da universidade, da vida em coletividade, da democracia, da “liberdade” e da sobrevivência do outro por vezes rechaçado pela elitista universidade pública. Igualmente, memoramos uma vida universitária cansativa, complementar às horas de trabalho nas madrugadas servindo sanduíches nas lanchonetes. Formaturas? Já fizemos muitas, as festas dos cursos de medicina e engenharia eram as mais caras [para alguns, as mais refinadas]. Cansativa não só fisicamente, as listas de exercícios eram infundáveis e com más notas não dá pra ter moral nenhuma dentro do departamento [Epa! Talvez tenha sido neste exato momento que negociamos isso tudo...]. Será que vai dar tempo de cozinhar ou vamos ter que pedir comida de novo? Pouco a pouco as diferenças eram tão apertadas que não restavam dúvidas de que ninguém poderia continuar a ser o mesmo, tampouco ser um outro ainda não reconhecido.

Mas é preciso dizer que nem tudo são dores, o percurso pode ser agri-doce. É possível apaixonar-se, entristecer-se, amadurecer. Encontram-se dores e amores. Nos primeiros meses do ano, o cheiro de gente preenchendo cada espaço na universidade não esconde a variedade de possibilidades de ser. Lembrar de tantas pessoas juntas, reunidas dentro e fora do ginásio de esportes ainda nos arreperia. Nem sempre era questão de articulação (macro)política, não diretamente.



Fonte: <https://www.radio.ufscar.br/noticias-ufscar/em-noite-historica-estudantes-da-ufscar-paralisam-atividades/>.

A mesma universidade que nos convida a pensar também adota ritmos bastante controversos. Tem dias que junto da metrópole, produz um só som. Será por isso que inventaram o termo “cidade universitária”? Acontece que fora da sala de aula [e porque não dentro?] tinha gente que queria viver a vida. Isso sim era bastante urgente.

Essa é uma das coisas que aprendemos com J.B., da ocupação Nova Palestina: as coisas acontecem por necessidade, o que retira um pouco o peso de imaginar como poderia ter sido o presente se o passado fosse outro. Há um certo determinismo nisso: são os afetos do instante que criam a realidade, e decerto, estes afetos não poderiam ter sido outros.

É muito da necessidade mesmo... O mundo, a vida é tão conturbada que o momento que você tem para descansar a cabeça, você não quer saber que o governo está tirando os seus direitos, você não quer ouvir falar de política. Porque você está sentido tudo isso na pele, então você quer descanso, ligar na rede Globo e assistir à novela, sabe... ter seus filhos lá com a barriguinha cheia por um dia. Viver um dia de cada vez e pronto, já está bom. Deixar os problemas para amanhã... É meio complicado essa coisa de trazer as pessoas para a luz da consciência, porque a consciência é dura, dolorida, traz depressão. Muitas vezes eu acordo de manhã, ligo a TV e desligo a TV, abro e Facebook e fecho o Facebook, e abro e fecho o zap. Eu penso: gente eu vou parar! Você consegue um avanço de um passo e retrocede quinze! Então, o que é melhor? Viver na cegueira ou ver? Às vezes, a gente se questiona, será que é pior para mim, é pior para você ou é pior para o outro ali? A gente se revolta muito, a gente se indigna mais, se indigna com você, com o outro. Às vezes, eu desejo uma vida comum, casa, trabalho. [...] Dá para ver que as pessoas tentam ser felizes dessa forma, porque ficar encarando a realidade todo dia não dá. *O imediato é mais fácil*. Por isso, às vezes, é muito mais fácil para as pessoas investir 50 reais por mês na carteirinha de uma associação e morar 6 meses dentro de uma ocupação e depois ir para outra e outra, e outra, do que elas investirem numa luta diária igual a nossa para ter algo definido lá no futuro, porque *o futuro é muito incerto*. O imediato traz um conforto que eu não tenho. (J.B., militante do MTST/coordenadora da ocupação Nova Palestina, conversa registrada pela autora em 13 de abril de 2018). (FALCHETTI, 2019, p. 273).

Uma ação política ou um modo de vida ganha sentido necessariamente em instâncias micropolíticas. Não é pela (não) consciência que (não) se quer ter aulas durante a greve. É pela necessidade. É através daquilo que atravessa o corpo que nos unimos a uma luta, mesmo que este atravessamento seja feito sob encomenda.

Enquanto não acompanhamos uma demanda da vida em transformação ativa e à medida em que o conservadorismo avança, um projeto bem articulado se cumpre. A “vida metropolitana” ocupa espaço, reduz nossas necessidades à um núcleo de preocupações, sendo parte delas inventadas pelo neoliberalismo, postas em vigor pelas mãos de um grupo de narcisistas neoconservadores que ao retornarem ao poder, realimentam “sua

autoimagem de machos valentões que eles exibem como se trouxessem na lapela arcaicos e ridículos brasões” (ROLNIK, 2019, p. 149).

Encadeado ao projeto de instalação de um Estado neoliberal no Brasil, interessado em desobstruir as passagens para a livre circulação e multiplicação dos dispositivos capitalistas, criam-se demandas apelativas: a crise da economia como anormalidade ou irresponsabilidade, a insegurança e os “absurdos” contra a moral e os bons costumes. Para fazer cair as conquistas democráticas e republicanas, tal como seus protagonistas, tem-se o apoio da mídia hegemônica e das grandes empresas no movimento de demonização da esquerda. Posteriormente, embasados na “novidade” das denúncias de corrupção durante o mandato presidencial do Partido dos Trabalhadores (PT), constrói-se um imaginário de perversão da política, defende-se a despolitização da sociedade “[...] para que esta deixe de depositar a garantia da defesa de seus direitos civis em sua participação nas instituições democráticas, uma vez que estas passaram a ser vistas como intrinsecamente ligadas à corrupção, nas quais todos, indiscriminadamente, são ladrões, “farinha do mesmo saco” [...]. (ROLNIK, 2019, p. 178).

Falando em necessidade, aqui se faz urgente um parêntese. Mesmo em meio a todas as contradições, tornar-se sem-teto significa estar aberto para sucessivas contestações, questionando os próprios meios de atuação e principalmente as decisões tomadas pelos nossos representantes políticos. Na Revolução dos Bichos, é indesejável a presença do porco [animais representados pela sátira da Revolução Russa como aqueles que “dirigem o processo revolucionário na granja mas que aos poucos vão ocupando as mesmas posições que os humanos tinham, se utilizando dos outros animais a fim de suprirem seus interesses” (GIAQUINTO, 2016, p. 149)]. Com isso, apesar do PT representar um partido com maior abertura progressista dentre os grupos eleitos nas últimas décadas, não é sem os contrassensos que enxergamos o partido. Não falha à memória os esquemas e acordões feitos sob os olhos do governo de 2002 a 2016; sequer esquecemos as negociações do tipo morde e assopra, que facilitaram a especulação imobiliária e que “resolveram” a luta contra a pobreza a partir do defendido direito de consumo. Consumir é muito pouco, o que se quer é escapar das garras desse modo de existência que tem como ponto de partida o verbo comprar.

O Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) não significa uma simples resposta às reclamações dos movimentos (sociais) urbanos a respeito do direito de moradia digna e a questão fundiária de terra, efetivamente, o programa reduz, numa

tacada só, as discussões sobre os conflitos de terra urbana e os concilia às políticas de incentivo à iniciativa privada. Responde à produção habitacional proliferando as desigualdades socioterritoriais no Brasil, isto porque

Entregando ao mercado as formas de resolução dos problemas habitacionais, o Estado torna-se o responsável apenas pela garantia de que os empreendimentos tenham a qualidade mínima exigida pelo programa. Sem nenhum tipo de regulamentação quanto as localidades específicas que essas construções devem ocupar, as construtoras passam a se valer da própria lógica especulativa da cidade como meio de garantir um estado “ótimo” de produção para o mercado. Isto é, a garantia do pagamento a partir do valor máximo das unidades (garantidos, em grande medida, pelo subsídio do governo ao comprador) e o menor gasto possível na construção das unidades (comprando terrenos com pouca infraestrutura e reduzindo a qualidade da produção), fatores que juntos, aumentam a margem de lucro da construtora (GIAQUINTO, 2016, p. 86).

Não são facilmente apagadas as milhares de reintegração de posse e expulsão de vilas de seus territórios em função dos projetos da Copa do Mundo de 2014, violando por diferentes vias os Direitos Humanos; o Pacto Internacional sobre os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais; a Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial; a Constituição Federal; a Convenção sobre os Direitos das Crianças e o Estatuto da Cidade (ARTICULAÇÃO, 2014). Entre 2006 e 2007 foi dada a partida. O Brasil seria assediado para a Copa do Mundo. De 2007 à 2014 o povo [pobre] seria personagem principal desta trama; antes que pudessem recusar o convite, foram escalados para uma espécie de seleção. Quem vai? Quem fica? Todos vão! Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Brasília, Curitiba, Salvador, Recife, Natal, Fortaleza, Manaus e Cuiabá são as cidades escolhidas para grandes projetos urbanos com impactos econômicos, fundiários, urbanísticos, ambientais e sociais; são investimentos bilionários, generosos nas isenções fiscais, que visam desocupar as áreas centrais, otimizando os ganhos imobiliários privados, permitindo crimes ambientais e direcionando gastos públicos para áreas já privilegiadas da cidade. Como resultado, fecham-se os olhos para inúmeras famílias que “levaram mais de uma década construindo suas moradias e constituindo laços de pertencimento à vizinhança e instituições religiosas, além de viver próximo ao local de trabalho” (ARTICULAÇÃO, 2014, p. 22).

Fechamos o parêntese, estabelecendo que, obviamente, o problema não está na crítica ao PT, todavia nos interesses que levam um seletivo grupo de bilionários a manipular a imagem petista [seguido do desprezo pela esquerda, pelos movimentos sociais e pelas “minorias” nem sempre de fácil encaixe nas categoria de classe]: constrói-se a descrença

na política para depois, à sombra farsante da defesa à democracia, tornar o Estado um vilão que precisa ser reestruturado segundo a agenda neoliberal.

E nos parece que as relações são mais costuradas pelos desejos do que estamos habituados a considerar. O Brasil de 2018 quis o bolsonarismo e muitos dos cursos de exatas queriam furar as greves de 2016 na universidade. Não se trata de uma comparação entre eventos e comportamentos, mas de um emaranhado que envolve estas e outras situações, delicadamente conectadas pela des-esperança.

- Primeiro a gente ~~tira a Dilma~~ se forma, depois arrumamos um emprego e lidamos com todo o resto.

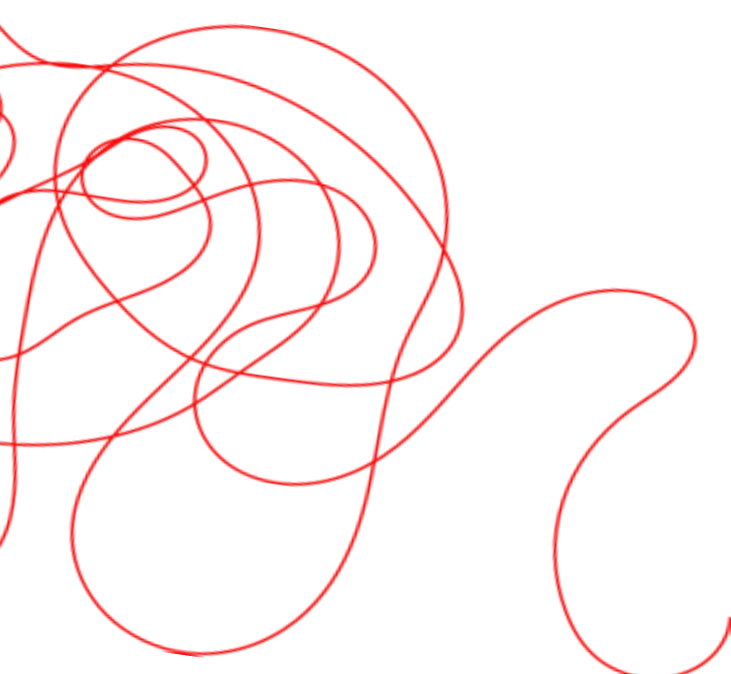
Este discurso não pode ser resumido em pura escolha pelo individualismo, menos ainda se isenta do exercício do poder. Nada mais representa que uma necessidade. Vivemos um período de sofisticadas estratégias de guerra e as universidades são frequentemente intimidadas para servir ao programa econômico. Por vezes, o espaço do pensamento é cedido para a produtividade, como sintoma da precarização. Substituem-se as pausas para amadurecer uma ideia pela ansiedade de sobrevivência: passar pela universidade deixa de ser um processo para se transformar em um vetor que impulsiona em direção do sucesso. Novamente, o que fazemos não concerne a um juízo de valor, jamais condenaríamos o pobre que deseja sair da miséria financeira.

O mercado de trabalho se faz um alvo rapidamente, o que é bastante compatível com os discursos da “Matemática sem partido” [também fique à vontade para inserir aqui um curso de engenharia]. Uma Matemática hipoteticamente apolítica transita pelas instituições sem se perguntar a quem serve, como serve, nem a que se presta. Se pensarmos nos cursos de formação de professores, temos consequências até mais diretas: uma Educação Matemática empenhada no fortalecimento de cenários para a acumulação de capital (econômico, político, cultural e narcísico). No lugar do novo, da potência de inventar futuro, inflamado pelo espaços políticos disputados pelas “minorias”, produz-se uma subjetividade apática à realidade imposta, reprodutora das condições já dadas. Se alguma criatividade acontece é no campo da manutenção do consumo, “o que se produz (criativamente e cada vez mais velozmente) são “novidades”, as quais multiplicam as oportunidades para os investimentos de capital e excitam a vontade de consumo” (ROLNIK, 2019, p. 164).

Nessa direção, cabe a observação de Tadeu, funcionário de uma escola que recebe alunos sem-teto e que convive com os obstáculos de pensar uma formação aberta a construir possíveis:

[...] por mais que você tente avançar, tem sempre coisas que ficam a desejar. Por exemplo, como que se pensa em um currículo que assegure isso tudo que se coloca no horizonte como necessidade, simultaneamente com a formação integrada com os aspectos da vida? [...] A escola, essa e as outras todas, atropelam a vida, não conseguem conectar com... [...] A escola se preocupa muito em fazer e se pergunta muito pouco sobre aquilo que faz (RAMALHO, 2019, p. 179).

Quando permanecemos na lógica capitalista, formadora de subjetividades consumistas, os primeiros a terem suas fichas debitadas são aqueles que frustram um primeiro objetivo: ter um emprego. Numa ponta vende-se a noção de empreendedorismo de si e na outra, as precarizações não escondem a não garantia dos direitos mínimos para a existência. Neste modo de vida não basta ser o melhor da turma, ser obediente, saber calcular, integrar, resolver, ter um diploma, provavelmente, nesta vida, nada basta. Ainda que a universidade tenha por hábito encerrar seus ciclos com um pedaço de papel assinado pela reitoria, os processos que antecedem este momento precisam ser vividos, encontrados, explorados, exauridos, ...conquistados? decolonializados? movimentados? ocupados? É preciso problematizar: são possíveis outras vidas? A biopotência (re)existe, só está do lado que insistimos em deixar de fora por acreditarmos demais numa estrutura que define o que convém ou não. O que temos deixado de fora nos cursos de Matemática?



Jim? Goze da falta de memória. Espere um dia, dois, três, anos. Retorne e sempre será possível o começo.



Fins

terminar um livro,
um casamento,
onde estaria daqui a alguns
anos
o personagem
o marido
sobreviverá ele à estante
às memórias
o livro:
podemos reler.

(Luiza Mussnich)



Materiais de (des)construção...

- ADICHIE, C. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AHLERT, B.; MOREIRA, K. L.; DE OLIVEIRA LELES, K. L. A moradia e a pandemia: habitação no contexto da crise sanitária de Covid-19. **Revista direito, trabalho e política social**, v. 7, n. 12, p. 20-40, 2021.
- ALIKE. Direção: Daniel Martínez Lara e Rafa Cano Méndez. Produção de Daniel Martínez Lara e Nicolás Matji, 2015. Disponível em: <http://www.alike.es/>. Acesso em: 20 de Out. de 2021.
- ANDRADE, C. D. O Outro. In: **Corpo**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ARTAUD, A. **Œuvres complètes**. Paris: Gallimard, Tome 8, 1936.
- ARTAUD, A. **Van Gogh, le suicidé de la société**. Gallimard, Ed. Paule Thervenin, 2001.
- ARTAUD, A. **O teatro e seu duplo**. Tradução Teixeira Coelho. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ARTAUD, A. **Escritos de um louco**. Coletivo Sabotagem, v. 6, 2014. Disponível em: <http://www.sabotagem.cjb.net/>. Acesso em 8 de fev. de 2021.
- ARTAUD, A. **A perda de si**: cartas de Antonin Artaud. Tradução Ana Kiffer e Mariana Patrício Fernandes. Editora Rocco, 2017.
- ARTICULAÇÃO Nacional dos Comitês Populares da Copa e olimpíadas (Brasil). **Dossiê megaeventos e violações dos direitos humanos no Brasil**. Ancop, 2014.
- BARROS, M. D. **Uma didática da invenção**. Poesia completa, 1993.
- BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- BENJAMIN, W. Experiência e pobreza (1933). **Obras escolhidas, ensaios sobre literatura e história da cultura**, v. 1, p. 123-129, 1994.
- BETIM, F. **Pandemia leva famílias para as ruas de São Paulo e acelera mudança de perfil da população sem-teto** (El País - Brasil). 02 de jun. de 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-06-02/pandemia-leva-familias-para-as-ruas-de-sao-paulo-e-acelera-mudanca-de-perfil-da-populacao-sem-teto.html>. Acesso em: 15 de jun. de 2021.
- BLOCH, E. **El principio esperanza**. Tomo II. Tradução de Felipe González Vicén. Madrid: Aguilar Ediciones, 1979.
- BOULOS, G. **Por que ocupamos? Uma introdução à luta dos sem-teto**. São Paulo: Scortecci, 2014.
- BOULOS, G. C. **Estudo sobre a variação de sintomas depressivos relacionada à participação coletiva em ocupações de sem-teto em São Paulo**. 2017. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-06062017-084608/pt-br.php>. Acesso em: 15 de ago. de 2021.

BRECHT, B. Elegias de Hollywood. **Revista de crítica literaria marxista**, n. 4, p. 85-89, 2010.

BRUM, E. **Banheiro òkòtó**: uma viagem à Amazônia Centro do Mundo. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

CAEIRO, A. **O Guardador de Rebanhos**. In: Poemas de Alberto Caeiro. Lisboa: Ática, 1946.

CARTACAPITAL. **Moradores do Morumbi querem construir muro para separar Parque Paraisópolis** (Sociedade - Carta Capital). 10 de jul. de 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/moradores-do-morumbi-querem-construir-muro-para-separar-parque-paraisopolis/>. Acesso em: 23 de jun. de 2021.

CARTILHA de princípios e linhas organizacionais. **Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto**. 25 set. 2013. Disponível em: <https://cartografiaparticipativairati.files.wordpress.com/2016/12/cartilha-organizac3a7c3a3o-social2.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2021.

CARVALHO-SILVA, H. H. **A dimensão educativa da luta de mulheres por moradia no Movimento dos Trabalhadores Sem Teto de São Paulo**. 2018. 219 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-02052019-154938/pt-br.php>. Acesso em: 15 de ago. de 2021.

CARVALHO, J. B. **Estudo Urbano – Vila Soma** | TFG PUC-Campinas (ISSUU). 08 de abr. de 2021. Disponível em: https://issuu.com/juliabartholo/docs/memorial_urbano_-_tfg_-_orientador_caio_ferreira. Acesso em: 04 de jun. de 2021.

CIRIACO, D. C. **“Nós somos completamente outros”**: uma análise da ocupação urbana Fidel Castro em Uberlândia – MG. 2018. 140 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/8028>. Acesso em: 15 de ago. de 2021.

CLARETO, S. M. **Terceiras margens**: um estudo etnomatemático de espacialidades em Laranjal do Jari (Amapá). 2003. 254 f. Tese (doutorado) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/102153>. Acesso em: 18 de mar. de 2021.

CLARETO, S. M. Na travessia: construção de um campo problemático. In: CLARETO, Sônia Maria; ROTONDO, Margareth Aparecida Sacramento; VEIGA, A. L. V. S. (Org.). **Entre composições**: formação, corpo e educação. 1.ed., Juiz de Fora: Editora da UFJF, p. 17-32, 2011.

CLARETO, S. M. Matemática como acontecimento na sala de aula. **Reunião Nacional da ANPED** (Sistema Nacional de Educação e Participação Popular: Desafios para as Políticas Educacionais), v. 36, 2013.

CLARETO, S. M.; MIARKA, R. eDucAção MAtemática AefeTivA: nomes e movimentos em avessos. **Bolema**: Boletim de Educação Matemática, v. 29, n. 53, p. 794-808, 2015.

CLARETO, S. M.; MIARKA, R. Etnomatemática em Cenas: nas sulinas fronteiras de uma américa, de que “matemáticas” somos capazes?. **Revista Latinoamericana de Etnomatemática**, v. 13, n. 3, p. 09-28, 2020.

- CORAZZA, Sandra Mara. **Artistagens**: filosofia da diferença e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- CORAZZA, Sandra Mara; AQUINO, Julio Groppa. **Abecedário**: educação e diferença, 2009.
- COSTA, A. D. **Luta social e a produção neoliberal do espaço**: as trajetórias das ocupações Vila Soma, Zumbi dos Palmares e Pinheirinho. 2019. 718 f. Tese de Doutorado – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2019. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-03082020-151424/publico/TeseCorrigidaAndreDalBoCosta_compressed.pdf. Acesso em: 02 de jul. de 2021.
- D'AMBRÓSIO, U. Socio-Cultural Bases for Mathematical Education. **Conferencia presentada en el 5° International Congress in Mathematics Education**, Adelaide, Australia, 1984.
- D'AMBRÓSIO, U. Etnomatemática: um programa [Ethnomathematics: A program]. **Educação Matemática em Revista**, v.1, n.1, p. 5-11, 1993a.
- D'AMBRÓSIO, U. **Etnomatemática**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993b.
- D'AMBRÓSIO, U. **Etnomatemática**: elo entre as tradições e a modernidade. 5 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- DA SILVA, A. D. C.; GARCIA, I.; PASTI, A. Ocupação Vila Soma (Sumaré/SP): resistência à cidade corporativa e luta pela cidadania territorial. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 7, n. 2, p. 299-315, 2017.
- DELEUZE, G. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1969.
- DELEUZE, G. **Francis Bacon**: Logique de la Sensation. Tradução Silvio Ferraz e Annita Costa Malufe. Paris: aux éditions de la différence, 1981.
- DELEUZE, G. Signos e acontecimentos:entrevista a Reymond Bellour e François Ewald. (A. Sacchetti, Trad.) (Originalmente publicado em 1988) Em C. H. Escobar (Org), **Dossiê Deleuze**, Rio de Janeiro: Hólon Editorial, p. 9-30, 1991.
- DELEUZE, G. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: **Conversações**. Trad. de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, G. **Espinosa**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002a.
- DELEUZE, G. A imanência: uma vida. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. **Educação & realidade**, v. 27, n. 2, 2002b.
- DELEUZE, G. **Proust e os signos**. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. **Dialogues**. Paris: Flammarion, 1977.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1, 1972. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Editora 34, 1992.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Editora 34, v. 1, 1995a.

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Editora 34, v. 2, 1995b.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Editora 34, v. 3, 1996.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Suely Rolnik. Editora 34, v. 4, 1997a.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Editora 34, v. 5, 1997b.
- DUARTE, C. G.; TASCETTO, L. R. Ciência Maior e Ciência Menor: ressonâncias da filosofia de Deleuze e Guattari na Etnomatemática. **Revista Alexandria**, v. 6, n. 1, p. 105-118, 2013.
- DURVAL, N. **MTST faz novo almoço com camarão em ocupação de SP após polêmica** (Folha de São Paulo). 21 de nov. de 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/moradores-do-morumbi-querem-construir-muro-para-separar-parque-paraisopolis/>. Acesso em: 01 de dez. de 2021.
- ESCOBAR, A. Imaginando el futuro: pensamiento crítico, desarrollo y movimientos sociales. **Desarrollo y democracia**, Caracas: UNESCO/Universidad Central de Venezuela/Nueva Sociedad, p. 135-172, 1991.
- ESCÓSSIA, L. D.; KASTRUP, V. O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade. **Psicologia em Estudo: Maringá**, n.10, v. 2, p. 295-304, 2005.
- ESPINOSA, B. D. **Ética: demonstrada à maneira dos geômetras**. Os Pensadores. Tradução de Joaquim de Carvalho, Joaquim Ferreira Gomes e Antônio Simões. São Paulo: Nova Cultural, 1997.
- ESQUERDA ONLINE. **Ocupações urbanas na mira dos despejos**. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2021/06/04/stf-determina-suspensao-de-despejos-na-pandemia-atendendo-acao-do-psol-e-do-mtst/>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.
- FALCHETTI, C. **Ação coletiva e dinâmica urbana: o MTST e o conflito na produção da cidade**. 2019. 313 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-27112019-183740/pt-br.php>. Acesso em: 15 de ago. de 2021.
- FANTINATO, M. C. C. B. **Identidade e sobrevivência no morro de São Carlos: representações quantitativas e espaciais entre jovens e adultos**. 2003. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- FERNANDES, B. M. Brasil: 500 anos de luta pela terra. **Revista de Cultura Vozes**, v. 93, p. 9-17, 1999.
- FERREIRA, M.; REINHOLZ, F. **“A pandemia nos coloca numa encruzilhada”, afirma Guilherme Boulos** (Brasil de Fato – Porto Alegre). 14 de mai. de 2020. Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2020/05/14/a-pandemia-nos-coloca-numa-encruzilhada-afirma-guilherme-boulos>. Acesso em: 13 de dez. de 2021.
- FRAGA, D. **Identidades: Horas em casa** (Denise Fraga). 20 de jun. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nuuS_8Wepl8. Acesso em 10 de abr. de 2021.

- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999.
- GALLO, S. Conhecimento, transversalidade e currículo. **Reunião anual da ANPED**, v. 24, 1995.
- GALLO, S. As múltiplas dimensões do aprender. **Anais do Congresso de Educação Básica: aprendizagem e Currículo**. 2012. Disponível em:
http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf.
- GIAQUINTO, M. F. **Tornando-se um “acampado” a experiência das famílias organizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST)**. 2016. 208 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8612>. Acesso em: 15 de ago. de 2021.
- GONÇALVES, A. V. O. **Contra-hegemonia, mediação e apropriação social: um estudo sobre o MTST e a ocupação urbana como meio de comunicação**. 2017. 106 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/7816>. Acesso em: 15 de ago. de 2021.
- GONDIM, D. D.; MIARKA, R. Pensar com corpo como pensar com espaço: aforismos imagéticos que afirmam um aprender por trilhas. **Educação Matemática em Revista**, Brasília, v. 23, n. 60, p.169-183, 2018.
- GOULART, D. C. **O anticapitalismo do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto - MTST**. 2011. 242 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/100930>>.
- GROS, F. **Caminhar, uma filosofia**. Tradução de Lília Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2010.
- GUATTARI, F. **As três ecologias**. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990.
- GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992.
- GUATTARI, F.; RONILK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 10ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- HAESBAERT, R. ; BRUCE, G. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. **Revista GEOgraphia**, Niterói, ano IV, n. 7, p. 7-31, 2002.
- HAESBAERT, R. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 166 - 205.
- HARVEY, D. O direito a cidade. São Paulo. **Lutas Sociais**, n. 29, p. 73-89, 2012.

- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: A educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- JESUS, C. M. D. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. Organização e apresentação de Audálio Dantas. Rio de Janeiro: Edição Popular, 1960.
- KASTRUP, V. Aprendizagem, arte e invenção. **Psicologia em estudo**, v. 6, p. 17-27, 2001.
- KFOURI, J. Carta a quem sonha em ser jogador de Futebol. Territórios Transversais, n. 2, p. 14-15, 2015. Disponível em: <http://5c912a4babb9d3d7cce1-6e2107136992060ccfd52e87c213fd32.r10.cf5.rackcdn.com/wp-content/files/territoriostransversais2finalweb.pdf>. Acesso em: 10 de nov. de 2021.
- KNIJNIK, G. Currículo, etnomatemática e educação popular: um estudo em um assentamento do movimento sem terra. **Currículo sem fronteiras**, v. 3, n. 1, p. 96-110, 2003.
- KNIJNIK, G. O que os movimentos sociais têm a dizer à Educação Matemática. **Encontro Nacional de Educação Matemática – ENEM**, v. 8, 2004.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LANDER, E. Hacia otra noción de riqueza. **Acosta, Alberto y Martínez**, 2009.
- LARA, W. **Número de sem-teto nas ruas aumenta em SP durante a pandemia** (G1 – São Paulo). 29 de mai. de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/05/29/numero-de-sem-teto-nas-ruas-aumenta-em-sp-durante-a-pandemia-dizem-servicos-de-atendimento-voluntario-da-cidade.ghtml>. Acesso em: 21 de mai. de 2021.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.
- LARROSA, J. Os paradoxos da autoconsciência. In: **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e máscaras. Tradução de Alfredo Veiga-Neto, Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- LATORRE, B. Tenta. Fracassa. Não importa. Tenta outra vez. Erra outra vez. Erra melhor! **Informe C3**, v. 09, n. 01 (edição 18), p. 21-22, 2016.
- LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, C. **Minhas queridas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- LIZCANO, E. Las matemáticas de la tribu europea. Un estudio de caso. In: **Metáforas que nos piensan. Sobre ciencia, democracia y otras poderosas ficciones**. Ediciones Bajo Cero, 2006.
- LUCHETA, R. **Não somos pessoas, somos acontecimentos. Aula de Gilles Deleuze**. Youtube. 6 de dez. de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1CpsFZUBkO8>. Acesso em: 10 de jan. de 2021.
- MANDL, A. Trabalho e luta: a fábrica ocupada Flaskô e a ocupação Vila Soma. In: BARROS, J.; COSTA, A. D.; RIZEK, C. **Os limites da acumulação, movimentos e resistência nos territórios**. São Carlos: IAU/USP, p. 139-146, 2018.
- MARQUES, S. D.; CORREIA, L. D. A. **Direto à moradia adequada**. Brasília: UniCEUB, Clínica de direitos humanos, 2020.
- MBEMBE, A. Biopoder soberania estado de exceção política da morte. Arte & Ensaio. **Revista do ppgav/eba/ufrrj**, n. 32, 2016.

- MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- MENDES, T. M. **Uma Educação Esquizita. Uma Formação Bricoleur**. Processo ético e estético e político e econômico. 2015. 229 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.
- MIGNOLO, W. D. La opción de-colonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto y un caso. **Tabula Rasa**, n. 8, p. 243-282, 2008. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-24892008000100013&lng=en&tlng=es. Acesso em: 14 de set. de 2021.
- MIGUEL, A. Percursos Indisciplinados na Atividade de Pesquisa em História (da Educação Matemática): entre jogos discursivos como práticas e práticas como jogos discursivos. **Boletim de Educação Matemática**, v. 23, n. 35A, p. 1-57, 2010.
- MIGUEL, A.; VILELA, D. S.; MOURA, A. R. L. de. Desconstruindo a matemática escolar sob uma perspectiva pós-metafísica de educação. **Zetetike**, Campinas, SP, v. 18, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/zetetike/article/view/8646675>. Acesso em: 26 out. de 2021.
- MONTEIRO, A. **Etnomatemática**: as possibilidades pedagógicas num curso de alfabetização para trabalhadores rurais assentados. 1998. 200f. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252479>. Acesso em: 23 jul. 2021.
- MONTEIRO, A.; MENDES, J. R. Saberes em práticas culturais: condutas e contracondutas no campo da Matemática e da Educação Matemática. **Horizontes**, v. 37, p. e019029, 2019.
- MTST e Frente Povo Sem Medo ocupam Bolsa de Valores em protesto contra a fome (Brasil de Fato). 23 de set. de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/09/23/mtst-e-frente-povo-sem-medo-ocupam-bolsa-de-valores-em-protesto-contra-a-fome>. Acesso em: 20 de dez. de 2021.
- NEGRI, A.; COCCO, G. **GlobAL**: biopoder e lutas em uma América Latina globalizada. Rio de Janeiro. Record, 2005.
- NETO, S. O. **Situação Prestes Maia**: o processo de colaboração entre artistas, coletivos artísticos e o Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC). Ocupação Prestes Maia/ São Paulo (2003-2007). 2012. 216 f. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-04042013-112114/pt-br.php>. Acesso em: 15 de ago. de 2021.
- NIETZSCHE, F. **Humano, demasiadamente humano**. Rio de Janeiro: Cia da Letras, 2000.
- NIETZSCHE, F. **A ciência gaia**. Tradução de Alfredo Margarido. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.
- NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NOGUER, M.; FERRARI, M. **Educación en movimiento** (Educação em Movimento). 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VGY3S_Va680&t=1s. Acesso em: 20 de jun. de 2021.

OLIVEIRA, C. J. **Matemática escolar e práticas sociais no cotidiano da Vila Fátima: um estudo Etnomatemático**. 1998. 126p. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1998.

ORJUELA-BERNAL, J. **Indígenas, Cosmovisão e Ensino Superior: [algumas] tensões**. 2018. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/154217>. Acesso em: 25 de jun. de 2021.

PARNET, C. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Site Dossiê Deleuze, 2010. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/44556271/2_texto2_30marco-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1639536919&Signature=YBRDz2o2lGP8M92uh9EPJQNZnkx335vLIRbmPP-hIsD~nekNAzh4fjmg9AEQeibE7YNPJJdC4Tdnm09R1cI-x9y4b8hFU~7Xu3GxdBrTEKakRn9mBPfZVDAjRswPHVMhskTZY7ypQwjUkbGIAtYt1VtkNQ9wIESKbnI3fagln2zGodlGsNW1pI7F9yijlevYLppiCAsPEDjrbrdlPHrFzQKk1GXnPWnfpSp6Z3YBhJaUeTggFHHSCo~Mfohy9t~hblOdkSmb3Qoc5DQvExDFeh2tpQS5MGyxaxCxcqtg oMNEXYXMZB2nq1HoJmGrGoFsZV0FqlfTPTVCdj54sEAA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 30 de ago. de 2021.

PARRA, A. Algunos lugares comunes en las investigaciones etnomatemáticas. Apresentada em **Ciclo de conferencias del programa de Licenciatura en Matemáticas de la Universidad de los Llanos**, Colômbia, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q5lCkdDTqtE>. Acesso em: 10 de jun. de 2021.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Posto Alegre: Sulina, 2015.

PAULO, P. P. **Pessoas buscam ossos de carne na caçamba de descarte do Mercado, Centro de SP** (G1 - Globo). 08 de out. de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/10/08/pessoas-buscam-ossos-de-carne-na-cacamba-de-descarte-do-mercadao-centro-de-sp.ghtml>. Acesso em: 30 de nov. de 2021.

PAULUCCI, E. M.; TAMAYO-OSORIO, C. [E]tnomatemáticaS: uma discussão acerca do nomadismo. **Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática**, v. 11, n. 2, p. 125-152, 31 mar. 2021. Disponível em: <http://sbem.iuri0094.hospedagemdesites.ws/revista/index.php/ripen/article/view/2551>. Acesso em: 06 de dez. de 2021.

PAVINI, R. **As máscaras de Artaud**. Curitiba: PUCPRESS, 2021.

PEDROSO, B.; SAMPAIO, P.; AGUIAR, J. **Pandemia da Covid-19 aumenta número de pessoas sem-teto no Rio** (G1 – Rio de Janeiro). 29 de jun. de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/29/pandemia-da-covid-19-aumenta-numero-de-pessoas-sem-teto-no-rio-veja-depoimentos.ghtml>. Acesso em: 21 de mai. de 2021.

PELBART, P. P. Políticas da vida, produção do comum e a vida em jogo. **Saúde Soc.** São Paulo, v. 24, n. 1, p. 19-26, 2013.

PORTO-GONÇALVES, C. W.; QUENTAL, P. A. Colonialidade do poder e os desafios da integração regional na América Latina. **Polis Revista Latinoamericana**, n. 31, 2012.

QUIJANO, A. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In: LANDER, E. (ed.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: Clacso, p. 227-278, 2005.

RAMALHO, B. B. M. **A escola dos que (não) são:** concepções e práticas de uma educação (anti)colonial. 230 f. Tese (Doutorado em Educação, Conhecimento e Inclusão Social). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte, 2019. Disponível em: . Acesso em: 15 de ago. de 2021.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante:** cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RAZÃO INADEQUADA. **Devir núvem** – por um amor livre (Razão Inadequada), s. d. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2015/06/29/devir-nuvem-por-um-amor-leve/#:~:text=Brincamos%20de%20descobrir%20as%20formas,porque%20h%C3%A1%20de%20se%20brincar>. Acesso em: 10 de dez. de 2021.

RODRIGUES, C. M. L. **“Daqui não saio, daqui ninguém me tira”:** estudo de caso do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto), para além da dicotomia entre identidade e estratégia. 2002. 156 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/9730>. Acesso em: 15 de ago. de 2021.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. Editora Estação Liberdade: São Paulo, 1989.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição:** notas para uma vida não cafetinada. n-1 edições, 2019.

ROLNIK, R. **Guerra dos lugares:** a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo, Boitempo, 2015.

ROLNIK, R. **2020:** ano de ficar em casa... sem casa? (A cidade é nossa – Notícias UOL). 30 de abr. de 2021. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/colunas/a-cidade-e-nossa/2021/04/30/2020-ano-de-ficar-em-casa-sem-casa.htm?fbclid=IwAR00RWh9K7yXKGHEVLgueDmjXaGP8sj4kJ_lIDs_-5nAyyrP6gB-NYTUU_k. Acesso em: 15 de mai. de 2021.

ROQUE, T. Resistir a quê? Ou melhor, resistir o quê. **Lugar comum**, v. 17, p. 23-32, 2003.

RUA, F. **O 29 de Maio do MTST em São Paulo** (VICE Media Group). 29 de mai. de 2015. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/wnea7m/29-de-maio-cut-mtst-sao-paulo-sp>. Acesso em: 12 de mai. de 2021.

SABINO, A. Contrarracionalidades pela sobrevivência. **Anais das Semanas de Geografia da Unicamp**, p. 93-100, 2018.

SABINO, A. Luta pela terra urbana na periferia pobre da metrópole campineira: contrarracionalidades e usos do território em Sumaré e Hortolândia – SP (2000-2017). **Anais do XIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia**, 2019. Disponível em: http://www.enanpege.ggf.br/2019/resources/anais/8/1562631053_ARQUIVO_TrabalhoCompleto-AndersonSabino-ENANPEGE2019.pdf. Acesso em: 30 de jun. de 2021.

SALLES, A. C. **Deleuze e os estóicos:** sentido e acontecimento. In: JARDIM, A. F. C.; VENDAS, A. C.; MARQUES, S. T.; SALES, L. S. (Org.). Experimentações Filosóficas: Ensaio, Encontros e Diálogos. São Carlos: Edufscar e Fapesp, 2009.

SANTOS, M. **Pobreza urbana**. São Paulo: Edusp, 1978.

SANTOS, M. D. A. Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 21, n. 1, p. 7-14, 1996. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38613/26350>. Acesso em: 01 de nov. de 2021.

- SANTOS, O. A. A. **Em busca de território autônomos: as práticas espaciais do movimento dos trabalhadores sem-teto na região metropolitana do Recife.** 2013. 150 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10954>. Acesso em: 15 de ago. de 2021.
- SCHIAVON, J. P. Nossa Humanidade. In: **Coleção Pandemia Crítica.** Editora n-1. 2020.
- SCHUCK, C. A. **Por uma educação matemática com arte: passagens pelo pensamento de Walter Benjamin.** 2021. 96 f. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/222512>. Acesso em: 15 de set. de 2021.
- SPINOZA, B. **Ética.** Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- TADEU, T; CORAZZA, S; ZORDAN, P. **Linhas de Escrita.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- TAMAYO-OSORIO, C.; DA SILVA, M. E se Nós Tivéssemos Escolas Mukanda Que Contassem Diversas Histórias Africanas Para Todo o Mundo. **Educação Matemática em Revista**, v. 23, n. 60, p. 263-282, 2017.
- TAMAYO-OSORIO, C. A colonialidade do saber: um olhar desde a Educação Matemática. **Revista Latinoamericana de Etnomatemática**, v.10, n.3, p.39-58, 2017. Disponível em: <https://www.revista.etnomatematica.org/index.php/RevLatEm/article/view/475>. Acesso em: 10 de out. de 2021.
- TAMAYO, C.; PAULUCCI, E. Da Geo-metria a geo-cor-metria da contestação: outros afetos na/da prática ikghuptu das mulheres Ndebele da África do Sul. **Journal of Mathematics and Culture**, n. 15, v. 4, p. 42-63, 2021.
- VASQUES, J. Sem-tetos, sem-pátrias, sem-palavras. **Territórios Transversais: resistência urbana em movimento**, n. 2, p. 33, 2015. Disponível em: <http://5c912a4babb9d3d7cce1-6e2107136992060ccfd52e87c213fd32.r10.cf5.rackcdn.com/wp-content/files/territoriostransversais2finalweb.pdf>. Acesso em: 10 de nov. de 2021.
- VIEIRA, L. A. R. **O fazer de um formigueiro: o MTST, os sem teto e a ocupação Povo Sem Medo de Fortaleza.** 2017. 147 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Humanidades III, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/28969>. Acesso em: 15 de ago. de 2021.
- VILA Soma, **A Luta Pela Moradia | Lutar e Resistir.** (Vila Soma – A Luta Pela Moradia). 6 de dez. de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TNaY0oBt8-0>. Acesso: 01 de jul. de 2021.
- WALSH, C. Las geopolíticas del conocimiento y colonialidad del poder. Entrevista a Walter Mignolo. Polis. **Revista Latinoamericana**, n. 4, 2003.
- ZOURABICHVILI, F. **O vocabulário de Deleuze.** Tradução de André Telles. Rio de Janeiro, 2004.

ou por onde andamos...

EDUCAÇÃO, em movimento. Direção: Malena Noguer e Martín Ferrari. Argentina, 2018. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VGY3S_Va680&t=1s. Acesso em: 27 de mai. de 2021.

ENTRE **mundos**: um dia no bairro mais desigual do mundo. Direção: Thiago B. Mendonça e Renata Jardim. São Paulo, 2015. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YHmssX8MSLo>. Acesso em: 20 de jun. de 2021.

PELBART, P. P. **Rizoma Temporal**. Outras palavras, v.5. São Paulo: Ecidade, 2020.

OCUPAÇÃO **Vila Soma** | Sumaré (SP) (Revista Vaidape). 2 de mar. de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uRkL6AkgCps>. Acesso em: 01 de jul. de 2021.

OCUPAÇÃO **Vila Soma**: “Queremos ser tratados como seres humanos” (CartaCapital). 23 de abr. de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nPGUqnpGr>. Acesso em: 01 de jul. de 2021.

RIBEIRO; A. P.; SZERMETA, N. A escola da revolução. **Revista Territórios Transversais**. Resistência urbana em movimento, 2015.

SOMA, Vila, 9 anos: lutas e desafio atuais (AGB – Campinas). 29 de jun. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OA7a5rbAQvU> – Acesso em: 29 de jun. de 2021.

Cântico negro

“Vem por aqui” — dizem-me alguns com olhos doces,

Estendendo-me os braços, e seguros

De que seria bom que eu os ouvisse

Quando me dizem: “vem por aqui”!

Eu olho-os com olhos lassos,

(Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)

E cruzo os braços,

E nunca vou por ali...

A minha glória é esta:

Criar desumanidade!

Não acompanhar ninguém.

— Que eu vivo com o mesmo sem-vontade

Com que rasguei o ventre a minha Mãe

Não, não vou por aí! Só vou por onde

Me levam meus próprios passos...

Se ao que busco saber nenhum de vós responde
Por que me repetis: “vem por aqui!”?
Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
Redemoinhar aos ventos,
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
A ir por aí...

Se vim ao mundo, foi
Só para desflorar florestas virgens,
E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!
O mais que faço não vale nada.

Como, pois, sereis vós
Que me dareis machados, ferramentas e coragem
Para eu derrubar os meus obstáculos?...

Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,
E vós amais o que é fácil!
Eu amo o Longe e a Miragem,
Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

Ide! Tendes estradas,
Tendes jardins, tendes canteiros,
Tendes pátria, tendes tetos,
E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios.
Eu tenho a minha Loucura!
Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,
E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...

Deus e o Diabo é que guiam, mais ninguém.
Todos tiveram pai, todos tiveram mãe.
Mas eu, que nunca principio nem acabo,
Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções,
 Ninguém me peça definições!
 Ninguém me diga: “vem por aqui”!
 A minha vida é um vendaval que se soltou.
 É uma onda que se levantou.
 É um átomo a mais que se animou...
 Não sei por onde vou,
 Não sei para onde vou
 — Sei que não vou por aí!

– José Régio, em “Poemas de Deus e do Diabo”, 4ª ed., Lisboa: Portugália, 1955, p. 108-110.

Somos todos Amarildo

Guerreiros do campo, do morro da favela.
 Sem sorte na vida, sem dinheiro, sem trabalho, na miséria.
 Vai à rua com revolta, usa ela, veste ela.
 Que sua arma é sua voz. Sabe a força que tem ela?
 Sua veste avermelhada pelo sangue derramado.
 Tua história vem de longe, em navio negreiro transportado.
 Filhos da periferia, pela pátria abandonados.
 Lutando seguem a vida.
 Guerreiros na linha da rua e do campo forjados.
 Que em teu último suspiro, gritos de ordem sejam entoados.
 Para que todos saibam que na vida, filhos da periferia não morrem sem ter lutado.

– J.B.: Coordenadora da ocupação Nova Palestina – Revista Territórios Transversais, 2015

Duas mãos

Temos duas mãos para uma ajudar a outra,
 e a outra
 e a outra
 e até mesmo aquela

que se fecha entre seus dedos
e se comunica com apenas UM
Um solitário dedo
se iludindo que existe melhor entre nós
e por medo, aponta para o céu
sem perceber que o paraíso é aqui
no entrelaçar dos dedos
de tantas mãos calejadas
que já enxugaram lágrimas
assoaram narizes
venderam pizzas e DVDs
e cozinham cuscuz.
Mãos que já amoleceram aço
Constroem portões
mas ficam do lado de fora
no desemprego, no subemprego.
Mãos que pintam unhas
de cores tão reluzentes
que parecem faróis
indicando o certo
e o gostoso
que duram
conforme a química do detergente
ou algum anel de machista tentar lhe tolher.
Mãos que com unhas arranham opressores
Cravam barracos
levantam lonas
erguem-se como panteras
batucam como quilombos
batem palmas e torés
por uma outra vida
Porque duas mãos
podem até se segurar
mas é preciso muitas mãos

para revolucionar.

- Vinícius Oliveira. Escrita em 8 de janeiro de 2017.

